

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

História da África: Um continente de muitos povos

**Luiz Felipe Zimmermann
Fernando Morscheitter**

Relatório de Estágio

Florianópolis, novembro de 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

História da África: Um continente de muitos povos.

Relatório do Estágio Curricular do curso de História pela UFSC, realizado na turma de sétima série A do Colégio de Aplicação.

Alunos: Luiz Felipe Zimmermann e Fernando Morshheiter

Orientadora: Profa Dra. Mônica Martins da Silva

Coorientadora: Profa Ms. Cristiane Grumm.

Florianópolis, novembro de 2011.

Sumário

Introdução.....	5
Observando as Aulas e o Colégio de Aplicação: a inserção no campo de estágio.....	6
A Observação da Turma.....	10
“Saber escolar e conhecimento histórico: itinerários para novas configurações da história escolar”: a prática de pesquisa associada à formação de professor.....	12
O ensino de história e a construção dos saberes: desafios da mediação didática.....	13
A construção de uma proposta de ensino: entre o planejamento e a prática.....	14
'Introdução a História da África' e o início da prática pedagógica	
Aulas de Luiz Felipe Zimmermann.....	18
'Reinos e Impérios Africanos': abordagens de povos e sociedades africanos.	25
Aulas ministradas por Fernando Morschheiter.	33
Os UCAs - Aula 17.	43
A relação com a turma na prática.	45
A Educação Inclusiva.	49
Bibliografia.....	50
Anexos.....	53
Plano de aula 1.....	54
Anexo T 1.....	57
Plano de aula 2.....	62
Anexo O3.....	65
Anexo A 1.....	67
Anexo O 2.....	69
Plano de aula 3.....	78
Anexo A 1.....	80
Plano de aula 4.....	82
Anexo O 1.....	83
Legendas.....	96

Plano de aula 5.....	103
Anexo A 2.....	104
Plano de aula 6.....	106
Anexo T 2.....	109
Plano de aula 7.....	113
Anexo A 3.....	116
Plano de aula 8.....	119
Anexo T 3.....	121
Plano de aula 9.....	128
Anexo A 4.....	131
Plano de aula 10.....	134
Plano de aula 11.....	136
Anexo A 5.....	138
Plano de aula 12.....	141
Anexo E 1.....	143
Plano de aula 13.....	144
Anexo T 5.....	147
Anexo A 6.....	150
Anexo E 1.....	152
Plano de aula 14.....	153
Anexo T 4.....	155
Anexo E 2.....	165
Plano de aula 15.....	165
Plano de aula 16.....	170
Anexo O 4.....	173
Anexo A 7.....	174
Plano de aula 17.....	176
Anexo O 5.....	178

Introdução

O estágio é uma fase importante no processo de formação do professor onde há a oportunidade de articular os saberes docentes acumulados durante o curso de graduação com os saberes referentes à disciplina de história, e desenvolver novos saberes, relativos à experiência prática como professores. Precisamos, entretanto, compreender que essa etapa ainda é apenas a preparação para a docência e o aprendizado para o momento posterior da formação. O estágio possui, dessa maneira, uma dinâmica bastante própria e particular, que está de acordo, entre outras questões, com as características do estágio curricular, a orientação da professora responsável, a cultura escolar da instituição que abriga o estágio e as características da turma em que os estagiários atuaram. Além disso, existem diversas questões de caráter mais subjetivo, envolvendo os indivíduos que participam do processo, que também influenciam o andamento das atividades. Esse relatório pretende discutir os principais aspectos da experiência de prática docente proporcionada pelo nosso estágio, assim como as relações entre o planejamento e a prática.

O estágio curricular do curso de história da UFSC possui uma série de especificidades que foram determinantes na formulação do planejamento de nossas aulas. A primeira delas diz respeito ao currículo da disciplina, que está dividido em três semestres diferentes. A divisão ocorre da seguinte maneira: 1º semestre, observação e reflexão sobre a escola, o cotidiano, a sala de aula e a cultura escolar; 2º semestre, a observação da turma em que será desenvolvida a atividade de estágio, elaboração do projeto de ensino e planos de aula e, a partir desses materiais, atuação prática na sala de aula; 3º semestre, reflexões a respeito da prática do estágio, por meio de apresentações em eventos, publicações e produção do relatório final.

Como opção para o exercício das atividades referentes ao estágio, nosso trabalho foi desenvolvido em duplas (em outros casos de nossa turma, o estágio chegou a ser realizado por trios). A opção de trabalho em duplas ocorreu para viabilizar a execução do projeto, pois possibilitava o trabalho coletivo desenvolvendo o planejamento por meio de debates e discussões. Além disso, nosso campo de estágio contava com poucas turmas disponíveis o que reforçou a necessidade do trabalho em grupo.

No decorrer deste relatório apresentaremos nossa trajetória acadêmica que teve uma influência bastante importante no decorrer do nosso processo de estágio. O estagiário Luiz Felipe Zimmermann, responsável pelas primeiras aulas lecionadas ao longo do estágio II, ingressou no curso matutino de História da Universidade Federal de Santa Catarina no primeiro semestre do ano de 2008. Em junho de 2009 ingressou no PET (Programa de Educação Tutorial) do curso, sua primeira bolsa de estudos ao longo do curso. Ao longo dos dois anos em que esteve ligado ao programa, juntamente com os demais estagiários, desenvolveu e coordenou diversas atividades de ensino, pesquisa e extensão. No primeiro semestre de 2011, antes das atividades referentes ao estágio supervisionado II, iniciou seu trabalho como professor voluntário de História Geral no Curso pré-vestibular comunitário do grupo PET, onde permaneceu lecionando ao longo de todo o ano, que foi de grande importância para sua formação enquanto docente. Além de estudante egresso do PET-História UFSC, Luiz é atualmente monitor da disciplina de História da América Portuguesa sob orientação do professor Dr. Marcio R. Voigt, além de membro do núcleo de estudos medievais MERIDIANUM – da UFSC.

O estagiário Fernando Morshheiter, assim como Luiz, ingressou no curso de História no primeiro semestre de 2008, no período matutino. No início de 2011 entrou para o projeto Santa AFRO Catarina, vinculado ao Laboratório de História Social do Trabalho e da Cultura, sob a orientação da professora Dra. Beatriz Gallotti Mamigonian. Atualmente, segue trabalhando nesse mesmo projeto que une pesquisa, ensino e extensão, e visa a elaboração de roteiros temáticos referentes à presença africana e afrodescendente em Santa Catarina, no século XIX.

Observando as Aulas e o Colégio de Aplicação: a inserção no campo de estágio

A escola campo onde desenvolvemos as atividades do estágio foi o Colégio de Aplicação da UFSC. Pela natureza da instituição, trata-se de um ambiente já preparado para receber estagiários, logo mais cômodo e acolhedor. Além disso, os professores do colégio possuem dedicação exclusiva, tempo e disposição para atender os estagiários, o que contribui

muito com o processo. Ocorre que essa não é realidade nas instituições públicas em geral, onde os professores, muitas vezes, são mal remunerados e possuem uma carga horária excessiva, não tendo tempo para desenvolver atividades diversas de ensino, pesquisa e extensão ou de atender e fazer reuniões com os estagiários. As reuniões e o atendimento da professora Cristiane¹ foram importantíssimos para o nosso estágio.

Ao longo do Estágio Supervisionado I uma das principais atividades desenvolvidas dizia respeito à observação das aulas no Colégio de Aplicação. Nesse momento, ainda não sabíamos em qual turma ou série atuaríamos como professores no semestre seguinte, portanto o objetivo dessas observações eram a identificação e análise da “gestão da matéria” e “gestão da classe”, referentes então à prática pedagógica do professor.

Durante esse semestre observamos cinco aulas de História da professora Daniela², na turma 5ª série C. Cada aula observada teve uma proposta diferente, por isso nosso relatório levou em conta a observação de diferentes atividades: na primeira aula observamos a aplicação de uma prova; na segunda aula, a professora entregou a prova aos alunos e eles deveriam corrigir às questões erradas para entregar; na terceira a professora falou sobre o dia da consciência negra e deu aos alunos a atividade de um poema sobre a presença do negro na sociedade brasileira; na quarta, passou vídeos e fez uma discussão sobre a negritude; na quinta, começou um novo conteúdo, abordando a sedentarização do homem e o surgimento das primeiras cidades. Ao longo das aulas, percebemos os primeiros desafios do professor no que diz respeito à gestão da turma e à gestão da matéria, procurando compreender o trânsito e a inter-relação entre esse dois aspectos na prática pedagógica do professor.

Consideramos a atividade de observação essencial para pensar o trabalho em sala de aula. Por meio dela, compreendemos que todo o trabalho didático precisa ser planejado e organizado, devendo estar de acordo com os

¹ A professora Cristiane Grümme era a professora do Colégio de Aplicação responsável pelas aulas de História na 7ª série A. Ela havia sido contratada pelo colégio no início do ano de 2011, por isso estava, tanto quanto nós, começando a conhecer a turma no momento em que iniciamos nossas observações.

² A professora Daniela Sbravatti era a professora substituta responsável pelas aulas de história na 5ª série C, no Colégio de Aplicação, no ano de 2010, quando iniciamos nossa observação das aulas.

objetivos da disciplina de história, com o projeto político pedagógico do colégio, com as especificidades dos alunos e suas dificuldades, buscando o desenvolvimento de habilidades e competências na construção do conhecimento escolar. Enfim, o trabalho do professor está sempre inserido em um contexto escolar próprio e precisa estar de acordo com ele.

Como parte das atividades do Estágio I, nossa turma realizou diversos trabalhos de investigação do seu cotidiano escolar, sendo que cada dupla ficou responsável por desenvolver a pesquisa de um determinado tema, previamente apresentado pela professora, com o objetivo de discutir um conjunto de questões que nos possibilitariam conhecer as características da instituição por meio do seu cotidiano e da cultura escolar.

O nosso grupo optou pela temática que diz respeito ao Projeto de Ensino de História no CA: Diretrizes, Concepções teórico-metodológicas e cotidiano escolar. Através desse trabalho pudemos verificar que o Currículo do CA tem diversas particularidades que precisam ser consideradas na preparação do estágio. Primeiramente, conforme analisamos, não há um projeto de ensino de história formalizado pelo colégio. Analisando o PPP e os ementários, pudemos perceber que havia uma clara diferença entre as diferentes séries no que diz respeito à elaboração, a abordagem e à organização das ementas das diferentes séries. Apesar da ausência de um projeto claro para a disciplina de história, podemos perceber algumas especificidades muito importantes como a orientação cronológica do currículo que resulta em trabalhar na quinta série, com uma abordagem sobre a metodologia e a especificidade do conhecimento histórico, prosseguindo na abordagem dos conteúdos de forma cronológica, que resulta em tratar da história antiga na sexta série e, assim, sucessivamente, de modo que uma vez ensinado, o conteúdo não será retomado ou trabalhado novamente até o fim do ensino médio. Apesar disso, na prática, muitos professores alternam a abordagem temática e a cronológica, resultando em um trabalho marcado por muitas especificidades, caracterizado mais pelas escolhas e opções do professor do que propriamente por uma diretriz curricular previamente estabelecida.

No início do estágio II, as atividades de observação das aulas foram retomadas, dessa vez em uma turma de sétima série cujas aulas eram ministradas pela professora Cristiane Grumm, mas se diferenciaram do

semestre anterior, pois possuíamos motivações mais imediatas, visto que estávamos observando a turma em que logo viríamos a nos inserir como professores. Não nos bastava apenas observar, compreender e relatar o cotidiano da sala de aula – precisávamos de um diagnóstico que nos permitisse antever os problemas e formular estratégias de acordo com as especificidades da turma, do semestre, da série, etc. Não nos era suficiente descrever o cotidiano, mas era fundamental analisá-lo.

No decorrer da observação, identificamos o que consideramos mais relevante dentro do contexto das observações para o nosso estágio. Primeiramente analisamos os aspectos gerais da turma, que envolviam as suas características, alguns problemas observados, assim como o processo que foi desenvolvido pelos professores e especialmente pela professora de história para transformar a realidade inicial da turma, que se mostrava muito indisciplinada e com pouco interesse nas atividades escolares. Em segundo lugar, os desdobramentos da implantação do projeto dos aparelhos UCAs, que foi implantado no colégio em 2011 e que desencadeou uma série de problemas para a dinâmica do colégio – e aqui nós analisamos o programa, os problemas desencadeados para a sala de aula, os motivos do programa não ter sido aproveitado em todo o seu potencial para ser incorporado às aulas e algumas consequências da implantação. Após isso, ressaltamos a educação inclusiva a partir da proposta do colégio e das relações que pudemos perceber entre as alunas portadoras de deficiências e a turma na qual estavam inseridas. Por último, a dinâmica das atividades propostas pela professora aula por aula. Neste caso, a aula é sempre construída pela professora a partir de um conjunto de escolhas, que vão desde o conteúdo, o recorte, o material, a dinâmica da aula, as atividades, a orientação, etc. Todas essas escolhas seriam decisivas para os resultados alcançados nas aulas e analisamos os resultados.

O conteúdo que vinha sendo trabalhado pela professora Cristiane nas aulas observadas era referente à Idade Média europeia. Ao longo das aulas, os conteúdos e atividades trabalhados e desenvolvidos envolviam a análise de documentos, autores e textos, tendo em vista o entendimento sobre o feudalismo, as características da Idade Média, o conceito de medieval, o contexto político, econômico e social presente nas sociedades senhoriais da Europa Ocidental naquele momento. Outros conteúdos previstos para esse

mesmo ano eram o início da Idade Moderna e as Grandes Navegações, como também os conteúdos referentes à África pré-colonial.

A Observação da Turma

As aulas da disciplina de história na sétima série A ocorriam às segundas e sextas-feiras no último horário, entre as 16h50 e 17h50, sendo que na segunda-feira a aula anterior era do laboratório de línguas, o que fazia com que os alunos estivessem em outras salas e precisassem se deslocar, tirando parte do tempo da aula e contribuindo para um tumulto inicial. O fato de a disciplina de história ter sempre a última aula também gerava um tumulto final, pois os alunos tendiam sempre guardar o material nos 5 ou 10 minutos finais, conversando, e muitas vezes até a se levantando, colocando-se frente à porta. Isso ficou evidente em muitas das aulas observadas, sendo uma questão que requeria atenção especial para que não se perdesse muito tempo da aula.

No decorrer da observação, pudemos observar algumas características da turma. Em primeiro lugar tratava-se de uma sétima série, e já era esperado que os alunos demonstrassem um comportamento mais agitado, característico da idade. Esse aspecto nos ficou bem claro já na primeira aula, tanto pelo que assistimos quanto pela conversa que tivemos posteriormente com a professora, que considerava que a turma era motivo de preocupação. A professora, que também havia iniciado há pouco tempo, falou que não tinha conseguido ainda entender como despertar o interesse dessa turma e como buscar estratégias para captar algum interesse dos alunos que os fizessem se envolver com a aula. Embora houvesse alunos que participassem em momentos específicos, era bastante recorrente que ficassem, sobretudo as meninas, em pé, circulando pela sala, conversando sobre assuntos diversos que nada tinham a ver com a aula, brincando, demonstrando, assim, total desinteresse e uma postura nada condizente com o ambiente de sala de aula. Esses problemas não ocorriam somente na disciplina de história, mas eram recorrentes nas diversas disciplinas. Como reação, houve um esforço conjunto dos diversos professores para tentarem melhorar a relação com a turma. Uma das estratégias foi o estabelecimento de um espelho de classe, que evitou alguns focos de conversa e agitação que eram sempre recorrentes. A professora Cristiane, mesmo com o

passar das aulas passou a exigir dos alunos uma mudança nas atitudes em sala de aula. Passou a conversar com aqueles que estavam atrapalhando e desrespeitando e fez uma atividade de auto avaliação com os alunos, pedindo para que eles se comprometessem a melhorar aquilo que admitiam estar errado. Essas estratégias foram importantíssimas ao longo do processo para conseguirem recuperar a turma e despertar uma mudança de atitude em relação ao espaço de sala de aula.

Com a diminuição do tumulto, parte da turma começou a demonstrar outra face, melhor que a anterior, participando das aulas e apresentando ótima produção escrita, em relação ao quadro anterior e mesmo em relação às demais turmas, segundo nos foi relatado pela professora. Entretanto, mesmo ocorrendo essa participação efetiva dos alunos, ela se dava de maneira desorganizada e limitava-se a alguns poucos nomes. Faltava-lhes, ainda, a organização e a disciplina necessários para melhorar o rendimento da aula para levantar a mão para falar, para fazer silêncio quando um colega estivesse falando, para sentar-se virado para frente, para manter sobre a mesa apenas o material da disciplina, para trazer o material didático, etc. Essas questões ainda precisavam ser muito trabalhadas com essa turma, contudo, o progresso já foi bastante significativo.

Uma especificidade da turma, que chamou atenção principalmente nessas aulas iniciais, foi o engajamento político nas eleições do grêmio estudantil. Grande parte da turma fazia parte de uma das chapas que concorreu, e mesmo os alunos que não faziam parte se viram envolvidos com o processo. Isso ficou evidente nas negociações entre a professora e os alunos sobre a liberação da turma para os debates do grêmio, quando ficou acordado que haveria a liberação para a participação no debate, que ocorreu no dia 09/05, dia em que a nossa dupla teria ministrado a primeira aula. A chapa da turma não foi eleita, mas apenas por uma diferença de poucos votos, o que mostrou como foi importante a participação deles, uma turma de 7ª série, nesse processo.

Percebemos, com a observação, que teríamos o desafio de fazer com que a turma mantivesse aquela postura que tanto custou para adquirir e, sabíamos desde já, que essa era uma tarefa difícil que iria exigir muita dedicação e planejamento.

“Saber escolar e conhecimento histórico: itinerários para novas configurações da história escolar”: a prática de pesquisa associada à formação de professores.

Outra especificidade que foi determinante para o nosso planejamento foi o fato de o nosso estágio estar inserido dentro de um projeto de pesquisa intitulado “Saber escolar e conhecimento histórico: itinerários para novas configurações da história escolar”³ coordenado pela professora Andréa Ferreira Delgado e no qual a professora Mônica Martins da Silva, orientadora do nosso estágio, atua como pesquisadora. Esse projeto tem como um dos objetivos centrais, a produção de materiais didáticos para a educação básica com novas abordagens acerca da história da África, dos afro-descendentes e indígenas no Brasil a partir da inter-relação teórica e metodológica entre conhecimento histórico escolar, produção historiográfica diálogo com as leis 10639/03 e 11645/08, que tornou obrigatório o ensino da história da África, dos afro-descendentes e indígenas no Brasil. Com essa configuração, a proposta do Estágio II não seria apenas a construção de um projeto de ensino e planos de aula, mas possibilitaria a construção de materiais didáticos e por meio deles o desenvolvimento de uma prática de pesquisa associada à nossa formação inicial de professores.

A importância desse projeto está no fato de ele ser uma das iniciativas que contribui para alterar o quadro deficitário do ensino de História da África no Brasil, principalmente no que se refere à disponibilidade e qualidade de materiais didático-pedagógicos. Apesar dos avanços nas pesquisas nessa área, ainda existe muita dificuldade por parte dos professores já formados em lecionar esses conteúdos pois, até mesmo os livros didáticos ainda apresentam preconceitos e imprecisões sobre a história da África e dos seus descendentes, demarcando uma carência de materiais didáticos, como afirma Anderson Ribeiro Oliva (OLIVA, 2003) em seu trabalho *A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática*.

³ Esse projeto de pesquisa é desenvolvido no Departamento de Metodologia de Ensino que é responsável, no curso de história da UFSC, pelas disciplinas que tratam especificamente do ensino de História.

O ensino de história e a construção dos saberes: desafios da mediação didática

Durante muito tempo, os saberes presentes nas disciplinas escolares foram tomados como vulgarização do conhecimento desenvolvido na academia. Empregava-se o conceito de “transposição didática”, ou seja, a idéia que o conhecimento advindo da academia passava por um processo de simplificação que deveria torná-lo inteligível ao nível escolar. Dessa maneira, uma transposição didática bem feita seria caracterizada pela clareza e simplicidade da transmissão do conhecimento sem, porém, que esse conhecimento fosse deturpado.

Baseando-nos em autores como Circe Bittencourt (2005), Vera Maria Candau (1999) e Ana Maria Monteiro (2007) buscamos romper com essa visão que considera os saberes escolares como meros reflexos da academia. Partimos da concepção de que a escola é uma instituição própria e autônoma, e os saberes escolares apresentam sua própria autonomia em relação aos saberes acadêmicos, não sendo uma mera simplificação. Além disso, a escola enquanto instituição com o papel de educar para a vida social, recebe influências diversas de toda a sociedade onde está inserida, de acordo com seus princípios, valores e conhecimentos socialmente constituídos – a academia é, portanto, apenas uma dentre essas várias instituições. Utilizamos então do conceito de “cultura escolar” para nos referirmos a essa cultura autônoma que desenvolve-se na escola a partir das diferentes influências recebidas, pensando sempre na dinâmica própria da escola e sua inserção em relação à sociedade onde ela está inserida.

O conceito de “transposição didática” pode ser substituído pelo conceito de “mediação didática” de Alice Cassimiro Lopes (1999) que busca fugir à noção hierarquizante e de mão única, frisando a relação dialética que existe entre os saberes socialmente constituídos, os saberes desenvolvidos pela academia e os saberes escolares. A mediação didática relaciona-se, dessa maneira, com a noção de cultura escolar, vendo a escola como uma instituição autônoma que se inter-relaciona com as diversas influências que recebe.

A disciplina ou matéria de história, assim como todas as demais, possui uma série de especificidades e configurações próprias das quais faz parte os conceitos e noções estruturantes da disciplina como espaço e tempo e o trabalho com documentos, que foram apresentados em sala de aula não como meras ilustrações ou comprovações dos conteúdos ensinados, mas como objetos de perguntas e interrogações a serem analisados.

Além do trabalho com documentos, a construção do conhecimento histórico-escolar ocorre em diálogo com as noções de cultura escolar e mediação didática, constituindo-se em relação com os conhecimentos prévios dos alunos - uma vez que esses sujeitos apreendem diversas concepções históricas na sua vida cotidiana. A construção do conhecimento histórico-escolar passa também por uma constante problematização da história - que opera tanto na noção de história-problema defendida pelos historiadores da Escola dos Anales, quanto pela própria crítica à construção da narrativa histórica enquanto uma relação de poder.

Dentro dessa dinâmica própria da cultura escolar, o professor atua como mediador do conhecimento e possui um papel central que precisa ser analisado. No processo de docência, diversos saberes são articulados pelo educador: ele possui saberes referentes ao conteúdo acadêmico e saberes pedagógicos adquiridos no seu processo de formação e os saberes advindos de sua experiência de sala de aula. Cada um desses saberes, que são articulados pelo professor no processo de ensino possui características próprias, e o conjunto deles constitui os “saberes docentes” (Tardif, 2002). Pensando o estágio enquanto importante momento da formação docente, precisávamos, então, articular essa gama de saberes, desenvolvendo-os.

A construção de uma proposta de ensino: entre o planejamento e a prática.

Nossa prática de ensino foi sempre guiada a partir de um projeto que estruturamos no início do semestre. Esse projeto de ensino deveria contemplar os planos de aula, os textos didáticos utilizados, as atividades desenvolvidas com os alunos, e todos os demais documentos e materiais referentes especificamente à prática de ensino. A construção de um planejamento bem

estruturado permitiria uma melhor organização da prática de ensino, para que se pensasse nela, a longo prazo, buscando alcançar os objetivos que eram propostos também no projeto.

Durante o período que constituiu a docência, esse planejamento precisou, constantemente, ser revisto e reformulado de acordo com as experiências adquiridas durante as aulas e nossas percepções sobre a turma. A dinâmica de sala de aula fez, diversas vezes, com que atividades ou conteúdos requeressem mais aulas ou, muitas vezes, conteúdos que não haviam sido bem trabalhados anteriormente e precisaram ser retomados.

Para melhor trabalhar esse projeto, desenvolvemos dois eixos temáticos sobre os quais foi estruturado o ensino de História da África, e que possibilitou uma melhor organização dos conteúdos trabalhados e maior clareza dos recortes históricos realizados. Inicialmente, havíamos planejado trabalhar com quatro eixos, destinando quatro aulas para cada. Entretanto, conforme foi mencionado, o planejamento foi se alterando e acabamos trabalhando somente com os dois primeiros, tendo no fim, por exemplo, materiais que acabaram não sendo utilizados, como texto didático e atividades, em virtude dessas mudanças.

No primeiro eixo, 'Introdução a História da África', foi realizado, como o próprio título sugere, uma introdução aos estudos referentes ao continente africano, tendo como principal objetivo desconstruir alguns estereótipos que se tem sobre o assunto, apresentando a África como um continente diversificado e possuidor de um vasto legado cultural. Além disso, pretendeu-se fazer com que o aluno se identificasse com as culturas africanas, familiarizando-o com aquele continente, de modo a fazer com que percebessem que fazia parte da sua História. A proposição desse eixo se justifica pela ausência de um conhecimento escolar prévio sobre a África e um excesso de imagens preconceituosas e estereotipadas transmitidas por outros veículos como a mídia em geral. Um dos principais referenciais utilizados nesse trabalho foi o livro 'A África ensinada para meus filhos' de Alberto da Costa e Silva. A escolha do primeiro capítulo deste livro como texto-base do primeiro eixo se deve tanto à importância desse autor para os estudos brasileiros sobre a história da África quanto à particularidade desse texto, que aborda diversas questões gerais e

específicas da história da África numa linguagem e num formato apropriados para o uso didático.

Numa segunda etapa do processo foi trabalhado o eixo intitulado 'Reinos e Impérios Africanos' que, abordou de maneira um pouco mais aprofundada o continente em questão, falando de diversos reinos e impérios que existiram na África enquanto a Europa vivia o período posteriormente classificado como medieval, destacando os aspectos culturais e as organizações sociais e políticas de cada um, além das relações que tinham entre si e com outros povos. Também foi trabalhado nesse momento, as influências externas que adentraram na África, como o Islamismo e o Cristianismo, destacando-se o papel do comércio entre os povos, mostrando aos alunos que a África estava amplamente inserida na globalidade da época. Partindo da Idade Média, fizemos referência ao Norte da África, mas nos aprofundamos em diversos reinos da África subsaariana. Trabalhamos inicialmente com os reinos de Gana, Mali e Songhai da África Ocidental e, posteriormente, abordamos o Reino do Congo. Esse trabalho se justifica por romper com diversas visões recorrentes e preconceituosas que desprezam o desenvolvimento social e cultural da África pré-colonial – e nós, a partir dessas aulas tentamos mostrar o contrário, que esse continente possuía formas de organização política, cultural e social ricas e complexas.

Além dos eixos desenvolvidos, pretendíamos trabalhar também, com um terceiro e um quarto eixos: “A escravidão na África” e “O contato com os europeus”. No eixo sobre a escravidão iríamos abordar essa prática em período anterior ao contato com os europeus, por meio de um texto didático com questões bem diversas sobre o assunto. Seriam utilizadas quatro aulas, contemplando a leitura e discussão de texto didático, análise de imagens e inclusive, uma atividade de imaginação histórica em que os alunos iriam elaborar um diário, narrando o dia de um escravo.

Após essas quatro aulas sobre a escravidão, iríamos trabalhar com o contato entre europeus e africanos e as mudanças que ocorreram na África em virtude dessa relação. Para este eixo, que encerraria o estágio, utilizaríamos, também, quatro aulas. Apesar de não termos trabalhado com este eixo especificamente, acabamos abordando alguns elementos dessa discussão no

eixo referente aos reinos africanos, mais especificamente no trabalho com o reino do Congo que foi selecionado pela relação com o Brasil.

Para cada eixo trabalhado foram produzidos diversos materiais didáticos, utilizados pelos alunos tanto em aula como em casa. Essa produção constituía um dos objetivos da nossa prática pedagógica, orientada pelo projeto “Saber escolar e conhecimento histórico: itinerários para novas configurações da história escolar”, o qual, conforme já mencionado, tem, dentre os seus principais objetivos, estimular a produção de materiais didáticos para o ensino fundamental e médio. Em segundo lugar, porque a disponibilidade de materiais didáticos de boa qualidade sobre história da África é bastante restrita. Além disso, o livro didático utilizado pelos alunos e professores do CA, não trazia propostas de estudo sobre África. Assim sendo, optamos por produzir tudo o que seria usado no que diz respeito aos materiais. Produzimos ao todo, três textos base, um texto retirado do livro “A África explicada para meus filhos” de Alberto da Costa e Silva, e também 8 atividades avaliativas.

Cada texto era produzido com base em alguns critérios, pois tínhamos que levar em consideração uma série de fatores que iam desde a fundamentação teórica do conteúdo até a aparência do material. Tratando-se de uma sétima série, não poderíamos deixar de pensar em fazer um material atraente, para que despertasse, o interesse nos alunos. Além do texto, cada material contava com alguns documentos escritos e iconográficos, o que nos permitia fazer com os alunos o exercício de análise, tentando aproximá-los do trabalho historiográfico. Esses documentos também se faziam presentes em algumas atividades, quase sempre referentes aos textos que eram discutidos em aula e tinham, dentre outros objetivos, a intenção de exercitar e avaliar a interpretação do texto por parte dos alunos.

Assim sendo, as aulas serão relatadas nesse trabalho tendo sempre em vista os limites entre o planejamento e a prática docente. Como opção para a descrição e análise da prática docente, dividimos as aulas em dois blocos a serem apresentados por cada um dos estagiários, responsável pelas aulas ministradas nesse momento. Dessa maneira o texto será escrito sempre em primeira pessoa, mesmo que a análise do trabalho tenha se constituído de maneira conjunta e constante entre ambos.

'Introdução a História da África' e o início da prática pedagógica

Aulas de Luiz Felipe Zimmermann

De acordo com a divisão em eixos, comecei minha aula pelo Eixo I, que deveria apresentar o continente africano. Já na minha primeira aula, um dos objetivos era criar uma identidade com os alunos, permitindo que eu os conhecesse melhor e que eles também me conhecessem. Como fazia parte do primeiro eixo do nosso estágio, nessa aula também pretendíamos introduzir os alunos ao estudo da história da África, levantando uma série de questionamentos iniciais a serem desenvolvidos nas aulas seguintes. Isso seria feito a partir da leitura e do debate sobre trechos do primeiro capítulo do Livro “A África explicada para meus filhos” de Alberto da Costa e Silva (**anexo T 1**). A metodologia planejada foi de que a aula deveria ser constituída na oralidade a partir de um debate com os alunos, articulando os seus conhecimentos prévios àqueles que estavam sendo apresentados.

Com o intuito de dar noções mais gerais do continente africano, entregamos uma cópia do primeiro capítulo do livro para cada aluno e pedimos para que fizessem uma capa e lessem o material. Tratando-se de um livro com uma linguagem bastante acessível e um conteúdo de certa forma mais geral, ele visa desconstruir muitos estereótipos do continente africano, permitindo ao aluno um olhar mais crítico logo no início do processo de aprendizagem. Seu autor, o africanista, poeta, ensaísta, memorialista, historiador e membro da Academia Brasileira de Letras, o embaixador Alberto da Costa e Silva, é também autor de “A enxada e a lança” (1996), “A manilha e o libambo” (2002) e “Francisco Félix de Souza”, mercador de escravos (2004). “A África explicada para meus filhos” (2008), diferentemente dos demais livros, apresenta com uma linguagem acessível, a importância de se estudar a história da África, nos mostrando diversos aspectos de um continente diverso e cheia de singularidades, cuja história está intimamente ligada à nossa própria história.

A primeira mudança que ocorreu em relação ao planejamento inicial foi que o estagiário Fernando não pôde estar presente nessa primeira aula devido a sua participação em um evento acadêmico na primeira semana de aula. Outro imprevisto ocorrido foi o atraso no início da aula, ocorrido porque as

cópias do texto foram deixadas na sala de História do CA, que no dia estava trancada. Por último, a falta de organização da aula, associada ao excesso de confiança na espontaneidade da discussão e na oralidade, fez com que o repertório da exposição oral fosse insuficiente para a aula, que acabou com 10 minutos de antecedência.

O Principal material utilizado ao longo dessa aula foi o Xerox do primeiro capítulo do livro “A África Explicada para meus filhos” (**anexo T 1**), que foi utilizado em outras aulas subseqüentes. A orientação sobre como os alunos deveriam lidar com essa material foi dada – eles deveriam encaderná-lo em casa, fazer uma capa ilustrada, ler o material e trazê-lo para todas as aulas. Nas aulas seguintes, esse material continuou sendo cobrado. Outros recursos como data-show e o uso do quadro foram dispensados, mas ficou evidente que o uso do quadro teria sido importante para registrar as discussões que eram desenvolvidas ao longo da aula, e sua falta fez com que os pontos mais concretos da discussão se perdessem nas aulas seguintes. O texto-base deveria ter sido utilizado apenas parcialmente, para apresentá-lo aos alunos e a partir daí a aula deveria continuar oralmente – o que não funcionou. Essa falta de organização fez com que etapas básicas, como a numeração das páginas e dos parágrafos, fossem esquecidas. Com a falta de repertório oral, o texto acabou por ser utilizado exaustivamente, fugindo à proposta inicial.

De modo geral a aula ficou muito aquém do que se esperava e do que poderia ter sido. O primeiro ponto negativo foi a falta de uma organização mais concreta acerca do desenvolvimento da aula, que acabou tendendo para a improvisação. Outro ponto foi o excesso de expectativas na oralidade, sem o uso de recursos diferentes que pudessem auxiliar e estruturar o conteúdo. Por fim, a falta de um repertório claro e objetivo, e a confiança nas discussões que surgiriam espontaneamente a partir do debate também configurou um ponto negativo da aula. A professora orientadora de estágio já havia feito diversas críticas ao planejamento e alertado para alguns desses problemas, por isso passei a incorporar melhor suas críticas desse momento em diante. Esses pontos deveriam servir de lição para as aulas seguintes.

Apesar disso, a aula foi bastante importante para a minha formação docente. O objetivo de me aproximar dos alunos pareceu, apesar de tudo, ter tido êxito, pois ficou claro que eles tentavam contribuir na medida do possível

para melhorar o andamento das aulas. Além disso, eu tive ao final da aula uma visão clara sobre o que deu errado e quais aspectos poderiam ter sido melhor aproveitados e como isso deveria ser feito, o que deveria ser aplicado ao longo das próximas aulas.

Uma vez apresentadas diversas questões gerais sobre a África na primeira aula, a segunda deveria trabalhar com mapas que apresentassem as divisões geográficas, regionais e políticas do continente e, no segundo momento, desenvolver uma atividade em grupos, com toda a sala, que pretendia construir um mapa da África a partir de imagens das paisagens africanas. A primeira parte do trabalho pretendia familiarizar os alunos com a diversidade das paisagens da África, mostrando para eles as diferenças regionais do ponto de vista conceitual. A segunda parte propunha o exercício e a visualização dos conhecimentos desenvolvidos a partir do uso das figuras que representavam diversas paisagens africanas. (**anexo O 2**)

A utilização do quadro para a construção dos mapas foi um ponto bastante positivo da aula. Os mapas (**anexo O 3**) ficaram bem trabalhados e organizados, constituindo recursos didáticos importantes. Apesar disso, a utilização de outros materiais – como textos didáticos, o caderno, Xerox das orientações para a realização da atividade – teriam tornado a aula mais organizada e proveitosa.

No entanto, considero que essa aula foi muito mais proveitosa que a primeira, pois consegui aproveitar muito bem as minhas habilidades enquanto professor, articulando bem as habilidades de desenho, o domínio do conteúdo e a oratória.

As professoras relataram ao final da aula que aqueles que olhavam do fundo da sala não conseguiam distinguir as cores de giz utilizadas nos mapas do quadro. Além disso, devido ao tempo apertado, o segundo mapa não pôde ser preenchido e exposto com tanto esmero quanto o primeiro. O ponto mais negativo da aula, porém, foi a atividade, que devido ao curto tempo disponível ao fim da aula e inexistência de uma organização prévia mais clara e objetiva sobre como ela deveria ser realizada, acabou resultando em uma execução desorganizada e caótica, sendo concluída apenas por poucos grupos e mesmo assim de maneira bastante insatisfatória e superficial. Houve confusão também

sobre se os alunos deveriam levar as atividades para casa para serem concluídas ou se deveriam entregá-las para mim ao fim da aula.

Ficou clara, porém, a necessidade de uma segunda aula para a realização da atividade, que deveria ser, então, melhor orientada e aproveitada – isso seria feito na aula seguinte. Dessa maneira, a única atividade a ser desenvolvida ao longo dessa outra aula foi a construção do mapa a partir das cópias de paisagens distribuídas aos alunos. Entretanto, haviam outros objetivos a serem desenvolvidos, como retomar os conteúdos trabalhados nas aulas anteriores, ampliar as noções espaciais e geográficas dos alunos e identificar as regiões através das paisagens apresentadas.

Em relação à aula anterior, houve mudanças significativas na maneira como as atividades foram encaminhadas. A principal delas foi o fato de, dessa vez, a atividade ter sido detalhadamente estruturada numa folha de Xerox à parte, na qual os alunos deveriam responder as questões. A aula inteira fora disponibilizada para a feitura e apresentação das atividades, e os alunos deveriam fazê-lo no tempo sugerido, o que era resultado de uma reflexão sobre a necessidade da gestão do tempo.

Os principais materiais utilizados durante essa aula foram os xerox das imagens (**anexo O 2**) que estavam sendo analisadas pelos alunos, e das atividades referentes a essas imagens. Os alunos deveriam responder às questões na própria folha e, após a conclusão e posteriormente à sua apresentação para a turma, os alunos deveriam colar suas imagens no mapa que havia sido desenhado no quadro, na região que imaginassem ser correspondente.

Após o encaminhamento da atividade, iniciei a orientação grupo por grupo, de acordo com as dificuldades dos alunos. Iniciadas as apresentações, busquei auxiliar os grupos e instigá-los a partir dos conhecimentos antes trabalhados e seus conhecimentos prévios, ao mesmo tempo que tentava manter o silêncio e a ordem no resto da turma. Ao fim, a aula mostrou-se bastante proveitosa, e boa parte dos grupos alcançou os objetivos propostos.

Como a aula anterior precisou ser dividida em duas aulas diferentes, parte do processo acabou se perdendo no meio do caminho. Os mapas que haviam sido desenhados no quadro e explicados na aula anterior para os alunos eram de grande importância para a realização da atividade. A distância

em relação a aula anterior e a falta de uma orientação sobre o registro daquelas informações por parte dos alunos levou a uma maior dificuldade em realizar as atividades. Outra dificuldade encontrada foi a resistência dos alunos em realizar o trabalho, parando a qualquer sinal de dificuldade, que foi vencida insistindo que eles fizessem-na passo a passo. A proposta era primeiro descrever a figura, depois analisá-la e por último indicar a região da África a que pertencia. De forma geral, as apresentações foram boas e a atividade funcionou muito bem, tendo valido à pena dedicar uma aula inteira para a sua realização. O mapa também ficou melhor organizado, o que favoreceu a compreensão das imagens por parte dos alunos.

Algumas dificuldades em trabalhar com essa turma, evidentes desde as observações, puderam ser percebidas durante essa aula, entre elas: a de trabalhar em grupo sem dispersar; a de articular os conhecimentos de maneira escrita; de responderem a atividade sem a ajuda constante do professor; e de ficar em silêncio prestando atenção nas apresentações dos colegas. Esses pontos precisariam ainda ser melhor trabalhados nas aulas seguintes.

Na aula seguinte, apenas parte dela serviu para finalizar as apresentações dos grupos que não tiveram tempo para concluí-las na aula anterior. Após finalizada a atividade pendente, eu deveria seguir com a proposta da aula. Foi feita uma seleção de imagens, num arquivo de power point, correspondentes a representações iconográficas e objetos de cultura material produzidos no período medieval que nos serviram de fontes para a história da África. Os documentos iam desde objetos e construções⁴ (**anexo O 1**) produzidas pelos próprios africanos quanto ilustrações em mapas e relatos de viajantes produzidos por árabes e europeus.

Dando seguimento, eu levei a turma para o auditório, dando todos os comandos de que eles levassem o material, fizessem silêncio, etc. A passagem pelos corredores foi um pouco tumultuada, mas nada que já não fosse esperado. Ao chegar ao auditório os próprios alunos trataram de ligar os aparelhos, as luzes, o som, e me instruir, o que foi bastante positivo e mostrou

⁴ O Arquivo de Power Point contendo as imagens está em anexo. Todas as imagens foram retiradas do site http://www.bhzdesign.com.br/clientes/ibnbattuta/antigas_civilizacoes_africanas.html. O site será melhor explicado posteriormente nesse trabalho.

uma boa disposição deles com as minhas aulas. O arquivo já havia sido testado e eu já havia preparado

Cada aluno receberia uma folha⁵ (**anexo A 1**) com diversos textos diferentes, cada um correspondente à descrição de uma das imagens, e deveria colocar ao lado o número da imagem correspondente. Com isso eu pretendia que, enquanto passasse as imagens, os alunos fizessem perguntas e prestassem atenção ao invés de ignorarem minha apresentação e dispersarem. Infelizmente a atividade não funcionou como o esperado, pois faltaram algumas estratégias.

Os alunos se sentaram muito espalhados e distantes, o que fez com que muitos conversassem ou não prestassem a devida atenção às imagens que eram apresentadas. Ao fim, pudemos perceber que o espaço do auditório e a maneira como ele foi utilizado prejudicaram a atividade, pois apenas para uma parte da turma aquela atividade realmente fez sentido. Quanto às legendas, consideramos que elas foram interessantes para que os alunos tivessem um retorno escrito daquilo o que foi trabalhado nessa aula, mas, no fim, elas fizeram com que algumas vezes o debate fosse mais engessado e os alunos ficassem muito presos ao que estava escrito, e não tanto a levantar questionamentos diversos sobre as imagens. Talvez uma apresentação apenas oral, mais livre, tivesse tido melhores resultados, já que eu tinha o domínio da descrição e do conteúdo das imagens e assim tinha plenas condições de desenvolver essa aula a partir de um debate oral.

A cada imagem eu levantava uma série de questões e perguntas, que faziam com que os alunos se esforçassem para participar. Alguns dos alunos participaram a aula inteira e se interessaram bastante pelas imagens. Algumas vezes elas estimulavam questionamentos muito interessantes por parte deles, o que fez com que eu e a professora da turma, conversando posteriormente, tenhamos considerado que a aula posta em prática foi interessante e enriquecedora, mas ainda muito aquém do seu potencial.

Na quinta e última aula do primeiro eixo fizemos a opção de realizar uma avaliação com os alunos. Encerrando o primeiro eixo, essa aula deveria trabalhar com todas as questões levantadas nas aulas anteriores, envolvendo

⁵ Atividade I, em anexo.

as paisagens, a localização geográfica, as características gerais do continente africano e o trabalho com imagens sobre a África. Para isso, foi feita uma folha de avaliação⁶ (**anexo A 2**) com diversas questões e a análise de um documento iconográfico. A opção por realizarmos uma prova nessa aula foi feita por diversos motivos, um deles foi pela experiência de fazer a prova e observarmos a reação da turma, outro motivo foi nos afirmarmos enquanto professores da turma, e por fim a própria avaliação sobre os resultados conseguidos com as aulas ministradas.

Um problema sério foi o fato de eu não ter avisado na aula anterior que essa aula teria a atividade avaliativa. Apesar disso eu logo me apressei durante a semana em pedir que a professora Cristiane avisasse os alunos que a aula dessa sexta-feira envolveria a realização de uma atividade avaliativa, e que os alunos deveriam levar o texto entregue na primeira aula para auxiliar a realização da atividade. Apesar disso tive que gastar muito tempo insistindo com eles e ouvindo reclamações a respeito da prova – mas a resistência por parte dos alunos na sua realização não é exclusividade dessa situação, sendo parte das estratégias recorrentes da turma para boicotar as atividades, o que já havia ocorrido mesmo com a professora da turma. Logo eu tive que cortar o assunto e começar a prova para não perder mais tempo. A resistência deles foi muito grande, por mais que eles tivessem sido avisados e soubessem o conteúdo, afirmavam que não sabiam nada, que não haviam aprendido nada nas aulas anteriores, o que não era verdade de acordo com os resultados da prova.

Outro problema encontrado foi que a maior parte dos alunos não havia lido o texto-base em casa, então, não sabiam nem o que estava escrito nem onde procurar no texto as informações que eram solicitadas para a atividade. Por esse motivo, os alunos acabaram fazendo uma leitura muito ruim do texto no momento, procurando apenas os trechos que pudessem fazer um copia e cola para a prova, fugindo do objetivo proposto. Por isso, muitas vezes faziam uma leitura fragmentada e não interpretavam corretamente os trechos. Dessa maneira, a minha atenção como professor era necessária para que eles conseguissem concluir a atividade.

⁶ Atividade III, em anexo.

Apesar disso, eu pude circular entre os alunos e tirar-lhes as dúvidas, e no atendimento individual consegui conhecer melhor os alunos e exercer melhor minha função de professor. Eu via que eles tinham dúvidas e inseguranças em escrever, em saber o que era perguntado e o que deveriam responder. Meu trabalho foi auxiliá-los a colocar no papel as idéias que eles já tinham, mas não conseguiam expressar.

Os resultados da avaliação foram bons e mostraram que os alunos, apesar de todos os problemas, tiveram um bom aproveitamento dos conteúdos. Os resultados também mostraram que a prova estava adequada para a turma, que a orientação foi bem feita e surtiu efeito. Por esses motivos considero que tanto a avaliação quando o primeiro eixo foram um sucesso, apesar de todas as ressalvas feitas durante essas cinco aulas.

Muitos alunos, em especial aqueles que tinham pressa em terminar a prova, achando que eu os deixaria sair mais cedo, deixaram questões em branco. Em função disso, insisti que concluíssem a atividade, pois havia tempo para ler, pensar, ou mesmo “chutar” a resposta. Alguns alunos insistiam que eu os deixasse sair da sala após terem concluído a prova, mas eu resisti afirmando que eles deveriam permanecer em silêncio aguardando o fim da aula e procurando concluir a atividade.

Duas principais questões ficaram evidentes ao longo do desenvolvimento do primeiro eixo. A primeira dizia respeito à necessidade de se criar uma rotina de trabalho ao entrar na aula. Essa rotina consistia em fazer a chamada, verificar o espelho de classe, pedir que os alunos retirassem o material da disciplina, entregassem as atividades pendentes, não utilizassem os UCAs no horário da aula, etc. A segunda questão aprendida foi a importância em criar recursos para que os alunos tivessem um registro mais organizado dos assuntos discutidos e trabalhados ao longo das aulas. Tentaríamos desenvolver isso a partir das aulas seguintes com o uso do quadro negro, do caderno e dos textos-base produzidos para essas aulas,

'Reinos e Impérios Africanos': abordagens de povos e sociedades africanos

O segundo eixo do nosso trabalho era o momento em que deveríamos aprofundar alguns assuntos e focar em alguns reinos específicos do continente africano. Para isso, utilizamos uma série de materiais disponibilizados pelo projeto “Viajando pela África com Ibn Battuta”, realizando sempre um trabalho de mediação didática para trazê-los para as nossas aulas.

O projeto intitulado “Viajando pela África com Ibn Battuta”, tem como resultado um site com conteúdo referente a África ocidental, elaborado a partir de pesquisas sobre o viajante árabe Ibn Battuta que esteve nessa região em meados do século XIV. Iniciado em 2007 por professores dos Departamentos de Educação e Desenvolvimento Social da Pró-Reitoria de Extensão e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem o objetivo de oferecer subsídios didáticopedagógicos para o ensino de História da África, atendendo às demandas produzidas pela lei 10.639/2003. O foco do projeto foi a produção de um documentário didático de história, para ser utilizado na educação básica, com duração de 26 minutos, sobre a saga do viajante Marroquino Ibn Battuta ao reino do Mali, na África Ocidental.

O personagem do vídeo, Ibn Battuta, nasceu no Marrocos, na cidade de Tanger, por volta da primeira metade do século XIV. Em 1325, com o intuito de visitar os lugares santos do Islã, Battuta deixou sua cidade natal e deu início a uma sequência de viagens que perpassaria três continentes, incluindo a travessia do deserto do Saara, que o levaria até o Reino do Mali, na África ocidental. Em 1352 o viajante, acompanhando uma caravana de comerciantes, partiu de Sijilmassa e atravessou o deserto para conhecer os muçulmanos negros da África Ocidental. Mais tarde, em 1356, Ibn Battuta relatou suas experiências ao escritor Ibn Djuzayy que compôs o livro *Tuhfat al-Nuzzar fi Ghara'ib al-Amsar wa-'Aja'ib al-Asfar* (Um presente para aqueles que contemplam as Belezas das Cidades e as Maravilhas da Viagem). Os registros dessa viagem constituem a principal fonte escrita direta sobre o Reino do Mali, o mais importante reino da África Ocidental até o século XV.

Como as sociedades da África Subsaariana pré-colonial deixaram poucos vestígios escritos, não temos documentos dessa natureza produzidos pelos próprios malineses, tendo que buscar outras fontes e fragmentos a partir dos quais podemos estudar sua história como a tradição oral, a arqueologia e

os relatos de viajantes. Os relatos de viajantes constituem um tipo de documento muito valioso para o estudo da história de sociedades que carecem de vestígios escritos, como é o caso da África subsaariana, ou mesmo do Brasil Colonial. É recomendável, entretanto, que não utilizemo-nos das descrições encontradas nesses relatos como verdades absolutas, mas sempre como um olhar externo, feito por alguém que não compartilha daquela cultura e muitas vezes não a compreende. Dessa maneira, os relatos de viajante sempre deverão ser relativizados e tratados como o olhar de um outro, que observa do ponto de vista de sua própria cultura e para aqueles que dela compartilham, descrevendo uma cultura e uma sociedade que lhe é estranha e exótica.

Além dos relatos do viajante Ibn Battuta, o documentário apresenta diversos outros documentos históricos, como outros relatos, mapas, ilustrações e fontes arqueológicas, que podem ser localizados no site que possui um grande acervo que pode ser visualizado e baixado da internet. O objetivo é articular esses documentos construindo um material didático de acordo com a historiografia mais atual sobre a história da África – há no documentário depoimentos de diversos historiadores africanistas, tais como Rivair Macedo, coordenador do projeto, Alberto da Costa e Silva, Khadim Mbacké e Moraes Farias, Silvio Correa, entre outros. A participação desses historiadores permite ir além dos relatos de viajantes, aumentando o alcance do documentário para uma descrição mais ampla da economia, sociedade e cultura africana, as relações da África com os outros continentes e ampliando também a discussão temporal, indo até os reinos de Gana e Songhai, que dominaram a mesma região da África Ocidental em períodos históricos diferentes, respectivamente precedendo e sucedendo o Mali. Dessa maneira, o site constituiu um material didático bastante rico e amplo para o uso como base para que estruturássemos as atividades do nosso estágio.

O site disponibiliza também um suplemento de estudo indicando maneiras de utilizar esse material em sala de aula. Através de um plano organizado com uma sequência de conteúdos e materiais selecionados, indica algumas atividades, trabalhos com determinados conceitos, análise de fontes e relações com a cultura brasileira, para serem diretamente trabalhados com os alunos. Entretanto, levando em consideração as nossas intenções de adequarmo-nos às características da turma, o fato de já termos nosso projeto definido e

também o fato de estarmos inseridos em um projeto de pesquisa que visa dentre outras coisas a produção de materiais didáticos, optamos por fazer o uso do material à nossa própria maneira. Assim selecionamos os documentos, as imagens, os mapas, conforme os nossos objetivos. O vídeo seria, então, o principal documento articulador do nosso projeto, mas também utilizamo-nos de diversos outros materiais, pensando sempre na mediação entre eles e a sala de aula.

Tendo o vídeo então como a peça-chave das aulas que se seguiriam, percebemos que além do olhar sobre a África, já trabalhado, precisávamos problematizar também o olhar dos alunos sobre o Islã, lembrando que estamos trabalhando com relatos de um autor muçulmano sobre suas viagens a um reino que segue mesma religião. Essa etapa do nosso trabalho se mostrou fundamental se pensarmos a mediação didática e a construção do conhecimento escolar, pois além dos objetivos já citados previamente, estabeleceu relações entre o conteúdo e os conhecimentos prévios dos alunos, assim como entre o passado e o presente.

Especialmente a partir dos atentados de 11 de setembro de 2001, a imprensa em geral, nos traz leituras do muçulmano como terrorista, fanático e inimigo. Fazia-se necessário então que tentássemos compreender essa religião para podermos resistir aos preconceitos e estereótipos midiáticos. Nessa aula tentamos desconstruir esses pré-conceitos, abordamos a história do surgimento e da expansão do Islã – tendo o enfoque na expansão sobre o norte e posteriormente outras regiões da África – assim como os pilares e ensinamentos básicos da fé islâmica, e falamos sobre o mundo islâmico na atualidade. Além disso, produzimos o texto nº 2 (**anexo T 2**), intitulado *Islâmicos, Árabes e Muçulmanos*, onde colocamos um símbolo islâmico – a lua crescente com uma estrela – um mapa da expansão islâmica e uma tabela contendo os principais países em população islâmica e seus percentuais e um glossário com conceitos-chave. Esse texto falava a respeito do nascimento do islamismo, dos seus princípios básicos e da expansão muçulmana e do islamismo na atualidade.

Essa aula iniciou um novo eixo temático para ser trabalhado com os alunos: os reinos islâmicos da África. Sendo a primeira aula desse eixo, e

tendo havido um eixo inteiro para que os alunos discutissem o que é a África, ela deveria familiarizar os alunos com o islamismo.

Primeiramente eu perguntei a eles o que lhes vinha à cabeça quando ouviam os termos islamismo, muçulmano e árabe. Os alunos logo começaram a colocar diversas ideias envolvendo terrorismo, homem bomba, radicalismo, guerra, etc. Essa era a imagem passada a eles pelos meios de comunicação em geral. A partir disso comecei a discutir aquilo o que eles não sabiam: a origem medieval do islamismo, a diferença entre islâmico, árabe e muçulmano, o parentesco entre judaísmo, cristianismo e islamismo, a história da origem e expansão do islamismo entre outros aspectos. Para o fim da aula, deixei a pergunta central: por que então os meios de comunicação fazem tanta confusão entre Islã, muçulmanos, árabes, terroristas, radicais, etc.? Por que a imagem que chega a nós é essa que eles expuseram no começo da aula?

Nessa aula, tentei utilizar o quadro para guiar as discussões. Entretanto a falta de organização e método acabou fazendo com que esse quadro servisse muito pouco para os alunos e muito mais para me guiar na aula. A utilização do material também não foi apropriada e foi insuficiente⁷ (anexo T 2). Esse material deveria ter sido lido e discutido ponto a ponto para valorizá-lo, e não apenas entregue aos alunos, mesmo porque eu tive todo um esforço por construí-lo de maneira clara e sintética e a discussão a partir dele teria sido interessante. Como o material não estava sendo utilizado, quando a aula encontrou seus minutos finais e eu pretendia trabalhar com eles uma das questões presentes nas folhas, que era a dos países de maioria islâmica na atualidade, poucos ainda tinham o material sobre a mesa.

Apesar desses problemas quanto ao uso do quadro e do material didático, considero que essa aula foi muito boa. Eu consegui me sair muito bem articulando a aula com as questões levantadas pelos alunos, tinha um bom domínio do conteúdo, não me mostrei nervoso e expliquei a aula de maneira organizada e coerente. Consegui levar os alunos não apenas a prestarem a atenção na história do islamismo, mas principalmente a encararem ele como uma religião, sua importância para as sociedades que o seguem e a relação existente entre ele e outras religiões. Ao fim, eu discuti com os alunos sobre

⁷ O material citado corresponde ao Texto II em Anexo.

aquela questão importante: por que a visão que quase sempre nos é transmitida sobre o islamismo é aquela que eles lembraram no início da aula? - O que foi bastante proveitoso. Assim considero que essa aula, embora tenha evidenciado diversas questões que eu ainda precisava melhorar, cumpriu muito bem com os seus objetivos.

Na aula seguinte, já havíamos, conforme citamos anteriormente, familiarizado os alunos com as principais paisagens e regiões do continente africano, desconstruído diversos pré-conceitos generalizantes sobre o continente africano e mostrado aos alunos a diversidade e riqueza da história da África. Agora precisávamos apresentar aos alunos o vídeo em si. Tratamos os relatos da viagem de Ibn Battuta e o próprio vídeo como documento histórico, como não poderia deixar de ser, fizemos uma apresentação do vídeo e levantamos uma série de questões às quais os alunos precisavam estar atentos enquanto assistiam ao documentário.

Algumas das reflexões que fizemos em prol da mediação didática foram: quais conhecimentos prévios seriam importantes para que os alunos compreendessem as informações que eram transmitidas pelo vídeo? Quais os conceitos utilizados no vídeo que os alunos ainda não dominavam? De que maneira poderíamos fazer com que os alunos se interessassem em assistir e compreender o vídeo? Quais os significados o vídeo traria para eles? De que maneira conectaríamos o vídeo às aulas já ministradas e aquelas que ainda ministrariamos posteriormente? De que maneira poderíamos aproveitar a riqueza do vídeo em nossas aulas?

Essa aula vinha sendo esperada há muito tempo. Ela havia sido inicialmente planejada para iniciar o segundo eixo. Mudamos esse planejamento para que pudéssemos antes, trabalhar com os alunos ao menos sobre o Islã e sua história. Essa decisão contribuiu para dar sentido ao vídeo, já que no momento em que o apresentássemos os alunos já possuíam uma gama de conhecimentos prévios sobre o que é o islamismo, e sobre a expansão islâmica, importantíssimos para dar sentido à narrativa. Dessa maneira, o olhar dos alunos sobre o vídeo poderia ser mais profundo, buscando melhores análises e reflexões.

Essa aula precisou ser realizada no auditório, que já havia tido problemas anteriormente na aula das imagens, por isso foi necessário que

mudássemos as estratégias. Os alunos foram colocados todos no mesmo canto e todos na frente, com os professores ao redor, para evitar que eles se dispersassem e não prestassem atenção ao vídeo. Eu tratei de prestar atenção em alguns alunos e chamei a sua atenção quando conversavam ou faziam outra atividade.

Ao fim da aula, como o vídeo possuía 28 minutos e foi necessário o tempo para prepará-lo (mesmo que eu já tivesse preparado e testado anteriormente), levar os alunos ao auditório, colocá-los em ordem e fazer uma explicação prévia, sobrou muito pouco tempo para uma discussão, e apenas alguns poucos elementos foram trabalhados.

No pouco tempo que restava, foi levantada uma discussão com os alunos sobre os principais aspectos do vídeo, trazendo novamente os relatos do viajante não como uma verdade sobre a história dos reinos que visitou, mas como um olhar de um 'outro' que tenta explicar uma cultura diferente da sua, dotado de suas próprias subjetividades e de seus próprios preconceitos culturais. Um dos trechos do documentário que mais chamou a atenção dos estudantes foi um em que Ibn Battuta começa enaltecendo a fé e a devoção islâmicas do povo do Mali, mas em seguida observa com estranhamento os modos como as mulheres do Mali se vestem e fica estupefato pelo fato de cobrirem a cabeça com a burca, deixando os seios a mostra, conforme sua cultura local. Ibn Battuta vê nessa conduta uma contradição e uma inadequação, pois observa aquela realidade a partir do ponto de vista de sua própria sociedade. Ele não percebeu e não soube valorizar – e trouxemos esse trecho especificamente para fazer com que os nossos alunos percebessem – que na verdade aquilo demonstrava um diferencial, um ponto de sinergia entre o Islã e as culturas tradicionais específicas daquela região. Para valorizarmos o vídeo como momento importante do nosso estágio, também foi entregue nesse momento uma atividade a ser realizada em casa pelos alunos sobre o vídeo.⁸

(anexo A 3)

A oitava foi a minha última aula, e por isso, após toda a experiência adquirida ao longo das aulas anteriores, tratei de caprichar mais em diversos aspectos. O tema dessa aula eram os reinos islâmicos da África Ocidental.

⁸ Atividade IV, em Anexo.

Essa seria uma aula expositiva e dialogada, com uso do quadro e do material didático (**anexo T 3**) preparado para os alunos. Também deveria ser continuada nessa aula a discussão do vídeo trabalhado na aula anterior, complementando e situando o conteúdo e dando exemplos.

Eu consegui organizar muito melhor o quadro, a partir de esquemas e conceitos para que os alunos tivessem o que copiar do conteúdo, avançando significativamente em relação às aulas anteriores.

Uma coisa que eu acredito que tenha faltado nessa aula foi um uso mais adequado do material didático⁹. O material estava bom e eu poderia ter pedido para que eles lessem em voz alta e a partir da leitura eu montaria o quadro e faria a minha explicação. O fato de não tê-lo utilizado tornou a aula muito expositiva, muito baseada na minha explicação e no meu conhecimento. O uso adequado teria tirado um pouco o foco do professor, estabelecendo outros elementos na construção da aula. Outra ausência importante foi a retomada do vídeo da aula anterior estabelecendo um diálogo entre ele e a aula. Eu pretendia retomar o vídeo quando chegasse ao conteúdo do reino do Mali, mas infelizmente a aula não foi tão longe e conseqüentemente eu acabei deixando essa retomada do vídeo também pendente.

Os principais autores trazidos aqui nesse momento como fonte continuaram sendo Alberto da Costa e Silva e Rivair Macedo a partir do projeto já citado, entretanto utilizamo-nos também dos livros didáticos constantes na bibliografia como importante apoio para esse processo. Esses autores foram utilizados a partir dos textos e do projeto já citados, sendo importantes na construção dos nossos materiais didáticos.

Apesar de algumas coisas não terem saído exatamente como o planejado, eu gostei muito dessa aula, e, a partir disso, pude perceber o grande avanço que tive como professor durante todo o meu estágio. Obviamente ainda tenho muito a melhorar, e ficou evidente especificamente nessa aula que preciso ainda trabalhar melhor para manter um bom ritmo na aula articulando minha explicação, o uso do quadro, o uso do material didático e o diálogo com os alunos. Entretanto ficaram claras as minhas dificuldades, possibilitando que

⁹ O material didático utilizado nessa aula é o Texto III, e está em Anexo.

a partir dos aprendizados que eu tive durante o meu estágio, eu possa seguir me aprimorando e melhorando como professor.

O planejamento previa que nessa aula se trabalhasse o que é a África Ocidental e a formação dos reinos na África e os reinos de Gana, Mali e Songhai. Por fim acabei trabalhando conclusivamente apenas até o reino de Gana, e o resto do conteúdo presente no material, envolvendo Mali, Songhai e os Griots, ficou pendente para ser trabalhado pelo estagiário Fernando.

Aulas ministradas por Fernando Morschheiter

O momento de transição entre os dois estagiários acabou acontecendo através da continuação de um conteúdo cuja abordagem já havia sido iniciada, fugindo ao planejamento inicial que, por motivos já descritos se alterou fazendo com que os planos de aula fossem construídos ao longo da prática docente. Dessa forma, não houve nenhuma ruptura em relação ao conteúdo, pois não houve um fechamento das aulas ministradas pelo Luiz e nem uma introdução sobre o conteúdo das aulas que seriam ministradas por mim, o que gerou uma certa insegurança em relação ao comportamento dos alunos.

Conforme já havia sido observado, a turma apresentava vários sinais de indisciplina, desrespeitando algumas regras básicas para o andamento das aulas. Nesse sentido houve uma preocupação em tentar alterar esse quadro, até porque um novo estagiário poderia facilmente ser um motivo para aumentar a bagunça na turma e desestabilizar o professor que exercia essa atividade pela primeira vez. Assim, logo de início, conforme o nosso planejamento, foram apresentadas para os alunos algumas regras que eles deveriam passar a cumprir para que houvesse um bom aproveitamento das aulas, caso contrário seriam punidos com atividades extras. Este ponto será melhor explorado mais adiante, quando falarmos sobre a relação entre nós estagiários e a turma.

Num segundo momento da aula, conforme foi mencionado acima, o objetivo era continuar trabalhando o conteúdo iniciado pelo Luis referente aos reinos Gana, Mali e Songhai, utilizando o mesmo texto, entregue havia uma aula. Além disso, pretendia-se passar uma atividade (**anexo A 4**) em que os alunos, em casa, deveriam preencher um quadro com informações aprendidas em sala de aula; atividade esta que seria explicada em aula, através da

resolução do primeiro item, no quadro, para que os alunos pudessem tomar como exemplo para a realização da atividade. No entanto, nem o conteúdo e nem a atividade foram conduzidos conforme o esperado.

No tocante ao primeiro, que baseava-se no texto didático, foi possível abordar, dentre os três reinos, somente o de Gana, pois o período de tempo era curto demais para tanta informação. Isso era de se esperar, analisando a posteriori, pois de fato, eram muitas coisas para se fazer em uma aula só. Esse erro no planejamento se justifica principalmente pela inexperiência do estagiário quanto ao tempo da abordagem dos conteúdos com a turma, sendo que conforme o avanço do estágio, esse tipo de equívoco passara a ocorrer com menos frequência e magnitude.

Consequentemente, o assunto, tal como o texto didático (anexo T 3), continuariam a ser trabalhados nas aulas seguintes, pois, além da leitura do texto, faltou a exploração dos três documentos escritos de Alberto da Costa e Silva, que trazem trechos de relatos de viajantes, e também a atividade (**anexo A 6**) referente aos griots, a qual acabou recebendo uma atenção maior no decorrer do estágio, o que, como veremos posteriormente, requer bastante tempo.

Quanto à atividade, que tinha um quadro a ser preenchido com informações sobre os três reinos, acabou sendo atropelada, pois além de os alunos não terem recebido os subsídios suficientes para realizá-la por inteira, ela acabou sendo explicada muito no fim da aula e de uma maneira pouco proveitosa. Ao ver que não seria possível fazer a primeira parte do exercício como exemplo, o que demandou um tempo excessivo, eu deveria tê-la explicado mais brevemente, o que não aconteceu devido a minha falta de desenvoltura e flexibilidade na ocasião. Assim, os alunos acabaram indo para a casa sem muita clareza do que era para fazer e também com uma atividade referente, em partes, à um assunto que não havia sido trabalhado em sala de aula; uma prática pouco recomendável.

Quanto ao uso dos materiais, a aula foi bastante proveitosa. O texto didático foi lido pelos alunos, em voz alta, juntamente com a turma; o mapa da África também foi bem utilizado, esclarecendo várias questões importantes do conteúdo. Somente o quadro não foi bem aproveitado. Além de não ter havido um planejamento prévio das informações a serem escritas nele, exceto para a

parte que confere às regras, no início da aula, a falta de desenvoltura novamente impediu uma maior articulação nesse sentido. Dessa forma, acabou sendo deixado de lado em determinado momento da aula, voltando a ser usado no final, para explicar a atividade que já não deveria mais ser explicada daquela maneira.

Por fim, o diálogo com a turma, acabou ocorrendo de maneira tranquila, apesar de a aula ter sido demasiadamente centrada no professor. Sendo a primeira aula, fiquei muito satisfeito com minha atuação. Talvez por ter começado a aula ditando regras, os alunos podem ter ficado um pouco assustados, de certa forma, e não se encorajaram a bagunçar. De qualquer forma, havia uma série de questões que precisavam melhorar, principalmente no que se referia ao diálogo com a turma.

Dando continuidade ao assunto trabalhado na aula anterior, referente aos reinos Gana, Mali e Songhai; no caso apenas os dois últimos, já que o primeiro havia sido concluído, a segunda aula foi baseada nos mesmos materiais da aula anterior, inclusive a atividade que não havia ficado bem explicada, foi trabalhada novamente.

A aula se baseou bastante na leitura em voz alta e na discussão do texto didático, parágrafo por parágrafo, à semelhança da aula anterior. No entanto, nessa aula tive um cuidado maior de não concentrar tanto a fala, tentando proporcionar um diálogo maior com os alunos.

Entretanto, pareceu que algumas informações não estavam muito bem articuladas no todo, carecendo portanto, de uma maior contextualização. Era como se eu estivesse trabalhando um conteúdo sobre o qual eu não tinha o devido domínio, o que, em partes, ocorreu, já que não houve um planejamento muito satisfatório. Isso fez com que a aula se tornasse um tanto enfadonha, o que pode-se notar pela maior agitação na turma.

Por último, como os alunos tinham ficado de fazer a atividade em casa sem a devida explicação e também sem ter discutido o texto didático por inteiro durante a aula passada, não tive muito rigor quanto ao cumprimento da tarefa por parte dos alunos. No plano tivemos o objetivo de passar e ver quem fez, dando um ponto a mais na média, sem no entanto cobrar a realização da atividade como uma nota equiparada às outras. Entretanto, apesar de ter passado pela sala para conferir quem fez a atividade, acabei, no final das

contas, não acrescentando esse ponto a mais. O que constitui uma falha na avaliação, já que alguns se empenharam para fazer a atividade enquanto outros não, o que faz com que aqueles mereçam uma nota a mais do que os últimos.

Acabei discutindo as questões da atividade em conjunto com a turma. Oralmente perguntava o que tinham escrito em cada questão, somava as questões colocadas pelos alunos formulando um apanhado geral, e escrevia no quadro alguns elementos que deviam constar na resposta.

A terceira aula foi dedicada à análise dos documentos escritos sobre os reinos de Gana e Mali, trabalhados nas aulas anteriores. Com o objetivo de aproximar os alunos do ofício de historiador e também de atentar para as especificidades da construção da história da África, tentei discutir, juntamente com a turma os dois documentos presentes no texto didático – trechos de textos de Alberto da Costa e Silva – que fazem referência à relatos de viajantes, como Ibn Battuta e também à cartógrafos que descreveram a região, constituindo importantes fontes para o estudo do continente africano.

Aproveitando a ocasião, seria feito um gancho para retomar o vídeo “Viajando pela África com Ibn Battuta”, já que iríamos falar dele de qualquer maneira e também porque ficara faltando uma discussão mais aprofundada sobre o vídeo apresentado na sexta aula, ministrada pelo Luiz.

A partir da segunda metade da aula, conforme o plano, foi entregue uma folha com atividades (**anexo A 5**) sobre os documentos analisados, para ser realizada em aula. No entanto, essa atividade acabou sendo entregue e explicada nos últimos dez minutos, ficando, então, para ser entregue na aula seguinte.

Esta aula foi um tanto problemática. A turma se sentiu a vontade para tumultuar mais do que o esperado, e eu, como professor que, tinha combinado uma série de regras para o bom andamento das aulas, até aquele momento ainda não tinha posto em prática aquilo que tinha me comprometido a fazer. Dessa forma, a turma foi, no decorrer das aulas, tomando a liberdade de conversar sem se preocupar com a minha reação, atrapalhando muito a aula.

Somado a isso, houve uma falta de planejamento adequado para a condução das discussões sobre os documentos que, no final das contas, acabaram sendo mal explorados, pois não consegui acrescentar muitas

informações além do que estava escrito no texto. Essa falta de planejamento se refletiu também na organização do quadro que, acabou sendo abandonado na metade da aula.

A retomada do vídeo também não aconteceu conforme o planejado. Vários aspectos ficaram de fora da discussão que é um elemento fundamental quando se trabalha com esse tipo de material.

Por fim, chegamos a conclusão de que os alunos pouco aprenderam com essa aula, considerando necessário trabalhar o mesmo conteúdo novamente na aula seguinte.

Nesta aula foram abordados os mesmos conteúdos, devido ao insucesso da aula anterior. Para isso, planejei utilizar a atividade passada aos alunos para, através dela, retomar o assunto, relendo alguns trechos dos documentos e destacando alguns pontos fundamentais.

A estratégia foi ler juntamente com a turma cada questão e discutir com os alunos sobre o que devia constar na resposta, de modo a retomar os pontos fundamentais do documento e exercitar a interpretação de texto dos alunos. Esse trabalho foi essencial, já que eles ficaram de fazer a atividade baseados praticamente apenas no texto, sendo que não obtiveram muitas informações a mais com a aula anterior. Dessa forma, podemos considerar muito produtiva a maneira como retomamos o conteúdo, pois não faria muito sentido simplesmente voltar a falar sobre o mesmo assunto e reler os documentos sem que tivesse um objetivo concreto para isso.

Houve também, nesta aula, um planejamento mais detalhado das estratégias didáticas. Nas aulas anteriores, apesar de estudar o assunto, as discussões ficavam um pouco improvisadas, o que logo se mostrou ser uma prática pouco recomendável e improdutiva. Sendo assim, desta vez foi feito um detalhamento preciso dos momentos de parar a leitura do texto para abordar determinadas questões previamente pensadas, o que é fundamental para a fluência e qualidade das discussões. Além disso, quando consideramos fundamental o diálogo com a turma para que o conhecimento seja produzido através das próprias ideias dos alunos e, não fique restrito à fala do professor, é importantíssimo pensar e planejar as maneiras de atingir e de fazer com que os alunos respondam e exponham suas ideias. Nesse sentido, é necessário pensar nas perguntas adequadas a cada momento da aula.

Assim, foi possível estabelecer um diálogo produtivo com a turma, sem que houvesse muita desordem. Até porque no começo da aula houve uma breve conversa sobre a bagunça da aula anterior, e sobre como isso não seria mais tolerado. Além disso, nessa aula foi preparada, pela primeira vez, uma atividade extra (**anexo E 1**) para passar aos alunos que não estivessem de acordo com a postura combinada; foi aplicada a uma aluna.

Outro aspecto positivo desta aula, foi o planejamento do quadro. Foram escritos os pontos fundamentais da aula, de modo a acompanhar as discussões sem que estas fossem interrompidas. Além disso, por escrever com mais calma, a letra ficara mais legível e o quadro, num todo, mais organizado.

Um dos únicos pontos negativos foi ter esquecido de mencionar que os alunos deviam acompanhar as discussões e anotar, acrescentando novas informações às suas respostas de cada questão para, ao final da aula, entregarem a atividade reformulada, com as discussões realizadas em aula incorporadas à atividade. Assim, os alunos acabaram me entregando a atividade do mesmo jeito que estava no começo da aula, sem que eu pudesse avaliar algum progresso que possa ter ocorrido com essa aula.

Na quinta aula que eu ministrara, mudando um pouco o foco do assunto, trabalhamos com a temática dos griots e a tradição oral na África utilizando o mesmo texto didático das aulas anteriores, desta vez para analisar o documento 3, que é o relato de um griot.

Essa aula foi importantíssima para o estudo sobre a construção da história da África, que era um dos objetivos do nosso projeto de ensino. Como até então havíamos focado nossas abordagens nos relatos de viajantes, o trabalho com os griots aprimorou a discussão no que diz respeito a historiografia e proporcionou aos alunos um outro ponto de vista sobre a cultura das sociedades africanas, de modo a explorar suas especificidades e discutir as diferenças e semelhanças entre aquela cultura e a nossa.

Sendo os relatos de griots uma das únicas fontes sobre a história da África que nos permite obter um ponto de vista dado pelos próprios africanos, já que a grande maioria dessas sociedades eram ágrafas no período em questão e não deixaram vestígio documentais, era imprescindível que explorássemos esse tipo de documento em sala de aula.

Os griots são membros importantes e detentores de um grande prestígio social dentro das sociedades africanas da época, pois exercem a função de possuir e repassar, a quem deve ser repassado, o conhecimento que se tem sobre o seu reino, a sua sociedade, de modo que seu conhecimento deve servir para instruir a administração dos reis, como também para guardar as histórias e mitos sobre o local.

Para trabalharmos com este material, inicialmente, conforme o planejamento, foi lido para os alunos um conto chamado “Ananse e o baú de histórias” (**anexo T 5**), que fala de uma aranha que quer tomar para si as histórias de seu povo, que ficam guardadas pelo Deus do céu. Através desse conto pudemos fazer uma boa introdução ao assunto da aula relacionando a ambição da personagem com o griot que, conforme a tradição, tem a função de guardar a memória do seu povo.

A partir disso abordamos a tradição oral na África através da leitura e discussão do documento presente no texto didático. Assim, como na aula anterior, o planejamento foi bem detalhado, com as devidas pausas na leitura e questões bem claras a serem discutidas com os alunos. A aula foi bem produtiva, foi possível ter um amplo domínio do conteúdo e também um ótimo diálogo com a turma. Além disso, nesta fase do estágio eu já tinha mais desenvoltura para lidar com a turma no sentido de evitar o tumulto e aplicar as tais regras descritas anteriormente que, de fato foram aplicadas; no caso, atividade extra (**anexo E 1**) para alguns alunos que não haviam levado o material.

Foi possível, através dessa temática, fazer uma comparação entre as sociedades orais e as sociedades escritas, discutindo sobre o valor que tem a palavra para nós e para os africanos da época, tal como a relação com a escrita, o que serviu muito bem para relativizar algumas opiniões e valores construídos socialmente em nossa cultura.

A final da aula foi entregue para cada aluno uma folha com atividades (**anexo A 6**) para serem realizadas em casa e entregues na aula seguinte.

Nesta aula, conforme o planejamento, foi iniciada a abordagem sobre uma outra região da África: a região central e o reino do Congo. Como um dos objetivos do nosso estágio era mostrar a diversidade do continente africano, precisávamos explorar outras regiões com características diferentes. Sendo

assim, como até então tínhamos apenas nos aprofundado nos reinos islamizados da África ocidental, decidimos trabalhar com outra região da África e um outro reino, que tivera uma outra influência cultural. Além disso, aproveitamos para trabalhar com alguns aspectos da cultura tradicional africana, como a religião tradicional, a sucessão matrilinear, que ainda não haviam sido devidamente trabalhados. A maneira de trabalhar o assunto foi semelhante às aulas anteriores referentes aos reinos islamizados do ocidente; discutiríamos as questões políticas, econômicas, culturais e ainda as relações entre a colonização e a historiografia do continente, além de fazer uma relação com o Brasil, tratando do tema Congadas. Aliás, essa relação com o Brasil foi um dos motivos pelos quais escolhemos este reino para abordar além dos reinos da África ocidental, pois levamos em consideração o fato de a maior parte dos escravos vindos para o Brasil serem provenientes dessa região, deixando uma herança e uma identidade cultural muito presente atualmente.

Entretanto, na prática, tivemos muitas mudanças. Apesar de termos como objetivo ler e discutir o texto todo, o que independentemente da reação da turma naquele dia, seria muito difícil, não foi possível chegar nem na metade. A turma estava extremamente agitada e até um pouco revoltada com a monotonia das aulas e, aproveitaram aquele dia em que não permiti que fossem confeccionar bandeirinhas de São João, para expressar toda a sua revolta. Dessa forma foi difícil iniciar e dar continuidade ao conteúdo pois era interrompido o tempo todo.

O planejamento da aula envolvia o texto didático (**anexo T 4**), o quadro, giz e mapa político da África, os quais acabaram sendo bem explorados. Pois se tratando de uma nova região a ser tratada, o mapa era imprescindível e o quadro, como o seu planejamento havia sido feito junto ao planejamento da aula, também foi bem explorado, apesar de o conteúdo não avançar como o desejado.

O problema maior dessa aula foi a bagunça e, com ela, a dificuldade em acalmar a turma aplicando as regras combinadas na metade do estágio. O que deveria ter sido feito com os alunos que não paravam de bagunçar mesmo após receberem atividades extras (**anexo E 2**), era mandá-los realizar a atividade junto a coordenadoria do colégio, o que não aconteceu.

Em decorrência dessa aula o planejamento do restante do estágio foi alterado. Pois teríamos mais três aulas para terminar a discussão do texto didático entregue nessa aula, realizar uma atividade sobre ele em sala de aula, já que, até então, praticamente todas as atividades foram realizadas em casa, e ainda, começar e concluir a discussão sobre a escravidão na África, com um novo texto didático, seguido por uma atividade. Ao se constatar a inviabilidade do projeto, resolvi, juntamente com a professora orientadora, deixar de lado a escravidão e explorar melhor o tema em pauta, para na última aula realizar uma atividade diferente, trabalhando a África de uma maneira geral.

Assim, na aula seguinte, conforme o novo planejamento, dei continuidade ao assunto referente ao reino do Congo, pretendendo concluir a discussão do texto didático para, ao final da aula, fazer uma atividade de análise de imagens através do datashow.

Logo no início, antes mesmo de começar a aula, já havíamos percebido que a análise das imagens não poderia ser realizada da maneira que havíamos planejado. Como não foi possível pegar o datashow porque estava reservado para outra turma, acabei ficando com um pequeno auditório, para onde teríamos que nos deslocar no meio da aula para realizar a atividade. Sendo assim, decidimos, eu e a professora, que seria melhor deixar a análise das imagens para a aula seguinte, pois geraria muito tumulto deslocar a turma para outra sala e perderíamos muito tempo.

Nessa aula eu cheguei com um tempo de antecedência e a turma estava tendo aula de idiomas em outra sala. Isso permitiu que eu montasse a estrutura básica do quadro antes de começar a aula, para, a partir disso, ir preenchendo-o conforme o decorrer das discussões, pois como iríamos discutir separadamente os aspectos econômicos, políticos, culturais e o contato com os portugueses, ficava mais claro e dinâmico, o uso do quadro.

Além de não conseguir fazer a análise das imagens com o datashow, também não foi possível concluir o conteúdo do texto didático, faltando uma pequena parte que foi concluída na aula seguinte. Isso deveu-se em partes, à algazarra da aula passada, o que fez com que eu tivesse que retomar uma boa parte dos conteúdos abordados, pois logo no início da aula percebi que os alunos não tinham aprendido muita coisa.

Assim, a penúltima aula do estágio foi destinada à conclusão da abordagem sobre o reino do Congo, seguida de uma análise de imagens através do datashow (**anexo O 4**) e, por último, uma atividade a ser realizada em partes durante a aula. Era bastante conteúdo para uma aula só. Somado a isso, estava o fato de eu ter cobrado na aula anterior as atividades extra de alunos que as tinham pendentes, dizendo que nesta aula quem não trouxesse teria que ir fazê-las na coordenadoria, o que também acabou tomando um tempo da aula.

A parte referente à conclusão da leitura e discussão do texto didático foi feita sem maiores problemas, tal como a análise das imagens. Quando chegou a hora de realizar a atividade é que já era tarde. Segundo o planejamento, metade da aula seria destinada à realização da atividade, entretanto, ela foi entregue nos últimos quinze minutos da aula, não sobrando muito tempo além da explicação para que os alunos a fizessem em aula, tendo eles, que realizá-la em casa. Isso foi um ponto negativo, pois considero importante que os alunos tenham um momento em sala de aula para a realização da atividade, podendo discutir com os colegas e professor, tirar suas dúvidas.

Um ponto rico da aula foi a análise das imagens (**anexo O 4**). Como desta vez eu havia conseguido reservar o datashow, só foi preciso levar o computador e, rapidamente as imagens foram projetadas no quadro branco. Eu havia pensado em algumas questões para chamar a atenção dos alunos e eles responderam muito bem. Se mostraram atentos, curiosos e participativos. Como a primeira imagem era um crucifixo conguês, procurei questionar os alunos sobre a autoria, periodização, tipo de documento, questionei a turma se eles conheciam aquela imagem, se conheciam alguma parecida, quais as diferenças que tem entre as duas representações, o que representa, material com que é feito o artefato. Tentei, com isso, abordar a maneira como se deu o choque entre a cultura portuguesa cristã e a cultura tradicional africana. Do mesmo modo trabalhei com a outra imagem, a qual representava uma recepção de estrangeiros pela corte do Reino do Congo, já influenciado pelos portugueses.

Fazendo uma análise geral, aprendi muitas coisas dando aula para a 7ª série A. Apesar das dificuldades que, de certa forma, permearam momentos diversos do estágio, sinto que houve um progresso muito significativo das

minhas habilidades sobre o assunto. Obviamente poderia ter sido melhor em muitos aspectos, porém, creio que cumpri bem o meu papel, dentro das minhas condições, é claro.

Os UCAs - Aula 17

Essa aula foi ministrada por ambos os estagiários, pretendendo fazer o encerramento das atividades do estágio com um tipo de atividade diferenciada. Os alunos deveriam se dividir em nove grupos devendo cada um deles acessar a um perfil do orkut que continha diversos links, de 1 a 9 sendo sorteado um desses links para cada grupo. Os links correspondiam a notícias referentes à África. (**anexo O 5**).

Houve alguns problemas no início da aula, como a lentidão dos computadores e dificuldade dos alunos em acessar o site, mas não outros problemas relacionados a perda de foco. A nossa atenção em circular pela sala, orientar a atividade e auxiliar nas dificuldades, ao mesmo tempo em que cobrávamos que os alunos estivessem realizando corretamente os comandos, foram essenciais para alcançarmos o resultado esperado.

Cada grupo deveria ler sua reportagem, discuti-la entre si e preparar uma metodologia para apresentá-la para a turma. Terminado o tempo para a leitura e preparação, cada grupo fez sua apresentação, durante as quais os professores trataram de fazer vários questionamentos aos grupos, buscando analisar qual a imagem da África estava sendo apresentada e veiculada naquela reportagem. Devido ao curto tempo, as últimas apresentações precisaram ser apressadas, mas a organização permitiu que houvesse tempo de todos apresentarem. Um pouco mais de tempo no fim da aula teria permitido uma retomada e um fechamento melhor, tanto do trabalho realizado nessa aula quanto de todo o trabalho que vinha sendo desenvolvido ao longo do nosso estágio.

Acreditamos que durante todo o decorrer do estágio tenhamos trabalhado questões que deveriam desconstruir as imagens estereotipadas do continente africano, e com essa aula buscamos retomá-las por meio de imagens da África veiculadas na mídia, a ser—analisadas por meio das referências construídas ao longo das aulas. Ao fim da aula, com o tempo já

corrido, agradecemos aos alunos e aos professores pelo estágio, fazendo um fechamento.

O Colégio de Aplicação, no ano de 2011, passou a fazer parte do programa UCA, e desse modo todos os alunos receberam netbooks. Esses aparelhos fazem parte de um programa que pretende disponibilizar “um computador por aluno” como material de apoio pedagógico e de inclusão tecnológica¹⁰.

Para a melhor utilização desse material para o apoio didático, seria necessário um treinamento dos professores de modo a instrumentalizar a sua prática e indicar formas de potencializar o seu uso –como ferramentas centrais de aprendizagem dentro e fora da sala de aula. Infelizmente, nem a universidade, tem preparado os professores para pensarem nos computadores como ferramentas centrais no processo de educação, nem aparentemente o Colégio de Aplicação da UFSC estava preparado para fazer um bom uso dessas ferramentas.

A partir disso, os UCAs tornaram-se, em muitos momentos, um problema a ser enfrentado pelos professores, que precisavam insistir a todo o momento para que os alunos guardassem, ou mesmo que sequer trouxessem para as aulas. Não significa que os UCAs não estivessem contribuindo para a educação dos alunos, visto que a educação é um processo mais amplo e não se limita ao espaço de sala de aula, nem requer a mediação e/ou o controle de um professor. Significa apenas que o colégio estava disponibilizando uma ferramenta para que os alunos utilizassem à sua própria maneira, acessando conteúdos não relacionados às aulas, sem a definição de estratégias de mediação que potencializassem o seu aproveitamento para alcançar objetivos específicos.

Dentro da sala de aula, de acordo com o que já havia então constituído prática recorrente dos professores do colégio, os UCAs foram tratados como um problema, pois distraíam os alunos. Desde a implementação do projeto, que coincidiu com a época em que iniciávamos nossas observações até o término delas, os problemas com os UCAs em sala de aula foram amenizados, mas o colégio ainda precisa trabalhar muito para aproveitar o potencial dessa

¹⁰ Mais informações sobre o projeto UCA no site <http://www.uca.gov.br/institucional/projeto.jsp>

ferramenta tão rica. Apenas na nossa décima sétima e última aula fizemos uso dos UCAs em uma atividade.

A relação com a turma na prática

Até o início da atividade docente, nós não havíamos interagido muito com a turma, pois ficamos a maior parte do tempo apenas observando, sem dialogar muito com ninguém. Ao iniciarmos o estágio não tivemos surpresas e nem maiores problemas, pois a turma continuou a agir da mesma maneira, o que a princípio é muito bom, tendo em vista alguns casos em que os estagiários sofreram uma espécie de *bulling*.

No entanto, no decorrer do estágio percebemos uma agitação cada vez maior por parte dos alunos, tanto durante as aulas dialogadas e com discussão de texto quanto nas atividades, individuais ou em grupo. Isso levou-nos a começar a refletir juntamente com a orientadora do estágio, sobre como faríamos a transição entre um estagiário e outro, de modo a evitar que os alunos abusassem da inexperiência do novo estagiário e impedissem o andamento das aulas.

Levando em consideração uma série de atitudes da turma que consideramos inadequadas para uma boa aula, e para a manutenção do respeito entre os colegas e o professor, decidimos expor e debater com a turma a respeito disso de modo a evitar o agravamento da situação e incitar uma melhora no comportamento dos alunos. Percebemos que um dos principais problemas era a falta de organização na hora de participar de qualquer debate em sala de aula. Os alunos costumavam falar todos ao mesmo tempo, gritando muitas vezes, e ainda facilmente levavam a discussão para outro foco, restringindo-a aos colegas ao redor e transformando-a em conversas paralelas, o que, obviamente, impedia a continuidade da aula e da discussão, sendo necessário que o professor ficasse o tempo todo chamando a atenção. Além disso, muitos ficavam a aula inteira virados para trás, conversando com o colega ao invés de prestar a atenção na aula. Assim, como não sabiam o que se passava na aula, acabavam não realizando as atividades solicitadas, não traziam o material para a aula, as vezes o perdiam, permanecendo na sala sem

aprender como deveriam. Ademais, havia o problema com as saídas ao banheiro. Logo que chegávamos na sala de aula já tinha meia dúzia de alunos parados na porta querendo dar uma voltinha, sob o pretexto de ir ao banheiro (salvos os que realmente precisavam). Isso gerava um tumulto já no início. Caso não permitisse e promettesse deixar ir depois, facilmente arranjava uma briga porque um pediu primeiro e, de repente, outro foi autorizado antes daquele, o que sempre desviava a atenção e o raciocínio, tanto dos alunos como do professor.

Sendo assim, foi elaborada uma lista com várias regras que os alunos deveriam passar a cumprir para manter a ordem em sala de aula. Logo no início da primeira aula o estagiário Fernando teve uma conversa com a turma, expondo as tais regras de modo a fazer um acordo com a turma, pedindo para que eles se comprometessem a cumpri-las. Foram escritas no quadro, discutidas juntamente com a turma e pedido para que os alunos copiassem-nas no caderno:

- Não conversar durante as aulas.
- Se desejar falar, levante a mão.
- Manter uma postura adequada na sala de aula
- Manter-se virado para frente.
- Não colocar o pé na cadeira.
- Não ficar levantando e circulando pela sala.
- O Uso do material didático indicado é responsabilidade do aluno:
- Caderno (registro dos esquemas);
- Textos (leitura em casa, atividades);
- Computadores;
- Saídas da sala só com autorização
- Trazer garrafa d'água para aula;
- Só vai ao banheiro um de cada vez e, com autorização;
- Ter bom censo para não pedir para ir ao banheiro enquanto o professor está falando;

Além disso, foi combinado que quem as descumprisse teria sua atenção chamada uma vez. Caso não adiantasse, o nome do aluno seria anotado no registro de ocorrências. Se persistisse o problema, seria dada uma atividade

extra ao aluno que estivesse desrespeitando as regras e se, após ter chamado a atenção três vezes, o aluno continuasse a cometer o mesmo erro, seria pedido para que se retirasse da sala de aula e fosse fazer a atividade junto a coordenadoria do colégio.

A princípio, a exposição das regras causou um efeito positivo, pois os alunos se mostraram organizados e respeitosos até o final da aula. Porém, do decorrer do estágio, a experiência mostrou que sua aplicação seria bem mais complexa do que parecera inicialmente e, sua eficácia dependeria de algumas condições e atitudes que, na prática, não se fizeram presente da maneira que deveriam.

Já na segunda aula o clima da turma foi mais agitado. Dando continuidade ao assunto trabalhado na aula anterior, a aula foi baseada na leitura e discussão do texto didático, tomando-se o cuidado desta vez de não concentrar tanto a fala no professor, como havia ocorrido na aula anterior. Entretanto, é um procedimento bastante complicado o de dar voz aos alunos e construir a abordagem em conjunto, pois depende muito da maneira como se colocam as questões em discussão para a turma. Não basta apenas fazer questionamentos e esperar que os alunos respondam o que queremos ouvir e de repente entrarmos em uma rica discussão. É preciso fazer as perguntas adequadas, com objetividade, evitando ser vago demais, para assim, os alunos terem facilidade na hora de responder.

No entanto, na prática isso se mostrou muito difícil, pois à medida em que nos dávamos conta da importância de se dialogar com a turma e passávamos a deixar um pouco de lado o discurso encabeçado pelo professor, com o intuito de dialogar e tornar a aula mais dinâmica e produtiva, esta se tornava cada vez mais enfadonha. Sem saber muito bem como agir nesse sentido, ainda sem conseguir articular os pontos necessários e gerir o tempo para a sua consecução, a aula ia ficando atravancada e, ao contrário do que se pretendia, menos produtiva.

Isso tudo acarretava em uma maior agitação na sala de aula, pois o professor não tomava a fala para si e os alunos também não respondiam aos estímulos porque estes estavam sendo feitos de uma maneira pouco satisfatória. Com isso, logo se formavam focos de conversa e, inicialmente nem eram percebidas, ou mesmo, eram ignoradas. Quando me dava conta

(estagiário Fernando), os focos de conversa já haviam se transformado em tumulto generalizado e aí ficava difícil controlar a turma.

No início da experiência docente o professor tem dificuldade em observar o que está acontecendo na sala de aula; fica mais preocupado com o que vai comentar sobre determinado trecho do texto didático, qual pergunta vai fazer para atrair a atenção dos alunos, ou ainda, qual vai fazer depois de ninguém responder à anterior. Desse jeito não tem a devida desenvoltura e articulação para ficar atento à todos esses aspectos referentes ao comportamento dos alunos. Foi o que aconteceu conosco no início do estágio.

Em decorrência disso, as regras mencionadas anteriormente passaram a não ter mais valor, pois serviriam para aplacar os problemas com alunos individuais, quando estivessem começando a atrapalhar a aula. Como em muitos casos, o problema só foi notado quando já estava generalizado, de nada adiantaria aplicar as regras a um número grande de alunos. Além disso, o professor, ao sentir-se fracassando, não conseguindo dar sequência à aula, não tendo as palavras certas na hora certa, as perguntas adequadas no momento adequado, passava a se sentir culpado pela má qualidade da aula e, de alguma forma não se sente a vontade em punir a turma.

Essa questão das regras foi algo amplamente debatido no decorrer do estágio. Era pensado e discutido com a coordenadora antes de cada aula, juntamente com uma série de outras questões em que era preciso trabalhar para melhorar. E, de fato, avançou lentamente. Com o passar das aulas nós como estagiários/professores fomos nos sentindo mais a vontade com a situação e passamos a ter mais facilidade em lidar com as múltiplas questões envolvidas na sala de aula, ao mesmo tempo. Ao passo em que melhorávamos o planejamento da aula, tanto no que diz respeito ao conteúdo em si quanto aos pontos para discussão, às questões a serem feitas à turma e à dinâmica da aula em geral, melhorávamos também a atuação em sala. Aos poucos fomos conseguindo perceber os problemas de modo a conseguir lidar com eles logo no início, sem que se desestruturasse a aula, como acontecia no início, chamando a atenção dos alunos e dando continuidade ao assunto.

No entanto, apesar de a relação com a turma melhorar, as regras raramente foram devidamente aplicadas durante o estágio. Foram distribuídas pouquíssimas atividades extras, as quais acabaram não sendo levadas muito a

sério por parte dos alunos, sendo que na penúltima aula meia dúzia deles tiveram que sair da sala para realizar a atividade na coordenadoria porque estavam devendo a atividade, alguns havia mais de quatro aulas.

A Educação Inclusiva

O Colégio Aplicação conta com um projeto com o objetivo de “desenvolver uma política de Educação Inclusiva, buscando possibilidades de intervenções pedagógicas, capacitando o corpo docente e a equipe pedagógica do Colégio de Aplicação da UFSC para a inclusão de alunos com história de deficiência no ensino regular”¹¹, de acordo com a Lei n 9394/96. No caso do CA, isso é feito a partir de um projeto em que todas as turmas que possuem alunos com deficiência possuem um bolsista para atender esses alunos e auxiliar o professor na mediação do conteúdo de maneira apropriada às suas especificidades.

No caso da 7ª série A, haviam duas alunas do projeto de educação inclusiva e uma bolsista para atendê-las. Uma delas tem Síndrome de Down, a outra tem algum grau de paralisia cerebral. As duas conseguem realizar a maioria das atividades desenvolvidas pela turma, mas possuem algumas especificidades. Primeiramente elas necessitam de uma seleção das questões que forem realizar, buscando perguntas e respostas mais objetivas, de preferência algo que elas possam buscar num texto ou nas anotações no caderno. Em segundo lugar, elas são muito reservadas o que muitas vezes as impedem de fazer atividades em grupo ou apresentações para a turma.

A bolsista se mostrou bastante atenciosa com as alunas, e sempre as ajudava na realização das atividades. Entretanto, embora já tivéssemos percebido as dificuldades que esse trabalho de educação inclusiva apresentavam nessa aula, acabamos não conseguindo nos focar nesse aspecto particular e acompanhar o andamento das atividades por parte das alunas e seu aprendizado em relação ao conteúdo. A bolsista poderia fazer um papel de chamar a atenção do professor para as dificuldades das alunas, contribuindo para a construção de estratégias que melhorassem a sua

¹¹ <http://www.ca.ufsc.br/educacao-inclusiva/>

participação, mas não era essa a prática. De certo modo, a bolsista não recorria a nós quando necessário, nem insistia com as alunas quando essas se mostravam resistentes a realizar as atividades. Essa falta de comunicação e proatividade da bolsista acabavam deixando as alunas, em muitas aulas, desocupadas, assim como o professor mantinha-se distante, sem saber como essa aula estava sendo significada para aquelas alunas.

BIBLIOGRAFIA:

APOLINÁRIO, Maria Raquel. Projeto Arariba História, 7º ano. São Paulo: Moderna, 2010.

BITTENCOURT, C. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

CA/UFSC, *Projeto Político Pedagógico*, setembro de 2007.

DREGUER, Ricardo; TOLEDO, Eliete. Novo História: conceitos e procedimentos, 7º ano. São Paulo: Saraiva, 2010.

FIGUEIRA, Divalte Garcia; VARGAS, João Tristan. Para entender a História, 7º ano. São Paulo: Saraiva, 2010.

HAMPATÉ, A. "A tradição viva". In: *História Geral da África I. Metodologia e Pré-história da África*. Trad.: Beatriz Turquetti et alii. São Paulo: Ática, 1982.

LOPES, A. C. *Conhecimento escolar: ciência e cotidiano*. Rio de Janeiro: Ed. VERS, 1999.

_____. Conhecimento escolar: inter-relações com conhecimentos científicos e cotidianos. *Contexto e Educação*. Ijuí – RS, no. 45, jan/mar. 1997a, p. 40-59.

_____. Conhecimento escolar: processos de seleção cultural e de mediação didática. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, no. 22, jan./jun. 1997b, p. 95-111.

LOVEJOY, P. E. *A escravidão na África: uma história de suas transformações*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

M'BOKOLO, E. *África negra: história e civilizações*, tomo I, "Até ao Século XVIII, Lisboa: Vulgata, 2003, tomo II, Do século XIX aos nossos dias, Lisboa:

Colibri, 2007; edição brasileira: Salvador & São Paulo: EDUFBA & Casa das Áfricas, 2009.

MONTEIRO, A. M. F. C. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro, Editora Mauad, 2007.

OLIVA, A. R. A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática. In: *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 25, nº 3, 2003, pp. 421-461

PANAZZO, Silvia; VAZ, Maria Luísa. *Navegando pela História*. FTD, 2010.

PANTOJA, S. *Nzinga Mbandi: mulher, guerra e escravidão*. Brasília, Thesaurus, 2000.

SALIBA, E. T. “As imagens canônicas e o ensino de história”. In: *Sinopse*. Revista de Cinema. N.7. São Paulo, Hedra/Cinusp, 2002.

SCHIMIDT, M. A.; CAINELLI, M. As fontes históricas e o ensino da História. In: _____ *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, A. C. *A África ensinada para meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

_____. *A Enxada e a Lança. A África antes dos portugueses*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992.

_____. *A manilha e o Libambo. A África e a escravidão, 1500 A 1700*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2002.

SOUZA, M. M. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2006.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

THORTON, J. *A África e os africanos na formação do Mundo Atlântico, 1400-1800*. Rio de Janeiro, Campus, 2003.

VAINFAS, R.; SOUZA, M. M. E. *Catolização e Poder no Tempo do Tráfico: O Reino do Congo da Conversão Coroada ao Movimento Antoniano*. 6 tempo, Niterói, v.3, nº 6, 1998.

VANSINA, J. “A tradição oral e sua metodologia”. In KI-ZERBO, Joseph (org.). *História Geral da África*, vol. I. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1982.

ZERBO, Joseph. *História da África Negra*. Lisboa: Europa América, s.d.

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 09 de janeiro de 2003. Tornou obrigatório o ensino de história da África e dos afrodescendentes no Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

MACEDO, R. *Viajando pela África com Ibn Battuta*, <<http://www.bhzdesign.com.br/clientes/ibnbattuta/projeto.html>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

Anexos

Plano de aula 1 – Duração de 60 minutos

Ano: 8º ano “A”

Data: 09/05/2011

Estagiário: Luiz Felipe Zimmermann

Eixo: Abrindo caminho para a África:

Tema: O Continente Africano.

Conteúdos:

- a) O continente Africano e sua diversidade;
- b) A África na mídia;
- c) Ensino de história da África;

Objetivos:

- Apresentar o continente africano como complexo e plural e impossível de ser satisfatoriamente definido de maneira generalista e simplificadora;
- Despertar nos alunos o interesse pela história do continente africano como parte da sua própria história enquanto brasileiros e enquanto cidadãos do mundo, percebendo-a tão importante e rica quanto a história européia;
- Desconstruir as imagens estereotipadas do continente africano, abrindo espaço para a percepção de outras faces da África;
- Estabelecer relações com o mundo em que vivemos, auxiliando na compreensão do conteúdo e da própria realidade.

Metodologia:

-Aula expositiva e dialogada com uma leitura guiada do texto-base.

Estratégias Didáticas:

No início dessa aula, será apresentado aos alunos o texto-base que os acompanhará durante todo o período do estágio. Tratam-se do primeiro e segundo capítulos do livro “A África ensinada para meus filhos”, de Alberto da Costa e Silva. Os capítulos desse livro são estruturados na forma de conversas em que um pai responde supostas perguntas do filho sobre o continente

africano. O xerox do texto será distribuído aos alunos, já recortadas as páginas, juntamente com duas folhas de cartolina. Os alunos ficarão responsáveis por levar o texto para casa e encaderná-lo em forma de livro e serão estimulados a criarem uma capa e acrescentarem ilustrações e anotações, desde que essas não prejudiquem a leitura do texto. A leitura deverá ocorrer paralelamente à aula, como atividade de casa, ou mesmo durante a aula nos momentos em que os alunos tiverem concluído as atividades solicitadas. O texto não será cobrado diretamente, porém será sempre complementar às reflexões realizadas em sala de aula, auxiliando os alunos no domínio dos temas e na realização das atividades.

Após isso, deverá ser feita a leitura da primeira resposta do pai ao filho no capítulo um do livro. A leitura deverá ser feita em voz alta por um aluno de cada vez, para que toda a turma acompanhe. Então, o professor deverá conversar com os alunos sobre as seguintes questões:

- A biografia do autor do livro e por que ele escreveu essa obra;
- Os conhecimentos prévios que os alunos possuem sobre a história da África;
- A impossibilidade de se criar uma única imagem, um único discurso que classifique a África e sua História.
- A importância do ensino de História da África;
- A obrigatoriedade legal de se ensinar a história da África;
- O plano de atividades do estágio e como isso se insere dentro deste contexto;
- A forma de avaliação dos alunos durante as atividades do estágio;

Caso haja tempo hábil, o professor deverá continuar a leitura e discussão das demais perguntas e respostas da conversa da mesma maneira que feito anteriormente.

Recursos e Materiais Didáticos:

Xerox dos dois primeiros capítulos do livro “A África ensinada para meus filhos”. Uma cópia por aluno, mais uma folha de cartolina que deverá servir de capa na confecção de um pequeno livro.

Bibliografia:

SILVA, Alberto da Costa e. “Primeira conversa”, *in: A África explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

Embasamento:

Africanista, poeta, ensaísta, memorialista, historiador e membro da Academia Brasileira de Letras, o embaixador Alberto da Costa e Silva é autor de 'A enxada e a lança' (1996), 'A manilha e o libambo' (2002) e 'Francisco Félix de Souza', mercador de escravos (2004), e finalmente 'A África explicada para meus filhos' (2008). Diferentemente dos demais livros, esse último apresenta de uma forma simplificada e com uma linguagem acessível a importância de se estudar a história da África, nos mostrando diversos aspectos da história de uma África diversa e cheia de diversidades, mas cuja história está intimamente ligada à nossa própria história.

“Nos filmes, nas histórias em quadrinhos, nos seriados de TV e nos romances, a África é sempre um continente misterioso e mágico, onde são possíveis todas as aventuras. A imagem que nos transmitem diariamente nos jornais e os noticiários de rádio e televisão é outra: a de uma parte do mundo assolado por secas, fomes, epidemias, guerras e tiranos.

Uma visão não desmente a outra, e ambas são incompletas. Se uma região da África foi atacada por nuvens de gafanhotos que devoraram todas as plantações, e nela há fome, nas outras a colheita se faz normalmente, os celeiros estão repletos e há abundância de comida. Se em um determinado lugar há uma feroz luta armada, noutros as crianças vão regularmente a escola, de roupa limpa e sapatos lustrados. E a vida familiar transcorre normalmente, sem faltar alegria. Todos trabalham e produzem.” - SILVA, Alberto da Costa e. “Primeira conversa”, *in: A África explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. . p. 9

A lei número 10639 de 2003 tornou obrigatório o ensino de história e cultura da África, dos africanos e seus descendentes no Brasil em todas as escolas brasileiras, e a lei 11645 de 2008, incorporou o conteúdo da lei anterior e acrescentou a obrigatoriedade do estudo da história e cultura dos povos indígenas e seus descendentes no Brasil. Apesar de ter sido vista como um

avanço importante, essa medida realmente ajudaria a diminuir o preconceito? É importante frisar que o combate ao preconceito não é o único objetivo da lei: esse resgate histórico é importante para o autoconhecimento dessas comunidades, e mesmo de toda a sociedade brasileira, visto que os elementos da cultura africana fazem parte da formação da nossa própria história. Além disso, a visão sobre a história da África nos permite combater o Eurocentrismo, uma visão ainda muito marcante de toda a disciplina histórica, em particular daquela ensinada nas escolas.

Devido a diversos fatores, o ensino da história da África nos colégios ainda tem muito a melhorar. Assim, nosso projeto de estágio busca que atuemos, enquanto educadores em formação pela universidade, criando pontes entre a história da África, como campo acadêmico, e o ensino de história da África, dentro das escolas.

Anexo T 1:

SILVA, Alberto da Costa e. “Primeira conversa”, in: *A África explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 9 – 20.

Nos filmes, nas histórias em quadrinhos, nos seriados de TV e nos romances, a África é sempre um continente misterioso e mágico, onde são possíveis todas as aventuras. A imagem que nos transmitem diariamente nos jornais e os noticiários de rádio e televisão é outra: a de uma parte do mundo assolado por secas, fomes, epidemias, guerras e tiranos.

Uma visão não desmente a outra, e ambas são incompletas. Se uma região da África foi atacada por nuvens de gafanhotos que devoraram todas as plantações, e nela há fome, nas outras a colheita se faz normalmente, os celeiros estão repletos e há abundância de comida. Se em um determinado lugar há uma feroz luta armada, noutros as crianças vão regularmente a escola, de roupa limpa e sapatos lustrados. E a vida familiar transcorre normalmente, sem faltar alegria. Todos trabalham e produzem.

A África é um continente enorme, com grande diversidade geográfica. Nela há de tudo: altas montanhas – algumas como Kilimanjaro, com os picos permanentemente cobertos de neve; grandes desertos, como o Saara; florestas que parecem sem fim, como a do Congo; grandes extensões de matas baixas de estepes (nome que se dá a áreas cobertas por capim e outras plantas rasteiras); e zonas que estão sempre alagadas. Cerca de metade do continente é formada, porém, por savanas, uma paisagem na qual o relevo é interrompido por árvores baixas afastadas umas das outras. Numa região faz frio a maior parte do ano. Noutra, predomina o calor úmido. E noutra, ainda, o calor seco ou a absoluta falta de umidade característica do deserto. Nas regiões costeiras do norte do continente e na parte meridional da África do Sul o clima é temperado, com as quatro estações bem definidas como na Europa.

Por quase todo o lado, a ação do homem, durante séculos, alterou a paisagem com roças e plantações, o pastoreio do gado, caminhos, aldeias e cidades; E também com vegetais trazidos de outros continentes. Da Ásia vieram o limão, a berinjela, a manga, a cana-de-açúcar e a cebola. Das Américas, sobretudo do Brasil, a mandioca, o milho, a batata doce, o amendoim, o caju e o ananás. O milho e a mandioca difundiram-se de tal modo que competem em muitos lugares com os alimentos básicos tradicionais, como o arroz nas duas Guinéas, o sorgo e os diferentes tipos de painço ou milhete nas regiões de savana, o inhame na Nigéria, ou a banana em Uganda.

No entanto, a primeira imagem que nos vem a mente, quanto falamos de África, é a de uma floresta escura, que a luz do sol não atravessa, e cheia de insetos e animais perigosos.

Que não deixam de existir. A fauna africana, é, aliás, riquíssima. Em nenhum outro continente há tantas espécies de grandes animais e em tão considerável número, mas é nas savanas que a maior parte deles se encontra. Lá vivem os grandes mamíferos: o leão, o leopardo, o guepardo ou chita, a hiena, o rinoceronte, a zebra, a girafa, o buflado e os vários tipos de antílopes, cada qual mais belo e ágil do que o outro: o elande, o cudo, a impala, o palanca, o gnu, o sim-sim, o inhacoso, o guelengue e as numerosas espécies de gazelas. São muitas, muitíssimas, as aves, entre elas se destacando o avestruz, a cegonha, o flamingo, o pelicano e a águia-pesqueira. Nas florestas, os grandes animais são menos numerosos: a pantera, o crocodilo, o porco selvagem, o gorila e o chimpanzé. Nelas predominam os pássaros e os répteis, os pequenos mamíferos que vivem em árvores, os insetos e os vermes.

Mas os filmes não mostram nas florestas animais enormes, como o elefante e o hipopótamo?

É verdade. O elefante vive tanto na floresta quanto nas savanas. E o hipopótamo, onde haja rios e lagoas. A crescente demanda por marfim na Ásia e na Europa, desde a Idade Média, reduziu muito o número desses dois animais – o dente do hipopótamo era tão apreciado quanto a presa do elefante -, sobretudo depois da introdução das armas de fogo pelos europeus. A caça predatória fez enormes estragos entre outros mamíferos,

felizmente hoje protegidos em grandes reservas onde só se permite o uso de máquinas fotográficas e filmadoras.

Na Índia, o elefante é usado no transporte e na guerra. O mesmo acontece na África?

Que se saiba, somente na Antiguidade, em Cartago, Acum e Méroe. Cartago disputou com Roma, nos séculos III e II a.C., a supremacia do Mediterrâneo. O reino de Axum, na atual Etiópia, já era importante no primeiro século da era cristã, e o de Méroe, onde hoje é a república do Sudão, desde o século III. Mas nem a Índia, nem Cartago, nem Axum, nem Méroe domesticaram o elefante, pois este não era gerado nem criado em cativeiro. O animal era capturado ainda jovem, domado e treinado.

De forma permanente, a África só domesticou dois de seus animais nativos: a galinha-d'angola (pintada ou capote) e o jumento – este, no Egito. Recebeu da Ásia os animais que o homem pôs a seu serviço: o boi, o carneiro, o cavalo, o camelo, o porco, a cabra. Não conseguiu, para ficar num exemplo, selar a zebra ou atrelá-la a um carro. Os europeus tentaram fazer isso no século XIX, e foi um malogro completo: a zebra revelou-se não só indomesticável, mas também indomável, como, de resto, os outros mamíferos do continente – até mesmo o íbex, uma espécie de cabra selvagem existente na Etiópia. Os africanos conseguiram, é certo, ter animais selvagens em cativeiro e até criá-los e amansá-los. Os neguses ou reis da Abissínia ou Etiópia, até quase s nossos dias, criavam leões para exibí-los como símbolo de poder. O rei etíope, nas grandes cerimônias, apresentava-se aos seus súditos e aos emissários estrangeiros ladeado por dois leões seguros por serviçais.

Eu estudei as chamadas Guerras Púnicas na escola. Nunca, porém, pensei em Cartago como uma potencia africana, e sim, como um país criado pelos fenícios no mar Mediterrâneo.

Começou, de fato, como uma colônia Fenícia, e era movida por seus interesses no Mediterrâneo, mas ficava na África. Na África do Norte. Para ser mais preciso, próxima a atual cidade de Túnis, naquela faixa de terras férteis e de clima temperado que se estende do Marrocos ao canal de Suez e está separada do resto da África pelo deserto do Saara.

Esse deserto só passou a ser atravessado regularmente pelos homens depois que seus habitantes, os berberes, começaram a utilizar o camelo, nos primeiros séculos da era cristã. Veloz, capaz de ficar sem água durante dez a quinze dias, com cascos esparramados que pisam bem tanto na areia fofa quanto o chão de pedras do deserto, podendo suportar cargas de 150 a 200 quilos, o camelo de uma só corcova ou dromedário deu as tribos do deserto a possibilidade de fazer comércio entre as duas margens d Saara e de controlar militarmente os oásis, os poços, as pastagens ralas, as minas de sal e as rotas que percorreriam as caravanas. Estas eram poucas e não chegavam a aproximar permanentemente as duas margens do deserto. Por isso, aquela parte do mundo que os árabes viriam a chamar de *Bilad AL-Sudan*, ou Terra dos Negros,

continuou por muito tempo quase isolada do norte do continente. E será essa África ao sul do Saara o tema das nossas conversas.

O rio Nilo não contribuiu para aproximar a África do Norte do resto do continente? Não foi uma espécie de corredor?

Certamente, foi. Mas – atenção! – não era um caminho nada fácil, pois é interrompido seis vezes por grandes cataratas. E mais ao sul, há outro sério obstáculo à navegação. Onde o Bahr-el-Ghazal ou “rio das Gazelas), proveniente do oeste, se junta ao chamado Nilo das Montanhas, que desce dos Grandes Lagos, para formar o Nilo Branco, estende-se o chamado *Sudd*. A palavra *Sudd* significa “barragem” e se aplica a uma vasta área coberta por uma vegetação flutuante que muda constantemente de formato e é tão densa que as canoas só passam por ela com enorme esforço de seus tripulantes.

Apesar dessas dificuldades, houve, desde os tempos mais antigos, contatos, ao longo do Nilo e de seus afluentes, entre os egípcios e os povos vizinhos, sento muitas vezes difícil dizer se determinado costume, idéia ou objeto se difundiu do Egito para outras partes da África ou se teve origem ao sul do Saara e dali se propagou para o país dos faraós.

Os africanos que vivem ao norte do Saara são diferentes dos que vivem ao sul?

Os que vivem ao norte são predominantemente brancos, e os que vivem ao sul, negros. Mas estes também são diversos entre si. Um amara da Etiópia é tão distinto de um ambundo de Angola quanto, na Europa, um escandinavo de um analuz. E um jalofu do Senegal é diferente de um xona de Zimbabué como um russo de um siciliano.

Na região meridional do continente, há um complicador: ops chamados coissãs, que compreendem os bosquímanos e os hotentotes. São povos baixos, pardo-amarelados, com face e nariz achatados, olhos estreitos como os dos chineses, cabelos que de tão encarapinhados mais parecem um gorro feito com grãos de pimenta do reino, que falam línguas que possuem cliques ou estalidos com valor de consoantes. Os coissãs ocupavam, no passo, a maior parte do sul da África, mas foram sendo expulsos para as áreas semidesérticas, primeiro pelos negros e, depois, pelos colonizadores brancos.

A África é riquíssima de línguas e culturas. Falam-se no continente mais de mil idiomas. Mais de dois mil, segundo alguns estudiosos. Algumas dessas línguas, como hauçá e o suaíli, são faladas por dezenas de milhões de pessoas e numa área geográfica bem extensa. Outras, por uns poucos milhares. Numa área onde predomina determinado idioma, pode haver pequenos bolsões de outro. Ou de outros. Muitas vezes dois grupos vizinhos se expressam em línguas inteiramente diferentes. E podem ter valores e maneiras de viver também distintos. Ou, ao mesmo tempo, semelhantes e diferentes. Ou até conflitantes.

Você pode nos dar um exemplo?

Posso. A mais oriental das cidadezinhas iorubas fica a pouco mais de uma centena de quilômetros da mais ocidental das aldeias ibos, na Nigéria. Entre os iorubas, o nascimento de gêmeos é celebrado como um acontecimento positivo e a mãe é tida como favorecida pelas divindades. Já entre os ibos, os gêmeos eram, no passado, considerados uma abominação e abandonados na floresta, enquanto a mãe tinha que se submeter a cerimônias de purificação. E não param aí as oposições e as dessemelhanças entre os dois povos. No plano político, enquanto os iorubas se organizavam em cidades-estado, com um rei sagrado, entre os ibos predominava a ausência de Estado, com as comunidades regidas pelos conselhos de anciões.

Não só as culturas diferem de povo para povo, como se foram modificando ao longo dos séculos. Há, contudo, certos traços comuns a todas elas, de modo que se pode falar de uma cultura africana como nos referimos a uma cultura européia, ainda que sejam tão distintos os modos de vida em Portugal e na Finlândia.

Não são também diferentes os costumes dos pastores e dos agricultores?

Claro que sim. Alguns povos africanos, como os pigmeus das florestas do Congo e os sãs ou bosquímanos das áreas semi-áridas da África do Sul, vivem da caça e da coleta de raízes, frutas e mel. Outros, como os cóis ou hotetotes, os fulas e os massais, da criação do gado. A maioria retira o sustento do cultivo da terra. Mas os pastores, enquanto conduzem o gado de uma pastagem para outra, colhem os frutos das árvores e o mel das colméias que encontram pelo caminho, e suas mulheres podem cultivar cereais em pequenos roçados. Os lavradores não só pescam, caçam e recolhem o que lhes dá naturalmente a terra, como também podem possuir cabras, ovelhas e bois.

Provavelmente havia também uma grande diversidade de organizações políticas na África.

É verdade. Alguns estados estendiam-se por amplos territórios e eram formados por várias nações, sob o comendo de uma delas – e a esses estados chamamos impérios. Haviam reinos menores, com uma ou mais nações. E outros ainda menores, que podemos comparar as cidades-estado da Grécia antiga. Essas várias entidades políticas eram compostas geralmente de uma família real, ou de duas ou mais famílias que se revezavam no poder ou o disputavam pelo voto ou pelas armas. O rei comandava uma nobreza privilegiada e com essa minoria compartia o mando sobre os homens comuns e os escravos.

Em algumas sociedades, os ferreiros, os ourives, os escultores, as oleiras e os bardos formavam castas profissionais. Chamamos esses grupos de castas porque seus membros se casavam entre si e eram desprezados pelas demais pessoas. Eram desprezados mas, ao mesmo tempo, temidos, por que tinham o poder de alterar a natureza. Os ferreiros transformavam o minério em facas, pontas de lança e enxadas. Os escultores cortavam num pedaço de madeira a imagem de um ancestral. As oleiras faziam com o barro potes e gamelas. E os bardos, *dielis* ou *griots*, que eram músicos, poetas e historiadores, davam uma função nova as palavras quando compunham versos.

Mas havia povos, como os ibos, que, como você disse, não possuíam reis....

Nem reis, nem chefes permanentes, nem o que chamamos de estados. A unidade social era a aldeia ou um agrupamento de aldeias, onde as decisões eram tomadas por um conselho de chefes das famílias que ali viviam e impostas, em muitos casos, pelas associações de poder (as chamadas sociedades secretas), cujos membros usavam máscaras assustadoras e mantinham a ordem, castigando os que se desviavam das normas costumeiras.

A maioria das sociedades africanas era altamente hierarquizada. Nobres, plebeus, estrangeiros, escravos, homens e mulheres, cada qual conhecia seu lugar – nele ficavam desde o nascimento e, em muitos povos, até após a morte, pois, de acordo com suas crenças, o morto, se era aristocrata, continuava, no além, aristocrata, e o escravo, escravo. Mas havia também sociedades que se regiam pelo mérito, nas quais o poder do sangue se restringia as estirpes reais, e tanto um plebeu quanto um escravo podiam ascender às mais altas funções do estado, à fama e a opulência. Em outras, era a riqueza que determinava a posição social de cada indivíduo. Em outras ainda, não havia diferenças, só se distinguindo dos demais os idosos que formavam o conselho dos anciões e, em caso de guerra, momentaneamente, aqueles tidos por mais capazes para conduzir a luta.

Plano de aula 2 – Duração de 60 minutos

Ano: 8º ano “A”

Data: 13/05/2011

Estagiário: Luiz Felipe Zimmermann

Eixo: Abrindo caminhos para a África:

Tema: Imagens da África.

Objetivos:

- Desconstruir as imagens estereotipadas do continente africano, abrindo espaço para a percepção de outras faces da África;
- Apresentar e discutir, a partir da apresentação de imagens, sobre os diversos aspectos e características das diferentes regiões e culturas que compõem o continente africano.

- Fortalecer nos alunos as noções espaciais, familiarizando-os com a composição geopolítica do continente africano, a partir de um debate histórico sobre as diferentes regiões e suas especificidades;

Conteúdos:

- O Mapa da África;
- Regiões do continente Africano;
- Paisagens naturais da África;
- As diferentes paisagens no mapa da África;

Metodologia:

Aula expositiva e dialogada, a partir do debate com mapas e imagens. Atividade em duplas com toda a turma.

Estratégias Didáticas:

Nessa aula o professor deverá iniciar o trabalho com o auxílio dos três mapas em anexo, que deverão ser desenhados no quadro. A partir do primeiro mapa, o professor deve apresentar o continente africano no aspecto natural, envolvendo os tipos de vegetação, o clima, mostrando marcos como o deserto do Saara, etc. No segundo mapa o professor deverá apresentar as diferentes regiões do ponto de vista cultural e histórico, em especial se tratando do período que será trabalhado ao longo do estágio (África pré-colonial). Trata-se apenas de uma exposição superficial, sem um debate mais profundo acerca dessas diferenças. No terceiro mapa, então, com o auxílio dos outros três, o professor deverá guiar uma atividade.

Os alunos se dividirão em duplas (ou possivelmente em trios). Cada dupla receberá uma imagem e deve dizer se ela representa ou não a África e a que região do continente africano ela representa. O dupla também deverá escrever um pequeno texto, com mínimo de quatro linhas justificando sua resposta. Terminada essa etapa, cada dupla deverá apresentar sua imagem e justificativa para a turma e fixar essa imagem no terceiro mapa, no quadro. O professor deverá interferir nessa fixação questionando os alunos sobre a imagem, ajudando-os a fixá-la corretamente. O importante não é apenas que

os alunos acertem, mas testar-lhes a compreensão das imagens e a capacidade de associação.

Embasamento:

A localização espacial é requisito básico para que os alunos compreendam as abordagens que faremos no decorrer do estágio. Ela implica em diversos fatores diferentes que influenciam a compreensão das diversas possibilidades de abordagem histórica. Localização espacial nessa aula implica em noções de distância, de paisagem, de fauna e flora, de obstáculos naturais, de hidrografia, de clima, de religião, de cultura, de etnia e finalmente de produção material. Não buscaremos nos aprofundar em nenhum desses pontos, tentando apenas aproximar os alunos da compreensão de que espaços são esses que trabalharemos ao longo do estágio.

Ao Norte da África temos uma pequena região de clima mediterrâneo, semelhante ao sul da Europa (clima temperado). Logo ao sul, temos o maior deserto quente do mundo, o deserto do Saara, que cobre de leste a oeste o restante do Norte da África. Nas bordas do Deserto do Saara há uma região de estepes, com vegetação e climas de transição. Seguindo rumo ao sul encontramos a região de Savana, uma paisagem de gramíneas e arbustos, com árvores esparsas. Do litoral da África Ocidental até a região dos grandes lagos temos paisagens de floresta temperada e tropical (selva africana). A paisagem de Savana segue até o Sul da África, chegando à ilha de Madagascar. No extremo sul do Continente há uma região de estepes, seguida do deserto de Karoo. Ainda encontramos pequenos trechos de regiões montanhosas, como na Etiópia. Estamos falando apenas das paisagens predominantes, podendo haver exceções.

Ainda falando sobre as paisagens, há pelo menos quatro grandes bacias hidrográficas importantes na África: A bacia do Nilo, no Egito, a bacia do rio Níger na África Ocidental e a bacia do rio Congo, na floresta do Congo. Há também a região dos grandes lagos africanos, entre a África Central e a Oriental.

Politicamente, a região norte da África divide-se em Magreb a Oeste e Vale do Nilo a Leste e é habitada predominantemente por árabes, de religião muçulmana, e já o era nas épocas que trabalharemos. O deserto do Saara era

uma barreira natural, mas também um caminho de diversas rotas comerciais entre o Norte e o restante da África. A África Ocidental também é predominantemente muçulmana, embora encontre bastante influência das culturas e religiões africanas, porém, como em todo o sul do Saara, predominam os povos negros. Nesse período, essa região comercializava com os Árabes ao Norte pelas rotas estabelecidas no Deserto do Saara, e possuíam grandes cidades e Reinos. Na África central, austral e oriental encontramos a predominância de religiões e culturas africanas misturadas às dos colonizadores cristãos, mas na época em que trabalharemos reinam as religiões animistas. Há diversas divisões etnolinguísticas diferentes que compõem os povos que vivem na África. Além dos árabes ao norte temos os khoisan ao sul, os Bantu na região central, os sudaneses, etc.

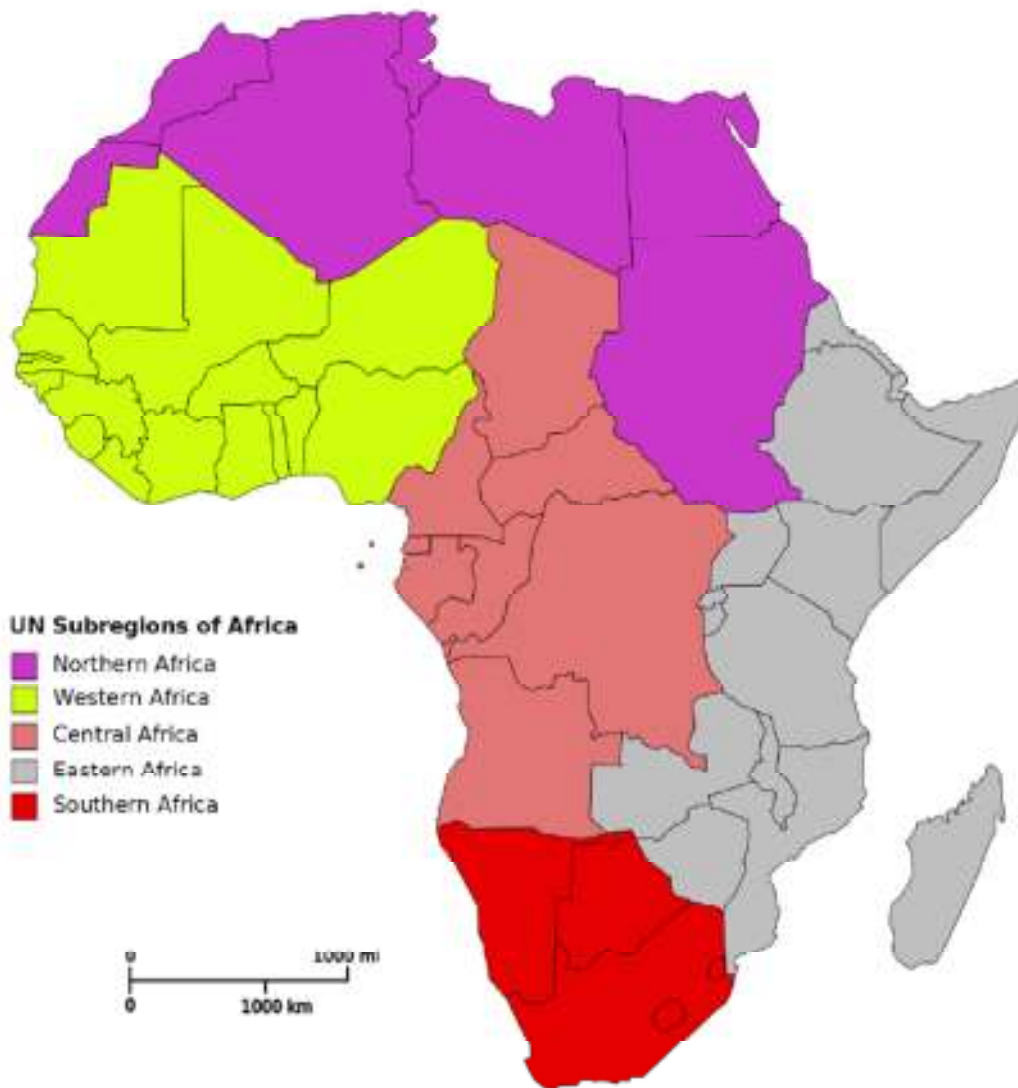
Recursos e Materiais Didáticos:

Diversas imagens, levadas impressas pelo professor; fita crepe; quadro e giz (para ilustração do mapa da África); caderno e lápis/caneta para os alunos.

Anexo O 3:

Anexo I – Mapa da vegetação africana





Anexo A 1

COLÉGIO DE APLICAÇÃO – UFSC

PROFESSOR: CRISTIANE

ESTAGIÁRIO: LUIZ FELIPE ZIMMERMANN

TURMA: 7ª SÉRIE A

DATA: _____

ESTUDANTE: _____

ATIVIDADE 1

De acordo com as descrições abaixo e com a apresentação das imagens por parte do professor, preencha as linhas ____ abaixo com o número das imagens correspondentes a cada legenda – texto.

Representações Ilustradas da África:

____ A imagem corresponde a uma ilustração do livro Magamat, de al-Hariri, 1236-1237 (Bibliothèque Nationale, Paris), de um Mercado de escravos de procedência africana. Essa imagem, feita pelos árabes, nos demonstra como a escravidão africana é anterior à expansão marítima Européia.

____ A Imagem representa a Rainha Nzinga de Matamba no trono. Ilustração do livro Missione Evangelica, do Padre Giovanni Antonio Cavazzi da Montecuccolo, 1670. Percebemos que essa imagem, feita por um padre, tenta demonstrar a crueldade da rainha.

____ A Ilustração do livro Missione Evangelica, do Padre Giovanni Antonio Cavazzi da Montecuccolo, 1670, representa músicos no reino do Congo.

____ A imagem está presente num manuscrito de 1470 (The Bodelian Library, Oxford) de Roman de Troie, França, e representa Africanos em embarcação.

____ Retrato de Dona Ana ginga, a rainha Nzinga de Matamba, de um pergaminho conservado num mosteiro de Coimbra. Ilustração do livro Monumenta Missionaria africana, de Antonio Brasio. Essa imagem é claramente diferente da anterior, em diversos aspectos.

____ Corresponde a uma imagem presente na obra: Os mouros no Libro de Alcedrez, de Alfonso X o Sábio de Castela, 1283 (Real Biblioteca do Escorial, Madri). Nessa obra vemos negros muçulmanos jogando xadrez.

____ A rainha de Sabá. Ilustração de um manuscrito da Tchecoslováquia, 1405 (niedersachsische Staats-und Universitätsbibliothek, Göttingen). Juntamente às duas imagens anteriores, essa imagem mostra um papel significativo da mulher nas sociedades africanas.

Cultura Material:

____ Crucifixo do reino do Congo, século XVII (Museum für Volkerkunde, Berlim).

____ Podemos ver a Cadeira de um chefe de Bié, Angola, do fim do século XIX (Museu da Sociedade de Geografia, Lisboa).

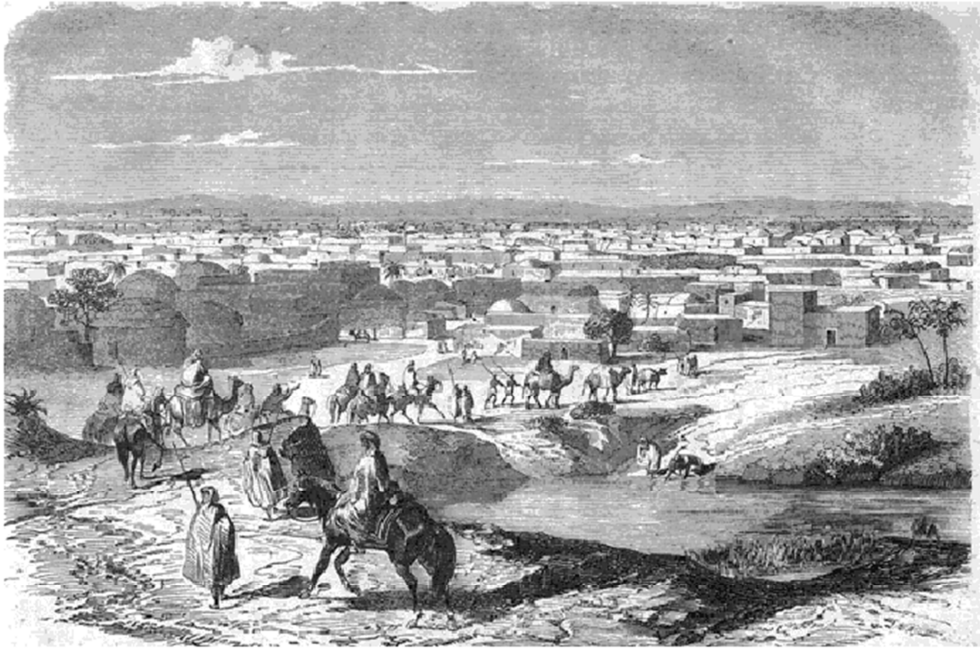
____ Na imagem, podemos ver um recipiente em bronze dos séculos IX-X, encontrado em Igbo Ukwu (Museu nacional da Nigéria).

____ A imagem é um cesto fabricado no reino do Congo, anterior a 1659 (Ulmer Museum, Ulm).

____ Trata-se de um saleiro de marfim do reino do Benin (Museu Nacional da Dinamarca).

____ Cabeça de um Oni em latão fundido, séculos XII-XV (Museu das Antiguidades de Ife).

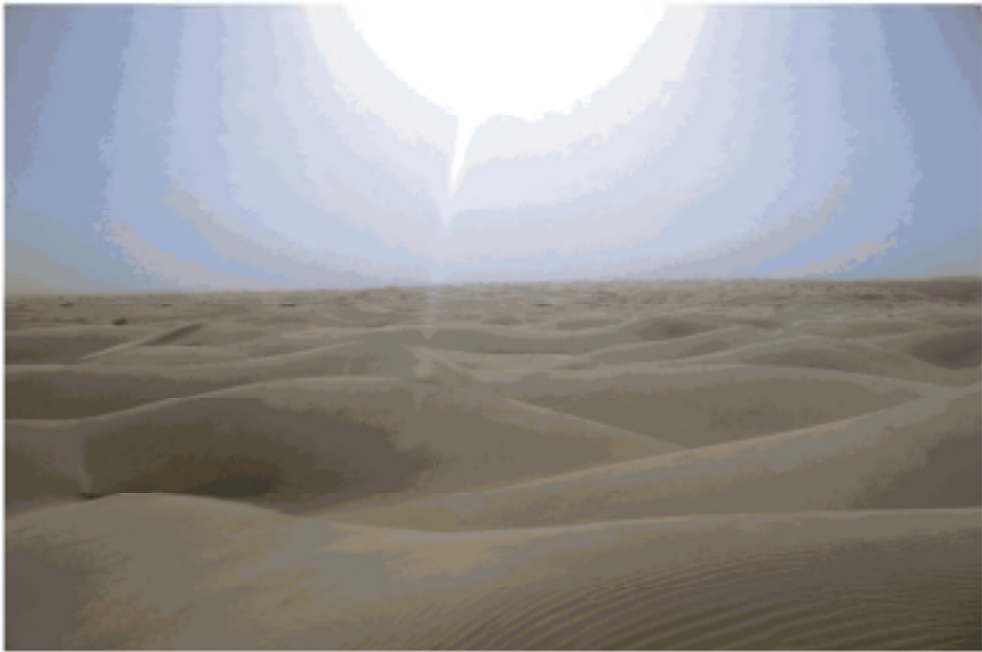
Anexo O 2:

















Plano de aula 3 – Duração de 60 minutos

Ano: 8º ano “A”

Data: 20/05/2011

Estagiário: Luiz Felipe Zimmermann

Eixo: Abrindo caminhos para a África:

Tema: Imagens da África.

Objetivos:

- Desconstruir as imagens estereotipadas do continente africano, abrindo espaço para a percepção de outras faces da África;
- Apresentar e discutir, a partir da apresentação de imagens, sobre os diversos aspectos e características das diferentes regiões e culturas que compõem o continente africano.
- Fortalecer nos alunos as noções espaciais, familiarizando-os com a composição geopolítica do continente africano, a partir de um debate histórico sobre as diferentes regiões e suas especificidades;

Conteúdos:

- O Mapa da África;
- Regiões do continente Africano;
- Paisagens naturais da África;
- As diferentes paisagens no mapa da África;

Metodologia:

Atividade em duplas com imagens, sob orientação do professor.
Exposição dos resultados da atividade a toda a turma.

Estratégias Didáticas:

Na aula anterior foi proposta uma atividade de preenchimento do mapa da África com diversas imagens de paisagens e construções, correspondentes a cada região do continente. Essa atividade não pôde ser concluída devido ao

pouco tempo que lhe restou na última aula. As poucas duplas que entregaram a fizeram de maneira muito sucinta. Também, a proposta de construção do mapa não pôde ser concluída. Devido à importância dessa atividade para fixar os conteúdos apresentados, exemplificar as paisagens e trabalhar com a capacidade de associação dos conteúdos, essa aula deverá retomar a atividade, tentando aprofundá-la e concluí-la plenamente.

Inicialmente nessa aula, o professor deverá fazer a chamada, verificar as atividades pendentes, e retomar os conteúdos trabalhados nas aulas anteriores com os alunos. Durante essa revisão ele terá o Mapa da África no quadro para apontar (não mais preencher como anteriormente) as regiões de onde se fala. Esse mapa colocado no quadro não será preenchido nesse momento. (10 minutos)

O professor então deverá entregar aos alunos o xerox de uma folha com a atividade em anexo, e então explicar as questões propostas (5 minutos):

Os alunos então se dividirão em duplas (no máximo em trios). Cada dupla receberá uma imagem e deverá então responder às questões acima. As questões deverão ser respondidas numa folha, com o nome dos alunos, o enunciado e a resposta das questões – cada resposta contendo no mínimo três linhas. O professor deverá circular pela sala para auxiliar os alunos na realização da atividade. (20 minutos)

Terminada essa etapa, cada dupla deverá apresentar sua imagem e justificativa para a turma e fixar essa imagem no mapa que está no quadro. O professor deverá interferir nessa fixação questionando os alunos sobre a imagem, ajudando-os a fixá-la corretamente. O importante não é apenas que os alunos acertem, mas testar-lhes a compreensão das imagens e a capacidade de associação. (25 minutos)

Terminadas as apresentações, caso ainda haja tempo hábil, deverá ser feita uma discussão sobre a atividade, as imagens e o mapa montados no quadro. Poderá também ser iniciada a atividade da aula posterior.

Recursos e Materiais Didáticos:

Diversas imagens, levadas impressas pelo professor; fita crepe; quadro e giz (para ilustração do mapa da África); caderno e lápis/caneta para os alunos.

Anexo A 1

COLÉGIO DE APLICAÇÃO – UFSC

PROFESSOR: CRISTIANE

ESTAGIÁRIO: LUIZ FELIPE ZIMMERMANN

TURMA: 7ª SÉRIE A

DATA: _____

ESTUDANTE: _____

ATIVIDADE 1

De acordo com as descrições abaixo e com a apresentação das imagens por parte do professor, preencha as linhas ____ abaixo com o número das imagens correspondentes a cada legenda – texto.

Representações Ilustradas da África:

____ A imagem corresponde a uma ilustração do livro Magamat, de al-Hariri, 1236-1237 (Bibliothèque Nationale, Paris), de um Mercado de escravos de procedência africana. Essa imagem, feita pelos árabes, nos demonstra como a escravidão africana é anterior à expansão marítima Européia.

____ A Imagem representa a Rainha Nzinga de Matamba no trono. Ilustração do livro Missione Evangelica, do Padre Giovanni Antonio Cavazzi da Montecucolo, 1670. Percebemos que essa imagem, feita por um padre, tenta demonstrar a crueldade da rainha.

____ A Ilustração do livro Missione Evangelica, do Padre Giovanni Antonio Cavazzi da Montecucolo, 1670, representa músicos no reino do Congo.

____ A imagem está presente num manuscrito de 1470 (The Bodelian Library, Oxford) de Roman de Troie, França, e representa Africanos em embarcação.

____ Retrato de Dona Ana ginga, a rainha Nzinga de Matamba, de um pergaminho conservado num mosteiro de Coimbra. Ilustração do livro Monumenta Missionaria africana, de Antonio Brasio. Essa imagem é claramente diferente da anterior, em diversos aspectos.

____ Corresponde a uma imagem presente na obra: Os mouros no Libro de Alcedrez, de Alfonso X o Sábio de Castela, 1283 (Real Biblioteca do Escorial, Madri). Nessa obra vemos negros muçulmanos jogando xadrez.

____ A rainha de Sabá. Ilustração de um manuscrito da Tchecoslováquia, 1405 (niedersachsische Staats-und Universitätsbibliothek, Gottingen). Juntamente às duas imagens anteriores, essa imagem mostra um papel significativo da mulher nas sociedades africanas.

Cultura Material:

____ Crucifixo do reino do Congo, século XVII (Museum fur Volkerkunde, Berlim).

____ Podemos ver a Cadeira de um chefe de Bié, Angola, do fim do século XiX (Museu da Sociedade de Geografia, Lisboa).

____ Na imagem, podemos ver um recipiente em bronze dos séculos IX-X, encontrado em Igbo Ukwu (Museu nacional da Nigéria).

____ A imagem é um cesto fabricado no reino do Congo, anterior a 1659 (Ulmer Museum, Ulm).

____ Trata-se de um saleiro de marfim do reino do Benin (Museu Nacional da Dinamarca).

____ Cabeça de um Oni em latão fundido, séculos XII-XV (Museu das Antiguidades de Ife).

Plano de aula 4 – Duração de 60 minutos

Ano: 8º ano “A”

Data: 16/05/2011

Estagiário: Luiz Felipe Zimmermann

Eixo: Abrindo caminhos para a África:

Tema: Imagens da África.

Objetivos:

- Complementar os assuntos trabalhados nas aulas anteriores, utilizando as imagens já utilizadas na disciplina, acrescidas de novas imagens, reforçando e complementando as noções de diversidade e localização geográfica;
- Desconstruir as imagens estereotipadas do continente africano, abrindo espaço para a percepção de outras faces da África;
- Fortalecer nos alunos as noções espaciais, familiarizando-os com a composição geopolítica do continente africano, a partir de um debate histórico sobre as diferentes regiões e suas especificidades;

Conteúdo:

- Patrimônio e cultura material na África;
- As representações medievais da África;
- As fontes sobre a história da África;

Metodologia:

- d) Aula expositiva e dialogada com uso de data-show.

Estratégias Didáticas:

Nessa aula o professor deverá apresentar uma seleção de slides aos alunos com diversas imagens que retratam o patrimônio material da África e

representações medievais do continente¹². Diferentemente das aulas anteriores, o professor deverá dar uma aula expositiva e dialogada a partir dessas imagens, discutindo a origem delas, o que representam e qual a relevância delas como fontes para a história da África.

Será distribuída para os alunos uma folha com diversas legendas, correspondentes à identificação das imagens apresentadas nos slides. Os slides serão apresentados pelo professor, onde ele deverá instigar os alunos a formularem perguntas e interpretarem os significados presentes em cada uma dessas imagens, construindo um debate. Durante a aula os alunos deverão colocar, ao lado das legendas, o número da imagem correspondente a cada uma. A folha completa e assinada deverá ser entregue ao final da aula e servirá como nota. A atividade de legendar as imagens deverá servir para familiarizar os alunos com o conteúdo das imagens que estão sendo apresentadas, e ao mesmo tempo envolvê-los e prender-lhes a atenção de maneira ativa e lúdica, tentando minimizar o impacto de uma aula demasiadamente expositiva.

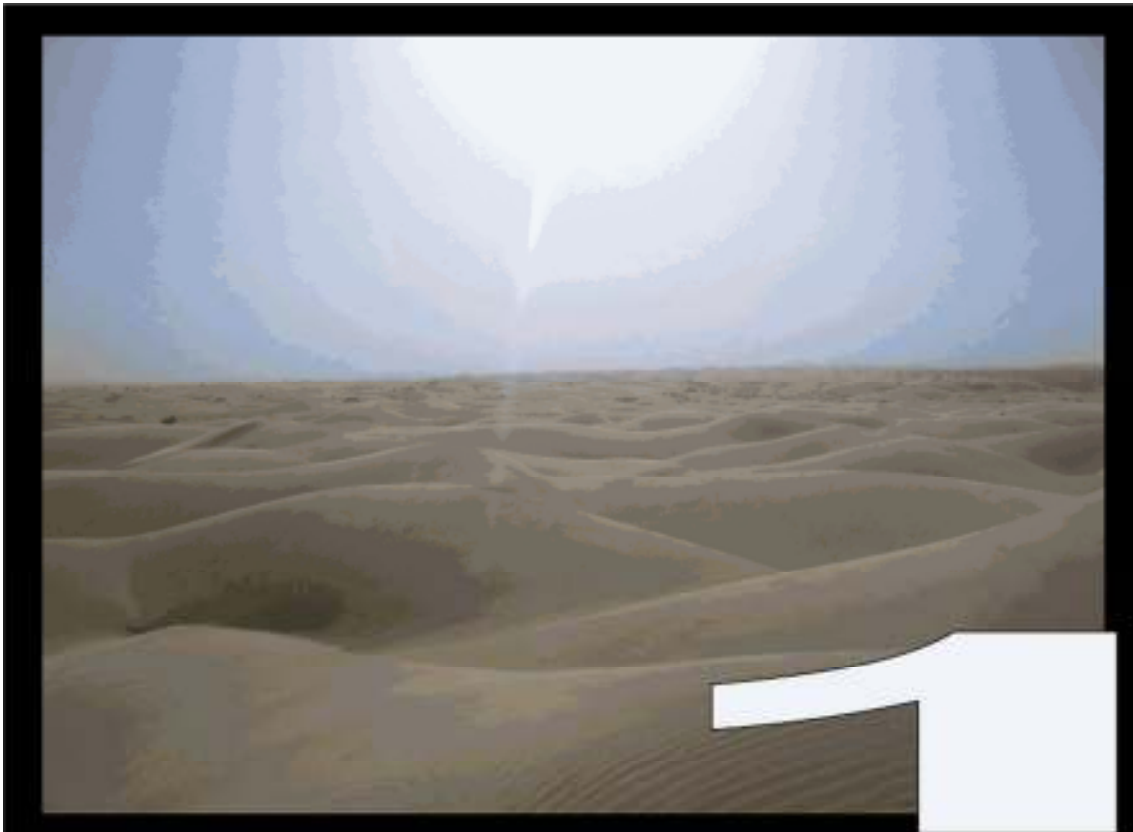
Ao fim, o professor deverá fazer algumas ponderações sobre as fontes no estudo da história da África, citando para os alunos a importância da tradição oral como fonte histórica.

Recursos e Materiais Didáticos:

Um projetor de data show e um notebook; um arquivo de slides a ser projetado; uma folha de atividade para ser respondida por cada aluno.

Anexo O 1:

¹² Serão trabalhadas apenas as imagens 13 a 25 dos slides e das legendas abaixo anexadas.





3



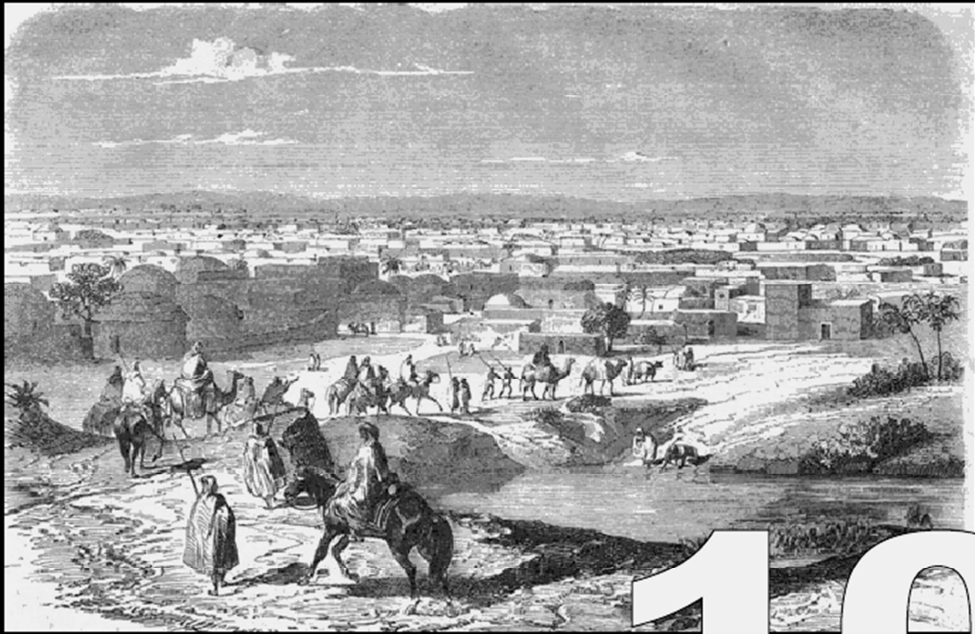
4







9



10





13



14



15



16



17



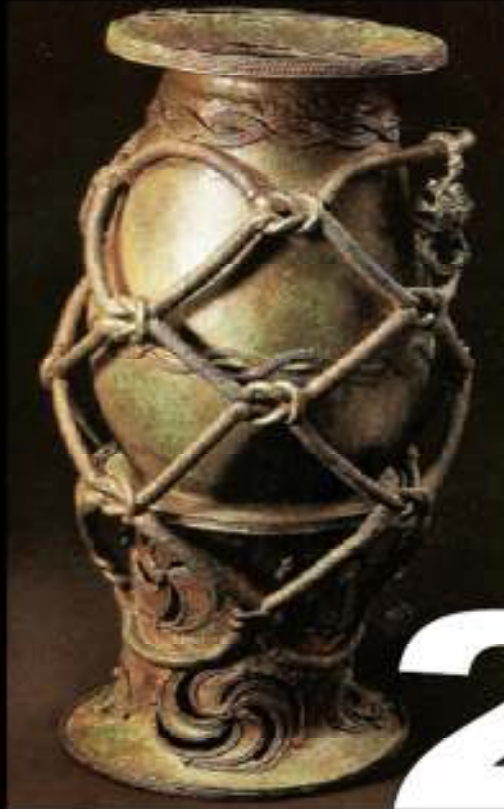
18



19



20



21



22



23



24



Legendas

1 -



Deserto do Saara. http://pt.wikipedia.org/wiki/Deserto_do_Saara

2-



Parque Nacional de Tarangire na [Tanzânia](#). Uma paisagem de Savana.

3-



[Vulcão](#) Ol Doinyo Lengai na [Tanzânia, em meio à savana.](#)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Savana>

4-



Floresta do Congo

<http://www.ojodigital.com/foro/flora-y-fauna/159303-gorilas-en-el-congo-incluye-making.html>

5-



Imagens de baobás na ilha de Madagascar

<http://www.destinosdeviagem.com/ilha-de-madagascar/>

6-



O Castelo de Gondar, Etiópia.

7-



O arcanjo Miguel. Catedral de Faras, Núbia, século X.

8-



Mesquita de Djenné, Mali.

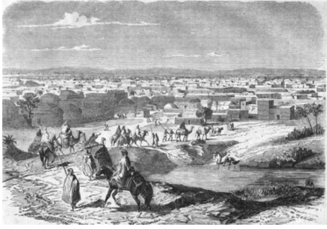
9-



Pirâmide de Gizé, litografia publicada em 1846, Biblioteca do Congresso americano.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Pir%C3%A2mides_de_Giz%C3%A9

10-



Cidade de Kano, Nigéria.

11-



O palácio dos reis do Congo. Ilustração do livro Description de l'Afrique, de D. O Dapper, 1686.

12-



Palácio dos Obás do reino de Benin. Ilustração do livro Description de l'Afrique, de Olfert Dapper, 1686.

13-



Mercado de escravos de procedência africana. Ilustração do livro Magamat, de al-Hariri, 1236-1237 (Bibliothèque Nationale, Paris).

14-



Africanos em embarcação. Roman de Troie, França, manuscrito de 1470(The Bodelian Library, Oxford).

15-



Músicos, reino do Congo. Ilustração do livro Missione Evangelica, do Padre Giovanni Antonio Cavazzi da Montecuccolo, 1670.

16-



Os mouros no Libro de Alcedrez, de Alfonso X o Sábio de Castela, 1283 (Real Biblioteca do Escorial, Madri).

17-



Rainha Nzinga de Matamba no trono. Ilustração do livro Missione Evangelica, do Padre Giovanni Antonio Cavazzi da Montecuccolo, 1670.

18-



Retrato de Dona Ana Nzinga, a rainha Nzinga de Matamba, de um pergaminho conservado num mosteiro de Coimbra. Ilustração do livro Monumenta Missionaria africana, de Antonio Brasio.

19-



A rainha de Sabá. Ilustração de um manuscrito da Tchécoslováquia, 1405 (niedersächsische Staats-und Universitätsbibliothek, Gottingen).



20-

Cabeça de um Oni em latão fundido, séculos XII-XV (Museu das Antiguidades de Ife).

21-



Recipiente em bronze dos séculos IX-X, encontrado em Igbo Ukwu (Museu nacional da

Nigéria).http://www.bhzdesign.com.br/clientes/ibnbattuta/antigas_civilizacoes_africanas.html

22-



Cesto fabricado no reino do Congo, anterior a 1659 (Ulmer Museum, Ulm).

23-



Cadeira de um chefe de Bié, Angola, do fim do século XiX (Museu da Sociedade de Geografia, Lisboa)

24-



Saleiro de marfim do reino do Benin (Museu Nacional da Dinamarca)

25-



Crucifixo do reino do Congo, século XVII (Museum fur Volkerkunde, Berlim).

Plano de aula 5 – Duração de 60 minutos

Ano: 8º ano “A”

Data: 20/05/2011

Estagiário: Luiz Felipe Zimmermann

Eixo: Abrindo caminhos para a África.

Tema: Como podemos explicar a África?

Objetivo: Essa aula pretende avaliar os resultados conseguidos ao longo do trabalho da primeira unidade.

Metodologia:

Avaliação por meio da produção de um Texto.

Estratégias Didáticas:

Nessa aula os alunos deverão responder à atividade em anexo individualmente e consultando apenas o livro didático produzido anteriormente. O importante não é que eles conheçam profundamente o continente, mas que tenham noção de que não é possível explicá-la como um bloco, mas como um enorme continente plural, formado pelas mais variadas paisagens e culturas. As leituras feitas do “A África ensinada para meus filhos”, assim como os conteúdos trabalhados em sala de aula, deverão contribuir para essa atividade.

Recursos e Materiais Didáticos:

Atividade em anexo, caneta, cópia de xérox: SILVA, Alberto da Costa e. “Primeira conversa”, *in: A África explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 9 – 20.

Anexo A 2:

Colégio de Aplicação/UFSC

Professora: Cristiane Grumm

Professor (Estagiário): Luiz Felipe Zimmermann

Aluno (a): _____ Turma: _____

Data: _____

Atividade de avaliação n. 3

A partir dos conteúdos trabalhados nas aulas anteriores e da leitura do trecho do livro “A África explicada para meus filhos” de Alberto Costa e Silva, responda às questões propostas abaixo:

1) Na primeira parte do texto, o autor comenta a existência de duas visões diferentes sobre a África. Apresente, com suas palavras, que visões são essas?

2) Consulte as páginas 3 e 4 do texto, selecione e escreva três características do continente africano que permitam compreender a sua diversidade.

3) Complemente as informações do autor, apresentando outras características do continente, aprendidas durante as aulas, e que permitem considerá-lo diversificado. Justifique por quê é importante entendermos a África a partir de suas diferenças.

4) A natureza da África é muito plural. Cite ao menos três diferentes **tipos de vegetação** presentes no continente africano e suas características.

5) Observe atentamente a imagem abaixo. Em seguida, analise-a

Imagem 1



Imagem de Mansa Mussa, sultão do Império de Mali, no Atlas Catalão de Abrahan Cresques, 1375 (Biblioteca Nacional da França, Paris).

- Identifique o tipo de imagem representada, o autor e a época em que foi produzida.

- Identifique os principais elementos representados na imagem e descreva-os. Que elementos são esses? O que eles nos mostram sobre a África? Para que então poderia servir este documento?

- c) É possível identificar qual região da África essa imagem representa? Justifique.

- d) Como essa imagem poderia nos auxiliar a compreender um pouco mais a história da África? Explique sua resposta.

Plano de aula 6 – Duração de 60 minutos

Ano: 8º ano “A”

Data: 30/05/2011

Estagiário: Luiz Felipe Zimmermann

Eixo: Os reinos islâmicos da África medieval.

Tema: O islamismo e a expansão islâmica.

Objetivos:

- Estimular o debate sobre a diversidade, relações de convivência, tolerância e intolerância étnicas, religiosas e culturais no continente africano;
- Estabelecer relações com o mundo de hoje, auxiliando a compreensão da própria realidade e da realidade do mundo onde vivemos e auxiliando a compreensão do conteúdo.
- Desconstruir os preconceitos e estereótipos sobre os muçulmanos e o Islã.
- Compreender os diferentes aspectos do Islã e sua importância histórica.

Conteúdos:

- Árabe e Muçulmano.
- Surgimento do Islamismo.
- A expansão islâmica.
- Os pilares da fé islâmica.
- O islamismo enquanto cultura e sociedade.
- O islamismo enquanto modelo político.
- O islamismo enquanto ideologia.

Metodologia:

Aula expositiva e dialogada com uso do quadro.

Estratégias Didáticas:

Nessa aula o professor deverá iniciar entregando para os alunos o material didático correspondente a essa aula (uma folha de xerox, que deverá ser colada no caderno). A partir disso, deverá dar seguimento apresentando o tema e justificando o recorte que fará dessa aula pensando já em estabelecer ligação tanto com a aula anterior quanto com a aula seguinte. Após isso,

deverá iniciar uma discussão com os alunos sobre as impressões prévias que eles possuem sobre o Islã, os árabes, muçulmanos, etc. Terminado esse debate, o professor iniciará uma aula expositiva e dialogada, com o uso do quadro, sobre quatro aspectos diferentes do islamismo: religião, cultura, política e ideologia. Ao fim, o professor deverá ampliar o debate sobre preconceito e intolerância.

Embasamento:

Especialmente a partir dos atentados de 11 de setembro de 2001, a imprensa vem nos bombardeando com imagens do muçulmano como terrorista, fanático e inimigo. A imagem do homem-bomba, porém, não corresponde aos ensinamentos de Alá nem atualmente e nem quando essa religião se formou. Devemos tentar antes compreender essa religião para podermos resistir aos preconceitos e estereótipos midiáticos.

O Islã é uma **religião** Monoteísta que surgiu na Península Arábica por volta do século VIII. Ele acredita nos ensinamentos do profeta Maomé, os quais foram compilados no seu livro sagrado livro, o Alcorão. O deus islâmico é Alá, e o islamismo compartilha junto ao judaísmo e o cristianismo da crença em Abraão como seu patriarca. O islamismo também acredita em outros profetas, e crê na existência de cristo como um desses profetas, mas não como filho de Deus. A fé islâmica se estrutura sobre cinco pilares:

- e) Acreditar que Alá é o único deus e que Maomé é seu servo e mensageiro;
- f) Fazer as cinco orações diárias voltado para Meca;
- g) Pagar anualmente parte de sua fortuna e seus bens para auxiliar a obra de Alá;
- h) Fazer o jejum durante todos os dias do mês do Ramadão (nono mês);
- i) Visitar, ao menos uma vez durante a vida, a cidade sagrada de Meca.

Os Árabes desse período eram um povo muito voltado para o comércio. Junto às caravanas, os ensinamentos de Maomé serão espalhados por diversas regiões muito além da Arábia. Ao mesmo tempo que espalhavam sua religião, os Árabes também espalhavam seu modelo de **cultura e sociedade**. Podemos perceber a influência dessa cultura árabe nas demais regiões

islamizadas a partir da língua árabe, da escrita, da arquitetura, da maneira de se vestir, na música, entre outros fatores.

Além de líder religioso, Maomé tornou-se também um líder **político** muito influente, unificando os árabes sob o Islã. Após sua morte, os califas, seus sucessores, foram responsáveis por continuar o trabalho de expansão do islamismo. Em cerca de um século, teriam formado um Império Islâmico que ia desde a Índia até a Espanha, passando por todo o Norte da África, porém sem manter sua unidade. Por mais que a partir daí o islamismo tivesse se fragmentado em diversos reinos, ele fornecia um modelo político e jurídico comum aos diversos reinos, que formaram monarquias de forte influência teocrática.

Por fim, podemos dizer que o islamismo trazia junto de si uma **ideologia**, que servia para apaziguar os conflitos sociais, manter o poder político e alimentar o espírito de unidade. Os devotos de Alá não deveriam manter guerras entre si, e sim conviver pacificamente dentro dos ensinamentos do corão e trabalhar juntos para a propagação do Islã. O conceito de Jyhad (guerra santa) permitia aos diversos reinos expandir-se sobre infiéis, afim de duplamente dominá-los e convertê-los.

Recursos e Materiais Didáticos:

Texto didático, quadro negro e cadernos.

Anexo T 2:

Texto 2 – Professor Luiz

Islâmicos, Árabes e muçulmanos:



A lua crescente com uma estrela é o símbolo do Islamismo. Atualmente, o islamismo é a segunda religião com mais fiéis no mundo. Apesar disso, a mídia, diariamente, nos mostra as imagens do muçulmano como o terrorista, o fanático, o inimigo. A imagem do homem-bomba, porém, não corresponde aos ensinamentos de Alá, nem atualmente e nem no surgimento dessa religião. Assim, devemos tentar vencer os estereótipos e preconceitos e buscar compreender essa religião.

O Islã é uma religião Monoteísta que surgiu na Península Arábica, e se espalhou rapidamente pela Ásia e norte da África por volta dos séculos VII e VIII. Ele acredita nos ensinamentos do profeta Maomé, os quais foram compilados no seu livro sagrado, o Alcorão. O islamismo compartilha da mesma origem religiosa que o cristianismo e o judaísmo, e acredita em diversos profetas anteriores a Maomé, como Cristo e Abraão.

Surgimento

Antes do Islamismo, os Árabes eram divididos em diversas tribos, e cultuavam um vasto número de deuses diferentes, sendo Meca o centro deste culto. O profeta Maomé teria recebido ensinamentos do próprio Deus, e, a partir de então, sua figura religiosa e política transformou a situação. Maomé unificou politicamente os Árabes, e deu fim ao culto aos outros deuses, iniciando, assim, a fé monoteísta em Alá. A partir de então, Meca deixou de ser um centro pagão e passou a ser a cidade mais sagrada da fé islâmica.

Os Cinco Pilares do Islamismo:

- Acreditar que Alá é o único deus e que Maomé é seu servo e mensageiro;
- Fazer as cinco orações diárias voltado para Meca;
- Pagar anualmente parte de sua fortuna e seus bens como caridade para auxiliar a obra de Alá;
- Fazer o jejum durante todos os dias do mês do Ramadão (nono mês);
- Visitar, ao menos uma vez durante a vida, a cidade sagrada de Meca.
-

Expansão Islâmica

Os Árabes desse período eram um povo muito voltado para o comércio. Junto às caravanas, os ensinamentos de Maomé serão espalhados por diversas regiões muito além da Arábia. Ao mesmo tempo em que espalhavam sua religião, os Árabes também difundiam seu modelo de cultura e sociedade. Podemos perceber a influência dessa cultura árabe nas demais regiões islamizadas a partir da língua árabe, da escrita, da arquitetura, da maneira de se vestir, na música, entre outros fatores.

Além de líder religioso, Maomé tornou-se também um líder político muito influente, unificando os árabes sob o Islã. Após sua morte, os califas, seus sucessores, foram responsáveis por continuar o trabalho de expansão do islamismo, seja pela pregação e conversão pacífica, ou mesmo pelas guerras.

Em cerca de um século, os califas teriam formado um Império Islâmico que ia desde a Índia até a Espanha, passando por todo o Norte da África, porém sem manter sua unidade. Por mais que, a partir daí, o islamismo tivesse se fragmentado em diversos reinos, ele fornecia um modelo político e jurídico comum, que formaram monarquias de forte influência teocrática, como os califados Abássida no Oriente Médio, Almorávida no Magreb e de Córdoba na Espanha. O islamismo alcançou diversas regiões da África Ocidental (onde se formaram impérios islâmicos como Mali e Songhai) e do Norte, assim como algumas regiões da África Oriental.

Por fim, podemos dizer que o islamismo trazia junto de si uma ideologia, que servia para apaziguar os conflitos sociais, manter o poder político e alimentar o espírito de unidade. Os devotos de Alá não deveriam manter guerras entre si, e sim conviver pacificamente dentro dos ensinamentos do corão e trabalhar juntos para a propagação do Islã. O conceito de Jyhad (guerra santa) permitia aos diversos reinos expandir-se sobre infiéis, afim de duplamente dominá-los e convertê-los.



Mapa da expansão Islâmica:

<http://www.eb23-cmdt-conceicao-silva.rcts.pt/sev/hgp/5.mapa.jpg>

O Islamismo na atualidade:

Atualmente, o islamismo é uma das religiões que mais crescem no mundo e que mais tem adeptos. Ele é a religião predominante em diversos países da África e Ásia, e também na Indonésia. Agora que conhecemos mais sobre o islamismo voltamos à pergunta: por que atualmente sempre que ouvimos falar do Islã nós vemos imagens tão

negativas? Por que essa religião é tantas vezes associada à intolerância, terrorismo, machismo, autoritarismo, etc?

PAÍSES ÁRABES				PAÍSES MUÇULMANOS NÃO ÁRABES			
	Pais	População	Islão %		Pais	População	Islão %
ÁFRICA	Mauritânia	3.500.000	90%	África	Guiné	9.730.330	96%
	Somalia	8.025.190	100%		Senegal	10.300.000	92%
	Algéria	32.818.500	99%		Gâmbia	1.400.000	90%
	Marrocos	31.000.000	99%		Mali	11.500.000	90%
	Líbia	5.700.000	98%		Níger	11.000.000	80%
	Tunísia	9.520.000	98%		Etiópia	64.500.000	68%
	Djibuti	650.000	94%		Sierra Leone	5.732.681	60%
	Egito	69.500.000	94%		Cameroon	16.200.000	65%
	Comoros	811.385	86%		Nigéria	100.000.000	50%
	Sudão	38.114.160	70%		Burkina Faso	12.600.000	60%
	Ásia	Palestina	-		-	Chad	9.000.000
Arábia Saudita		24.200.000	100%	Burkina Faso	1.200.000	40%	
Qatar		850.000	100%	Costa do Marfim	16.800.000	40%	
Yemen		19.300.000	100%	Tanzânia	35.922.000	40%	
Oman		2.800.000	99%	Dahomey - Benin	7.400.000	20%	
Jordânia		5.450.000	98%	Togo	5.400.000	10%	
Emiratos Árabes Unidos		2.400.000	96%	República Central Africana	3.445.000	9%	
Iraque		24.682.313	86%	Ásia	Ilhas Maldivas	301.475	100%
Síria		18.000.000	80%		Turquia	68.100.000	100%
Bahrain		668.000	85%		Afghanistan	28.717.213	98%
Kuwait		2.200.000	85%		Irão	70.000.000	96%
Libano		4.400.000	60%		Paquistão	150.694.740	97%
					Indonésia	234.881.643	88%
					Bangladesh	138.448.210	82%
			Malásia		23.000.000	52%	

Lista atual dos principais países Islâmicos.¹³

Glossário

Muçulmano: ou islamita, é o termo que designa o seguidor da fé Islâmica. Há também o termo maometano, mas essa designação é incorreta.

Árabe: não é sinônimo de muçulmano. Embora a origem do Islã seja árabe, esse é um povo específico, e apenas um dos diversos povos cuja população segue o islamismo (e mesmo assim não são todos que o seguem). Além dos árabes, turcos, persas e sudaneses também estão entre os povos com o maior número de seguidores do islamismo.

Califa: Os califas são os sucessores de Maomé, ou seja, líderes políticos e religiosos que deveriam governar o mundo islâmico.

Teocracia: Teocracia é o termo que designa uma forma de governo com forte influência da religião.

¹³ Todas as imagens acessadas em 30/05/2011

Plano de aula 7 – Duração de 60 minutos

Ano: 8º ano “A”

Data: 27/05/2011

Estagiário: Luiz Felipe Zimmermann

Eixo: Os reinos islâmicos da África medieval.

Tema: Ibn Battuta e a África Islâmica.

Objetivos:

- Despertar nos alunos o interesse pela história do continente africano como parte da sua própria história enquanto brasileiro e enquanto cidadão do mundo, percebendo-a tão importante e rica quanto a história européia;
- Estimular o debate sobre a diversidade, relações de convivência, tolerância e intolerância étnicas, religiosas e culturais no continente africano;
- Entender a África como um continente cosmopolita e rico culturalmente, percebendo a influência das sociedades africanas na Ásia e Europa;
- Estabelecer relações com o mundo de hoje, auxiliando a compreensão da própria realidade e do mundo onde vivemos e auxiliando a compreensão do conteúdo;
- Ressaltar a importância dos relatos de viajantes como fontes históricas sobre a África;
- Desenvolver o trabalho com vídeos didáticos como ferramenta de ensino.

Metodologia:

Apresentação de vídeo didático seguida de debate.

Estratégias Didáticas:

Nessa aula, o professor deverá apresentar aos alunos o vídeo didático “Viajando pela África com Ibn Battuta”, do professor José Rivair Macedo, da UFRGS. A atividade terá segmento com:

- Uma breve introdução sobre que vídeo é esse, por quê ele foi escolhido, quem são as pessoas que o fizeram e com que finalidade. 10 minutos.
- Apresentação do vídeo aos alunos, que deverão anotar os pontos mais importantes, mais interessantes e qualquer dúvida que tenham. 30 minutos.
- Ao fim, se iniciará um debate sobre esses pontos, sendo levantadas as questões tanto pelo professor quanto pelos alunos. 20 minutos.

Questões para o debate:

- Quem é principal personagem abordado pelo vídeo? (Nome, onde nasceu, sua profissão)
- Qual é a viagem de que fala esse vídeo?
- Quando ocorreu essa viagem?
- Quem o acompanha nessa viagem? Por quê?
- Quais veículos foram utilizados na viagem?
- Por que Ibn Battuta teria cruzado o deserto? O que ele esperava encontrar?
- Por que se fala no vídeo que o Saara é um “oceano de areia interligando dois mundos”?
- Por que é dito no vídeo que um novo mundo se revelaria para Ibn Battuta ao cruzar o deserto do Saara?
- De acordo com o vídeo, qual era a importância do comércio nas regiões da África visitadas pelo personagem?
- O que as caravanas buscavam comercializar com os povos ao Sul do Deserto?
- Como a língua, a cultura e a religião árabe eram espalhadas pela África?
- Que aspectos da viagem são narrados pelo personagem?
- Qual a visão do viajante sobre as regiões da África que ele visitou? Aponte elementos positivos e negativos.
- Podemos perceber um elemento exótico nos relatos de Ibn Battuta. Que exemplos de exotismo encontramos no vídeo? Por quê o exotismo está presente?
- Havia escravidão na África? Como ela funcionava?
- Como era essa sociedade que ele visitou?

- Quais semelhanças e diferenças entre os reinos islâmicos do norte e do sul do Saara? Busque os aspectos políticos, culturais, religiosos, etc.
- Como o rei desse reino, o Mansa, é retratado?
- Como o vídeo descreve Mansa Musa? Como ele conseguiu prestígio e influencia sobre os demais reinos Islâmicos e mesmo Cristãos?
- Por que Mansa Musa fez sua peregrinação para Meca? O que ele trouxe ao voltar?
- Por que Ibn Battuta estranhou o islamismo praticado no Mali?

Recursos e Materiais Didáticos:

Retroprojektor e notebook ou uma sala de vídeo, cd com o documentário:

MACEDO, Rivair José. **Viajando pela África com Ibn Battuta**. Acessado em 17/05/2011. <http://www.bhzdesign.com.br/clientes/ibnbattuta/projeto.html>

Embasamento:

O vídeo de 26 minutos foi feito para educadores e alunos do ensino básico público. O projeto foi coordenado pelo historiador e pesquisador José Rivair Macedo, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O vídeo deve apoiar os estudos dos africanos e afrodescendentes no Brasil conforme prevê a [Lei nº 10.639](#), de 9 de janeiro de 2003 tentando despertar “um novo olhar sobre a África”. O fio condutor é o personagem Ibn Battuta, um viajante marroquino que foi de seu país ao Sudão ocidental entre os anos de 1352 e 1353. *Viajando pela África com Ibn Battuta*, que é o título do vídeo, relata e ilustra a jornada do viajante, que é hoje lembrado pelo mundo muçulmano como o “príncipe dos viajantes”. Ele viveu 64 anos e teria viajado durante 30 anos para conhecer países e culturas.

Anexo A 3:

Colégio de Aplicação/UFSC

Professora: Cristiane Grumm

Professor (Estagiário): Luiz Felipe

Turma: 8º “A”

Atividade 5 - Análise do Vídeo “Viajando pela África”

1- Quem é o personagem principal abordado pelo vídeo? (Nome, onde nasceu, sua profissão)

- _____

2- Qual é a viagem de que fala esse vídeo? Quando ela ocorreu?

- _____

3- Por que o personagem teria cruzado o deserto? O que ele esperava encontrar?

- _____

4- De acordo com o vídeo, qual era a importância do comércio nas regiões da África visitadas pelo personagem?

5- Todos os trechos abaixo estão presentes nas narrativas feitas pelo **viajante Ibn Battuta** ao poeta Ibn Djuzzay, em **1356**. Leia-os atentamente, depois responda as questões:

1 - “No deserto há muitos gênios malignos. Quando o guia da caravana está só eles aparecem e brincam com ele, atraindo sua atenção, desviando-o do seu rumo e levando-o à morte, pois não há caminho visível nem qualquer ponto de referência, apenas areia que se move a todo instante com o vento”.

2 - “Vi perto da margem do grande rio dezesseis bestas enormes que me deixaram espantado. Pensei tratar-se de elefantes, que há aos montes por lá, mas logo vi que entraram no rio... Eles são mais gordos que os cavalos, tem crina, rabo e cabeça semelhante ao dos eqüinos mas as patas assemelham-se às dos elefantes”.

3 - “Às vezes a audiência acontece debaixo de uma árvore, e o sultão senta-se num estrado com três degraus, chamado penpi, recoberto de seda, arranjado com almofadas e coberto com um guarda-sol que forma uma grande cúpula de seda. Sobre o guarda-sol há uma ave de ouro do tamanho de um falcão”.

j) De acordo com o primeiro trecho, como Ibn Battuta descreve o deserto que ele visita na África?

b) Identifique qual animal é mencionado pelo viajante, no segundo trecho acima. Como ele o descreve?

c) Apresente algumas semelhanças na visão de Ibn Battuta sobre a África, presente nos dois primeiros trechos acima, e, explique, porque ele descreveu a região visitada desse modo.

d) Quem é o personagem mencionado no terceiro trecho? Como o autor descreve esse personagem?

6- Quais os aspectos das regiões e sociedades visitadas por Ibn Battuta você consegue extrair de seus relatos?

7- De que maneira os relatos desse viajante permitem ao historiador conhecer um pouco mais sobre a história da região da África visitada por ele?

Se desejar, acesse o site abaixo e veja novamente o vídeo.

<http://www.bhzdesign.com.br/clientes/ibnbattuta/projeto.html>

Plano de aula 8 – Duração de 60 minutos

Ano: 8º ano “A”

Data: 03/06/2011

Estagiário: Luiz Felipe Zimmermann

Eixo: Os reinos islâmicos da África medieval.

Tema: Os reinos islâmicos na África Ocidental.

Objetivos:

- Despertar nos alunos o interesse pela história do continente africano como parte da sua própria história enquanto brasileiro e enquanto cidadão do mundo, percebendo-a tão importante e rica quanto a história europeia;
- Estimular o debate sobre a diversidade, relações de convivência, tolerância e intolerância étnicas, religiosas e culturais no continente africano;
- Entender a África como um continente cosmopolita e rico culturalmente, percebendo a influência das sociedades africanas na Ásia e Europa;
- Estudar os reinos islâmicos da África Ocidental, sua importância, influência na região e as relações que eles estabeleciam com o exterior;

- Compreender a importância do Islamismo na história da África;
- Perceber como o islamismo presente na África subsaariana convive com e recebe diversas influências das demais tradições religiosas e culturais pré-islâmicas.
- Desenvolver noções de como trabalhar com os relatos de viajante como fontes históricas.

Conteúdos:

- O Reino de Gana;
- O Reino de Mali;
- O Reino de Songhai;
- O islamismo na África Ocidental;
- A importância comercial da África Ocidental.

Metodologia:

Aula expositiva e dialogada com uso do quadro e Material Didático.

Estratégias Didáticas:

Nessa aula o professor deverá utilizar-se do mapa histórico e, com base no conhecimento adquirido pelos alunos nas duas aulas anteriores, iniciar um debate direto entre o material didático selecionado para essa aula¹⁴ com o conteúdo exposto pelo professor, sobre os reinos islâmicos da África Negra. Haverá uma mescla entre a aula expositiva e dialogada, a leitura dos textos por parte dos alunos, e o conteúdo a ser copiado por eles do quadro negro. Os alunos também serão estimulados a levantar questões e promoverem o debate a partir dos conhecimentos já desenvolvidos na disciplina e de outros que eles possuam. Nessa folha também há uma atividade, que deverá servir de tarefa para casa a ser feita no caderno pelos alunos.

Recursos e Materiais Didáticos:

Quadro, texto-base, caderno, mapa histórico.

14

Em anexo

Anexo T 3:

Colégio de Aplicação/UFSC

Professora: Cristiane Grumm

Professor (Estagiário): Luiz Felipe Zimmermann

Turma: 8º “A”

Texto n. 3 – A Organização de Sociedades na África Ocidental

Algumas sociedades africanas formaram grandes reinos, como o Egito, O Mali, Songai, Oió, Axante e Daomé. Outras eram agrupamentos muito pequenos de pessoas que caçavam e coletavam o suficiente para o sustento da família e do grupo. Mas, todas, das mais simples às mais complexas, se organizaram a partir da fidelidade ao chefe, das relações de parentesco e do conhecimento dos mais velhos e dos ancestrais.

Nas **aldeias**, que eram a forma mais comum de os grupos se organizarem, havia algumas famílias, cada um com o seu chefe, sendo todos subordinados ao chefe da aldeia. Ele era o responsável pela definição das regras que deveriam ser seguidas por todos, pela distribuição de terras, pelo bem estar e pela segurança. Em muitos casos, as suas decisões eram tomadas em conjunto com outros líderes da aldeia ou por um conselho que o auxiliava em diversos assuntos, inclusive aqueles ligados ao sobrenatural: como os espíritos da natureza, os antepassados mortos e heróis míticos que muitos consideravam fundadores de suas sociedades.

Várias aldeias podiam estar articuladas umas com as outras, formando uma **confederação de aldeias**, que prestava obediência a um conselho de chefes. As confederações eram formas de organização social e política mais amplas do que as aldeias, que envolviam mais pessoas, mas nas quais não havia um chefe com autoridade sobre todos os outros.

Mauritânia. O rei recebia o título de gana e era visto como um elo entre os deuses e os homens. Ele liderava um poderoso exército e ocupava o topo de uma sociedade hierarquizada. Sacerdotes, nobres, e funcionários cuidavam da administração do reino.

Seguiam uma religiosidade tradicional baseada em conjuntos de práticas e rituais que refletem concepções locais de Deus e do Cosmo, transmitidas pela oralidade.

Esse reino prosperou principalmente pela exportação de ouro e escravos, em especial, para o Norte da África, de onde, em troca, importavam, principalmente, sal e tecidos.

Documento 1: Quando existiu o reino de Gana?

Gana aparece pela primeira vez num texto árabe do século VIII, como o país do ouro. E é a abundância desse metal que fica na nossa memória quando lemos a descrição do rei de sua corte, feita no século XI por Al-Bakri, outro árabe natural de Córdoba, na Andaluzia. O soberano vestia uma ampla túnica e tinha na cabeça um turbante encimado por um gorro bordado em ouro. (...)

SILVA, Alberto da Costa e. “Segunda conversa”, in: A África explicada aos meus filhos. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 21-34.

O reino de Gana durou até meados do século XIII, quando uma invasão dos berberes, que eram um povo islamizado do Norte da África, levou à decadência de Gana e à introdução do islamismo na região. Atualmente, 30% da população é islâmica contra 38% de pessoas que possuem crenças tradicionais.

Reinos na África Ocidental



<http://www.encyclopedia.com.pt/images/MapWAEmpires.gif>

Entre os séculos XIII e XV o **Reino de Mali** dominou o antigo reino do Gana, ampliando seu domínio. Assim como seus antecessores, vendiam escravos e ouro e mantinham um forte comércio com o Norte da África. Com a prosperidade, sua Capital, Tombuctu, tornou-se um grande centro comercial, cultural e religioso.

Esse reino era habitado por vários povos, sendo os malinquês (ou mandingas) o grupo principal. Os governantes recebiam o título de mansa. Viajantes árabes relataram a história de alguns governantes que se tornaram famosos como Sundiata, que reinou de 1230 a 1255 e Mansa Mussa, que governou entre 1312 e 1337 e é lembrado pela peregrinação que fez à cidade sagrada de Meca.

Documento 2 (...) O grande viajante Ibn Batuta, que andou por aquelas terras entre 1352 e 1353, viu esse rei, que tinha o título de mansa, dar audiência a seus súditos, de manto vermelho e gorro bordado de ouro, sentado em almofadas, sob um grande guarda-sol encimado por um grande pássaro de ouro. Estava cercado por seus chefes militares, com espadas e lanças de ouro.

(...) o Mali era um reino riquíssimo em ouro. Isso ficara claro para os egípcios durante a passagem pelo Cairo do mansa de nome Musa, em 1324. Ele entrou na cidade a cavalo, precedido por 500 escravos, cada um deles com um bastão de ouro. E gastou tanto, durante sua estada, sempre pegando em ouro, que este perdeu valor. Num mapa-mundi desenhado na ilha Maiorca, em 1375, por Abraão Cresques, o rei negro aparece vestido a européia, com cetro e coroa, a oferecer com a mão direita uma grande pepita de ouro e um berbere a camelo.

(...) o fato é que a região da África onde ficavam aqueles países foi, durante vários séculos, até a descoberta do metal nas Américas, a grande fornecedora de ouro ao mundo árabe e à Europa. Era para adquirir ouro que as cáfilas, ou caravanas de camelos, atravessavam o Saara. E era com ouro africano que se cunhavam moedas na Europa e no Oriente Médio

(...) O ouro era obtido tanto no leito dos rios, pelo sistema de lavagem na bateia, como em minas. Cavavam-se poços quadrados, com uma profundidade que podia chegar a 20 metros. A medida que a escavação desciasuas paredes iam sendo reforçadas por vigas de suas paredes iam sendo reforçadas por vigas de madeira.

SILVA, Alberto da Costa e. "Segunda conversa", in: *A África explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. p. 21-34.

O comércio e principalmente as taxas sobre o tráfico de ouro, sal, escravos, marfim, noz de cola e outros produtos eram fundamentais para a manutenção do estado, da corte e do mansa. Com a arrecadação originada do comércio e das taxas, o mansa obtinha cavalos para o exército e comprava tecidos e artigos de luxo como forma de demonstrar seu poder. Os súditos viviam em vilarejos, em casebres feitos de barro e praticavam a agricultura, criavam animais como bois, camelos e cabras e produziam objetos artesanais, como cestas e potes.

Embora originalmente seguissem uma religiosidade tradicional, eles converteram-se ao islamismo. Essa conversão, porém, não significou o abandono das antigas práticas culturais, e sim uma mistura entre a religião tradicional e o islamismo. Devemos dar destaque para os griots, membros da comunidade que nessa cultura eram

os responsáveis por guardar a memória oral do povo. A figura do griot faz com que a tradição oral seja uma das fontes históricas mais importantes para estudar esse povo.

Griots

O escritor senegalês Djibril Niane, impressionado com a riqueza de detalhes de uma dessas narrativas de um griot da Guiné, resolveu registrar suas palavras no livro *Sundjata* ou a *epopéia mandinga*. No livro conta-se a história de como um menino chamada Sundjata, que até os sete anos de idade era impossibilitado de andar, e tornou-se o maior imperador do Máli, entre 1230 e 1255.

Documento 3

“(…) Sou griot. Meu nome é Djeli Mamadu Kuyatê, filho de Bintu Kuyatê e de Djeli Kedian Kuyatê, Mestre na arte de falar. Desde tempos imemoriais estão os Kuyatês a serviço dos príncipes Keita do Mandinga (o mesmo que Império do Máli); somos os sacos de palavras, somos o repositório que conserva segredos multisseculares. A Arte da palavra não apresenta qualquer segredo para nós; sem nós, os nomes dos reis cairiam no esquecimento; nós somos a memória dos homens; através da palavra, damos vida aos fatos e às façanhas dos reis perante as novas gerações(…)”

(…) Os griots conhecem a história dos reis e dos reinos, motivo por que são os melhores conselheiros dos reis. (…)

(…)Nós outros, griots reais, somos os depositários da ciência do passado; mas quem conhece a história de um país poderá ler seu futuro. (…)

(…) Há povos que se servem da linguagem escrita para fixar o passado; mas acontece que essa invenção matou a memória dos homens: eles já não sentem mais o passado, visto que a língua escrita não pode ter o calor da voz humana. Todo mundo acredita conhecer, ao passo que o saber deve ser algo secreto (os griots tradicionais são muito criteriosos ao transmitir seu saber por considerá-lo um segredo). Os profetas não escreveram, e sua palavra nem por isso é menos viva. Pobre conhecimento, esse que se encontra imutavelmente fixado nos livros mudos (…)

(…) Eu, Djeli Mamadu Kuyatê, sou o elo final de uma longa tradição: desde muitas gerações nós transmitimos de pai para filho as histórias dos reis. A palavra me foi transmitida sem alteração e eu passarei sem qualquer mudança, visto que a recebi isenta de qualquer mentira (…).”

NIANE, Djibril. *Sundjata* ou a *epopéia mandinga*. São Paulo: Ática, 1982, p. 11 e 66 In:RODRIGUE, Joelza E. *História em documento: imagem e texto*. São Paulo: FTD, 2002.

Os Songai eram povos cuja base de poder girava em torno do rio Níger, de onde os habitantes tiravam a pesca, caçavam animais e praticavam a agricultura às margens

do Rio. A partir da conversão ao Islã, no século XV, os Songhai começaram sua expansão sobre os povos vizinhos, e sobre o agora decadente Império do Mali, que anteriormente os dominava, formando então o **Império Songhai**.

Sob o pretexto da Jyhad, ou guerra santa, expandiram-se sobre os territórios do antigo Mali e os ampliaram. Esse império foi capaz de estabelecer relações ainda mais firmes com o Norte da África, tendo uma organização administrativa exemplar. O Império também contava com um Estado organizado, com uma quantidade de funcionários. A mão de obra era basicamente servil ou escrava.

O Império de Songai também teve um grande desenvolvimento intelectual: fundaram-se diversas universidades, e havia uma grande circulação de livros em língua Árabe. O Império teve seu fim no século XVIII, quando foi invadido pelos Marroquinos.

Para os negros africanos, a islamização representava um fator de ascensão social. Aderir ao islamismo representava entrar para uma comunidade internacional, conquistando prestígio principalmente em relação ao Norte da África (Reinos como o do Marrocos e o do Egito). A conversão também proporcionava uma mesma base jurídica quanto ao comércio e à propriedade. Porém, internamente, as práticas e rituais tradicionais continuaram vivos ou foram mesclados às práticas islâmicas. As duas religiosidades conviviam pacificamente a maior parte do tempo, formando um sincretismo religioso singular, onde Alá se confunde com o Deus criador pagão e Maomé é muito pouco conhecido. O corão, nessas regiões, passa a ser associado a diversas práticas de magia.

Plano de aula 9 – Duração de 60 minutos

Ano: 8º ano “A”

Data: 27/05/2011

Estagiário: Fernando Morschheiter

Eixo: Os reinos islâmicos da África medieval.

Tema: Os reinos de Gana, Mali e Songhai

Objetivos:

- Despertar nos alunos o interesse pela história do continente africano como parte da sua própria história enquanto brasileiro e enquanto cidadão do mundo, percebendo-a tão importante e rica quanto a história européia;
- Estimular o debate sobre a diversidade, relações de convivência, tolerância e intolerância étnicas, religiosas e culturais no continente africano;
- Entender a África como um continente cosmopolita e rico culturalmente, percebendo a influência das sociedades africanas na Ásia e Europa;

Metodologia:

- Apresentação do estagiário e do planejamento das aulas seguintes, tal como a transição entre o professor Luiz e o Fernando.
- Elaboração e firmamento de algumas regras para a manutenção da ordem e da qualidade das aulas.
- Retomada e justificativa dos conteúdos apresentados na aula anterior
- Leitura e discussão de texto didático.
- Atividade referente ao assunto.

Estratégias Didáticas:

- **Apresentação e organização da turma:**
 - Apresentação dos assuntos a serem trabalhados nas próximas aulas;
 - Explicação da continuidade do projeto de ensino elaborado previamente e que foi iniciado pelo professor Luiz que, já tendo cumprido a sua carga horária, ficará, a partir de então, assistindo e eventualmente auxiliando durante a

regência do professor Fernando que, retomará e dará continuidade ao assunto do ponto em que o Luiz parou. **05 minutos.**

- Chamada a partir do espelho – **05 minutos**

- Conversa com a turma sobre algumas regras que deverão ser seguidas para que haja um bom aproveitamento da aula. **10 minutos.**

Regras e recomendações a serem feitas à turma no momento inicial:

- Não conversar durante as aulas.
- Se desejar falar, levante a mão.
- Manter uma postura adequada na sala de aula
- Manter-se virado para frente.
- Não colocar o pé na cadeira.
- Não ficar levantando e circulando pela sala.
- O Uso do material didático indicado é responsabilidade do aluno:
- Caderno (registro dos esquemas);
- Textos (leitura em casa, atividades);
- Computadores;
- Saídas da sala só com autorização
- Trazer garrafa d'água para aula;
- Só vai ao banheiro um de cada vez e, com autorização;
- Ter bom censo para não pedir para ir ao banheiro enquanto o professor está falando;

Aqueles que descumprirem às regras terão sua atenção chamada uma vez. Caso não adiantar, o nome será anotado no registro de ocorrências. Se persistir o problema, será dada uma atividade extra ao aluno que estiver desrespeitando as regras e se, após ter chamado a atenção três vezes, o aluno continuar a cometer o mesmo erro, será pedido para que se retire da sala de aula e vá fazer a atividade junto a coordenadoria.

- **Retomada da aula anterior e abordagem do conteúdo:**

- Solicitado que peguem os cadernos e o texto didático;

- Retomada da aula anterior através de questionamentos à turma.

- Introdução do assunto referente aos reinos de Gana, Mali e Songhai, que foram brevemente trabalhados na aula anterior através do quadro.

- Abordagem dos reinos anunciados no texto (Gana, Mali e Songhai), identificação, no mapa, da **região** onde esses reinos se localizavam e a influência islâmica nessa região. Para isso será pedido para que algum aluno leia o trecho do texto referente ao reino de Gana para que, em seguida o professor faça perguntas aos alunos, esclareça dúvidas e aprofunde um pouco o assunto.

- **Questões sobre o Gana:** início do reino, unificação política sob a dinastia dos Magas, importância da família e das linhagens na composição política dos reinos, rei visto como um elo entre os deuses e os homens, religião tradicional, comércio de ouro e escravos, ligação com o norte da África, preservação das crenças tradicionais até os dias de hoje.

- **Questões sobre o Mali:** diversidade de povos, conceito de império, conversão ao islã e convivência entre o islamismo e a cultura tradicional, modos de vida da população.

- **Questões sobre o Império Songhai:** dominação do império Mali pelos Songhai, então islamizados, jyhah (guerra santa), desenvolvimento intelectual proporcionado pela influência árabe, adesão ao islamismo como ascensão social, fim do império com a invasão dos marroquinos.

- Isso tudo deve demorar **30 minutos**.

• **Atividade para fixação do conteúdo:**

- Nos últimos **10 minutos**, será passada uma atividade para a fixação do conteúdo em que os alunos deverão preencher um quadro com informações sobre os reinos e responder a algumas perguntas, para entregar para o professor na aula seguinte.

Recursos e Materiais Didáticos:

Mapa político da África, texto fotocopiado entregue na aula anterior, folha fotocopiada com atividade, quadro e giz.

Anexo A 4:

Colégio de Aplicação/UFSC

Professora: Cristiane Grumm

Professor (Estagiário): Fernando Morschheiter

Turma: 8º “A”

Data: _____

Atividade nº 5

1) As sociedades africanas tiveram diferentes formas de organização, sendo que algumas iniciaram e se mantiveram como aldeias, outras optaram por outras formas como as confederações de aldeias, reinos ou impérios.

Após a leitura do texto n. 3 sobre os Reinos Gana, Mali e Songhai, organize o quadro abaixo, indicando algumas características desses reinos.

Reinos	Periodização	Organização Política	Organização Social	Economia	Religião
Gana					

Mali					
Songhai					

2) Após o preenchimento do quadro acima, construa um pequeno texto apresentando **três semelhanças** e **três diferenças** entre esses reinos.

3) Nos quadros abaixo, indique qual o reino corresponde à informação apresentada **(Gana, Mali ou Songhai)**.

a) [_____] *Num mapa-mundi desenhado na ilha Maiorca, em 1375, por Abraão Cresques, o rei negro aparece vestido a européia, com cetro e coroa, a oferecer com a mão direita uma grande pepita de ouro e um berbere a camelo.*

b) [_____] A figura do griot faz com que a tradição oral seja uma das fontes históricas mais importantes para estudar esse povo.

c) [_____] fundaram-se diversas universidades, e havia uma grande circulação de livros em língua Árabe.

d) [_____] (...) sua Capital, Tombuctu, tornou-se um grande centro comercial, cultural e religioso.

e) [_____] O Império também contava com um Estado organizado, com uma quantidade de funcionários.

f) [_____] Diversos povos de pastores e agricultores que ocupavam a região foram unificados sob o poder da dinastia dos Magas

g) [_____] Com a arrecadação originada do comércio e das taxas, o mansa obtinha cavalos para o exército e comprava tecidos e artigos de luxo como forma de demonstrar seu poder.

h) [_____] Os governantes recebiam o título de mansa.

Plano de aula 10 – Duração de 60 minutos

Ano: 8º ano “A”

Data: 13/06/2011

Estagiário: Fernando Morschheiter

Eixo: Os reinos islâmicos da África medieval.

Tema: O reino de Mali e o império Songhai

Objetivos:

- Estudar as características gerais do reino de Mali e do Império Songhai.
- Estudar a influência árabe nessas organizações políticas.

Metodologia:

- Leitura e discussão do trecho referente ao Mali, no texto nº 3 – A organização de Sociedade na África Ocidental.
- Leitura e discussão do trecho referente ao império Songhai, no texto nº 3 – A organização de Sociedade na África Ocidental.
- Correção da atividade realizada em casa.

Estratégias didáticas:

- Chamada pelo espelho de classe. 05 minutos.
- Passagem pela sala de aula para ver quem fez a atividade. 05 minutos.
- **Leitura e discussão do trecho referente ao Mali, no texto didático. 20 minutos.**

- Escolhido pelo professor, um aluno lerá o primeiro parágrafo do texto, sendo interrompido para a discussão dos seguintes elementos: Localização no mapa “reinos da África ocidental”, algumas semelhanças com Gana.

- Leitura do segundo e terceiro parágrafos, por outro aluno escolhido pelo professor.

- Discussão dos seguintes elementos: diversidade de povos e diferenças culturais; organização política - matrilinearidade, distribuição do poder em

províncias, características do poder do rei; organização social – hierarquia social, modos de vida da população; economia – semelhanças com Gana, tributação.

- Leitura do quarto parágrafo por outro aluno escolhido pelo professor.
- Discussão dos aspectos religiosos: breve retomada das características do Islamismo, tal como da religião tradicional; mistura das duas religiões no Reino.

- **Leitura e discussão do trecho referente ao império Songhai, no texto didático. 20 minutos.**

- Leitura do primeiro parágrafo, por um aluno que desejar ler.
- Identificação do Império no mapa “reinos da África ocidental”; conceito de império.
- Leitura do segundo e terceiro parágrafos do texto, por algum aluno.
- Discussão do conceito de Jyhad (guerra santa), aspectos sociais, políticos, e econômicos, semelhanças com Gana, desenvolvimento intelectual a partir da cultura árabe.
- Leitura do quarto parágrafo do texto didático, por algum aluno.
- Discussão de semelhanças religiosas com o Mali e discussão da ideia de islamização como fator de ascensão social.

- **Correção da atividade realizada em casa**, através da participação dos alunos. Receberá um ponto a mais na avaliação geral quem participar da atividade. **10 minutos.**

Recursos e Materiais Didáticos:

Mapa político da África, texto fotocopiado entregue na aula 8, folha fotocopiada com atividade, quadro e giz.

Plano de aula 11 – Duração de 60 minutos

Ano: 8º ano “A”

Data: 17/06/2011

Estagiário: Fernando Morschheiter

Eixo: Os reinos islâmicos da África medieval.

Tema: As fontes históricas sobre a história da África.

Objetivos:

- Familiarizar os alunos com o ofício de historiador, através da análise de documentos históricos;
- Estudar a importância da influência islâmica na historiografia da África.

Metodologia:

- Introdução sobre fontes históricas sobre a África.
- Leitura e interpretação do “documento 1”, presente no texto nº 3.
- Leitura do “documento 2” do texto.
- Retomada do vídeo, mostrado na aula de nº 7.
- Atividades com os documentos.

Estratégias Didáticas:

1) Chamada pelo espelho. **03 minutos.**

- Solicitação para que os alunos peguem o texto e o caderno. Lembrar os alunos que o material didático deve permanecer em seu poder, até o final da aula.

2) Acordo de que, havendo colaboração durante a aula, o professor pode encerrar a aula com alguns minutos de antecedência do final. **3 minutos.**

3) Breve apresentação do tema da aula, sobre Fontes históricas sobre a África: relatos de viajantes, arqueologia e tradição oral. **7 minutos.**

- Importância das fontes históricas para o trabalho do historiador e para a construção do passado.
- Escassez de fontes sobre a história da África, produzida pelos próprios africanos.
- Introdução da temática das fontes produzidas por árabes sobre a África.
- Relação entre os árabes que estiveram no continente entre os séculos XIII ao XV com o comércio desenvolvido em algumas regiões como Gana, Mali e Songhai.

4) Leitura do documento 1 por algum aluno, e discussão sobre ele. **10 minutos.**

Questões sobre o documento 1: Autoria do documento; Identificar o autor do livro “Alberto Costa e Silva” e ressaltar a sua importância no estudo da história do continente; identificar Al-Bakri como geógrafo árabe; identificar por meio do documento, como ele interpreta a África e os africanos

- Leitura do documento 2 por algum aluno escolhido pelo professor.

5) **Questões sobre o documento 2:** Autoria, Documentos citados pelo autor: relatos de viagem de Ibn Batutta; atlas Catalão.

- Inserir o personagem Ibn Batutta e estimular a turma a refletir sobre os temas abordados no vídeo “Viajando pela África” - **13 minutos.**
- Entregar o roteiro para possibilitar que os alunos que fizeram a atividade, participem efetivamente da aula.

Questões para a retomada do vídeo:

- Por que Ibn Battuta teria cruzado o deserto? O que ele esperava encontrar?
- Que aspectos da viagem são narrados pelo personagem?
- Estimular alunos a lembrar das impressões do viajante sobre os costumes, as pessoas etc
- Como o rei desse reino, o Mansa, é retratado? Relacionar a visão de Batutta com o Atlas Catalão.
- Como o vídeo descreve Mansa Musa? Como ele conseguiu prestígio e influência sobre os demais reinos Islâmicos e mesmo Cristãos?

- Por que Mansa Musa fez sua peregrinação para Meca?
- Por que Ibn Battuta estranhou o islamismo praticado no Mali?

Ressaltar a necessidade da crítica a essas fontes e as suas possibilidades: acesso ao estranhamento dos viajantes/cronistas/mercadores/cartógrafos; destaque para o fato de alguns nunca terem ido ao continente; fontes possibilitam identificar características da África: sociedades complexas, poder organizado, culturas próprias, importância comercial etc.

6) Entrega da folha com **atividades** sobre os documentos para os alunos fazerem e entregarem até o final da aula. **20 minutos.**

Recursos e Materiais Didáticos:

Folha fotocopiada com atividades, mapa político da África, quadro e giz.

Anexo A 5:

Colégio de Aplicação/UFSC

Professora: Cristiane Grumm

Professor (Estagiário): Fernando Morschheiter

Turma: 8º “A”

Data: _____

Atividade nº 6

1) Análise de documentos do texto n. 3

Documentos 1 e 2

a) Releia os documentos e indique o autor de cada um e quando foram escritos.

b) Em ambos os textos, o autor faz referência a outros autores e documentos que representaram a África. Indique, quais são os autores e documentos comentados por ele em cada um dos textos.

c) De acordo com o documento 1, como o reino Gana foi representado nos textos árabes e como esse reino era visto por esses povos?

d) De acordo com o documento 2, qual a visão de Ibn Batuta sobre o Mali?

e) De acordo com o mesmo documento, como o reino é representado em outros documentos?

Documento 3

f) Identifique o tipo de documento e o seu autor

g) O autor do documento se define como um griot. Explique, de acordo com o texto como é o seu trabalho.

h) Explique, como suas palavras o seguinte trecho do texto: “através da palavra, damos vida aos fatos e às façanhas dos reis perante as novas gerações(...)”, explicando quem fez essa afirmação e porquê.

i) Por que os relatos dos griots são registros históricos importantes para conhecermos a história da África? O que podemos aprender a partir dos seus relatos?

Plano de aula 12 – Duração de 60 minutos

Ano: 8º ano “A”

Data: 20/06/2011

Estagiário: Fernando Morschheiter

Eixo: Os reinos islâmicos da África medieval.

Tema: As fontes históricas sobre a história da África.

Objetivos:

- Familiarizar os alunos com o ofício de historiador, através da análise de documentos históricos;
- Estudar a importância da influência islâmica na historiografia da África.

Metodologia:

- Retomada da aula anterior através da discussão da folha de atividades

Estratégias didáticas:

1) Chamada pelo espelho. **3 minutos.**

- Solicitação para que os alunos peguem o texto, o caderno e a folha com atividades.

2) Passagem pela sala para verificar quem fez a atividade. **5 minutos.**

3) Leitura e discussão sobre as questões referentes à atividade. Cada questão será lida por um aluno diferente, escolhido pelo professor.

- Leitura da primeira questão (1a) da folha de atividades por algum aluno, e questionamento à turma sobre a questão. Escrita das informações no quadro.
- Leitura da questão 1b e discussão com a turma sobre: Al-Bakri, geógrafo árabe que viaja pelo reino; suas intenções; por que estava lá.
- Leitura da questão 1c e leitura do documento 1, seguido de discussão com a turma sobre as representações dos árabes sobre a África e suas impressões.
- Leitura da questão 1d e leitura do documento 2 seguido de discussão sobre: a visão de Ibn Battuta sobre o Mali; quem era Ibn Battuta; aspectos que ele destaca em sua narrativa;
- Retomada do vídeo: objetivos do viajante; estranhamentos; choque entre culturas; reconhecimento de alguns elementos inesperados como uma estrutura política organizada.
- Leitura da questão 1e, identificação e discussão dos documentos contidos no texto: relato de Ibn Battuta, relatos sobre a passagem do mansa pelo Cairo, atlas catalão de Abraão Cresques. Todos representando a região como sendo muito rica em ouro – redundância nos relatos.
- Leitura da questão 1f e discussão sobre as fontes produzidas por mercadores e geógrafos; suas imprecisões, preconceitos, discussão sobre a construção da história da África, suas fontes e obstáculos.

4) Introdução sobre o elemento cultural: o griot como membro importante de algumas sociedades africanas tradicionais e na construção de uma memória coletiva.

5) Leitura e discussão do documento **15 minutos**:

- Leitura e discussão do documento 3 (**primeiro parágrafo**, por aluno escolhido pelo professor): Autoridade e prestígio dos griots; griots como figuras a serviço da corte, principalmente; função artística – enaltecer os feitos dos reis.
- Leitura e discussão do documento 3 (**segundo parágrafo**): Griots como conhecedores do passado e, portanto, conselheiros dos reis.
- Leitura e discussão do documento 3 (**terceiro parágrafo**): diferenças entre a oralidade e a escrita; o saber como algo secreto.
- Leitura e discussão do documento 3 (**quarto parágrafo**): hereditariedade da função de griot; veracidade das histórias contadas.

Plano de aula 13 – Duração de 60 minutos

Ano: 8º ano “A”

Data: 27/06/2011

Estagiário: Fernando Morschheiter

Eixo: Os reinos islâmicos da África

Tema: As fontes históricas sobre a história da África – as fontes orais.

Objetivos:

- Familiarizar os alunos com o ofício de historiador, através da análise de fontes históricas;
- Estudar a tradição oral presente no continente africano e sua utilização para a História.

Metodologia:

- Apresentação do conto “Ananse e o baú de histórias”
- Leitura do conto “Ananse e o baú de histórias.
- Leitura e discussão do documento histórico sobre os griots.
- Orientação de atividades sobre os griots.
- Discussão da última questão da atividade entregue na aula anterior.
- Relação entre a discussão da aula anterior com as fontes orais.

Estratégias Didáticas:

- 1) Chamada pelo espelho. Solicitação para que os alunos peguem o texto e o caderno. **5 minutos.**
- 2) Registro dos dados da aula no quadro: data e o título “Os griots e a memória coletiva na história da África”.

3) Apresentação do conto (indagar se os alunos conhecem o conto, explicar que é um conto africano, solicitar atenção sobre os personagens do conto, sobre o lugar onde se passa a história e a situação narrada) . Leitura do conto “Ananse e o baú de histórias”, como maneira de introduzir o conteúdo sobre os griots. **10 minutos**

4) Breve reflexão sobre a história de Ananse: quem é o personagem principal da história, qual o seu desejo, como ele consegue realizá-lo. **5 minutos.**

- Relação entre o conto e uma tradição importante em diversas sociedades africanas: o griot (Ananse tinha o desejo de ter o conhecimento das histórias secretas – ser um griot).

5) Introdução sobre o elemento cultural: o griot como membro importante de algumas sociedades africanas tradicionais e artífice na construção de uma memória coletiva. **5 minutos.**

6) Identificação do autor do documento 3 e periodização; (esclarecimento de quem é o autor e quem é o suporte que publica o texto). Leitura e discussão do documento 3 (por alunos escolhidos pelo professor). **20 minutos.**

- **Trecho 1:** “(...) Sou griot. Meu nome é Djeli Mamadu Kuyatê, filho de Bintu Kuyatê e de Djeli Kedian Kuyatê, Mestre na arte de falar. Desde tempos imemoriais estão os Kuyatês a serviço dos príncipes Keita do Mandinga (o mesmo que Império do Mália); **Identificar nome do autor do documento e destacar a presença da tradição familiar entre os griots e como essa tarefa era revestida de prestígio entre as autoridades políticas; Papel na elaboração da memória dos reinos e impérios.**

Trecho 2: somos os sacos de palavras, somos o repositório que conserva segredos multisseculares. **Discutir o sentido das expressões usadas sublinhadas para debater como o griot que narra descreve o seu papel.**

Trecho 3: A Arte da palavra não apresenta qualquer segredo para nós; sem nós, os nomes dos reis cairiam no esquecimento; nós somos a memória dos homens; através da palavra, damos vida aos fatos e às façanhas dos reis perante as novas gerações(...). **Reforçar o papel político dos griots na construção e manutenção da memória dos reinos, apresentar outros papéis dos griots nas sociedades africanas, visto que nem todos estavam a serviço das cortes, mas possuem em comum o trabalho de narrar o passado.**

Trecho 4: (...) Nós outros, griots reais, somos os depositários da ciência do passado; mas quem conhece a história de um país poderá ler seu futuro. (...). **Esse trecho possibilita discutir o papel dos griots na sociedade;**

Trecho 5: (...) Há povos que se servem da linguagem escrita para fixar o passado; mas acontece que essa invenção matou a memória dos homens: eles já não sentem mais o passado, visto que a língua escrita não pode ter o calor da voz humana... Pobre conhecimento, esse que se encontra imutavelmente fixado nos livros mudos (...) **Esses trechos possibilitam discutir a diferença entre a palavra escrita e a palavra falada segundo o griot. Porque o griot se considera a memória dos homens? Discutir as duas frases grifadas.**

Trecho 6: Todo mundo acredita conhecer, ao passo que o saber deve ser algo secreto (os griots tradicionais são muito criteriosos ao transmitir seu saber por considerá-lo um segredo). Os profetas não escreveram, e sua palavra nem por isso é menos viva.

Destacar o papel da sabedoria e do segredo na função do griot e a sua autoridade constituída na sociedade.

Trecho 7: (...) Eu, Djeli Mamadu Kuyatê, sou o elo final de uma longa tradição: desde muitas gerações nós transmitimos de pai para filho as histórias dos reis. A palavra me foi transmitida sem alteração e eu passarei sem qualquer mudança, visto que a recebi isenta de qualquer mentira (...).” **Esse trecho reforça o papel da tradição no papel do griot e possibilita discutir como**

eles relacionam a função com a verdade, isenção... valores importantes para reafirmar a credibilidade do griot na sociedade.

- Problematização sobre o valor da palavra em nossa sociedade atual. Discussão sobre a utilização das fontes orais – relatos de griots – na construção da história da África; misticismo dos relatos.

7) Relação com a aula anterior – retomada da última questão da atividade 6, entregue na aula anterior, sobre a construção da História da África e importância das fontes históricas para o seu estudo. **7 minutos.**

8) Entrega da folha com **atividades** sobre os documentos para os alunos fazerem e entregarem aula seguinte. **7 minutos.**

Recursos e Materiais Didáticos:

Folha fotocopiada com atividades, texto didático nº 3, quadro e giz.

Anexo T 5

Conto 1 – Ananse, a aranha contadora de histórias.

Na África Ocidental circulam muitas histórias sobre a aranha Kwaku Ananse. Uma das minhas preferidas é a que vou contar a seguir.

Ananse acordou um dia decidida:

- Quero ser a contadora de histórias oficial da África!

Naquela época, o dono das histórias era Nyankopon, o deus do céu. Ananse pediu uma audiência com o todo poderoso detentor das narrativas africanas. Depois de muito esperar, foi atendida:

- O que você quer por aqui, minha pequena Aranha Ananse?
- Quero comprar todas as suas histórias!

O deus do céu deu uma estrondosa gargalhada e disse:

- Minha pequena criatura, antes de você já vieram por aqui líderes de muitas aldeias. Nenhum deles conseguiu comprar minhas preciosas narrativas.
- Mas eu sou muito mais poderosa do que eles! Proponha-me um desafio que conseguirei realizá-lo!

Nyankapon fechou a cara, sua expressão ganhou cores de seriedade, cerrou seus olhos, suspirou fundo e disse:

- Você terá três tarefas para cumprir. Caso realize todas, minhas histórias serão suas; caso não, eu mesmo a esmagarei com meu cetro.
- Pode falar as tarefas! – retrucou rapidamente Ananse.
- Quero que você me traga Onini, a serpente, Osebo, o leopardo negro, e Mmoboro, os vespões.
- Não vou demorar muito, já volto! – disse Ananse, afastando-se do deus do céu.

Quando chegou em casa, Ananse pediu ajuda a sua esposa, Aso. Juntos, saíram para a floresta e cortaram uma folha de palmeira; Ananse aproximou-se do rio de Onini e disse em voz alta:

- Eu já disse, Aso! Onini é o ser mais comprido da floresta! Por que você insiste em dizer que uma simples folha de palmeira é mais comprida que Onini?

A serpente ouviu aquilo e veio a tona:

- Eu ouvi direito? Todos sabem que sou a mais comprida das criaturas! Ananse, estique esta folha de palmeira porque vou me deitar ao lado dela; meça-me e veja quem é maior!

E lá estava a serpente, deitada ao lado da folha de palmeira; em poucos segundos Ananse se aproveitou e amarrou Onini com vários cipós, e logo a levou para o deus do céu.

Nyankonpon ficou surpreso, e disse:

- Uma tarefa já foi, faltam duas!

Foi então logo capturar Osebo, o leopardo negro; Ananse o viu bebericando água do rio, se colocou a uma distância onde ele o pudesse ver, e disse:

- Sim, é isso mesmo que vou fazer! – disse Ananse, começando a costurar seus próprios olhos.

Osebo não conseguia compreender, e logo perguntou:

- Você ficou maluca, Ananse? Por que você está costurando seus olhos?

- Você não está sabendo? Nyankonpon está presenteando os animais com esse fio mágico. Se costurarmos nossos olhos com ele, conseguiremos enxergar onde se encontram as comidas mais deliciosas da floresta.

Osebo começou a salivas, lambeu os beiços e disse:

- Eu vou lá falar com o deus do céu, também quero meu fio!

- Que pena – disse Ananse – , não sobrou mais nenhum fio. Mas como gosto muito de você, lhe darei um pedaço do meu fio. Deixe-me ajudar a costurar seus olhos.

Ananse rapidamente costurou os olhos do enorme leopardo, que gritava:

- Não enxergo nada! Não enxergo nada!

- Calma, levarei você até Nyankonpon, então você reclama com ele.

Ananse amarrou um cipó no pescoço de Osebo e o levou ao deus do céu, que arregalou os olhos e disse:

- Duas já foram, falta apenas uma.

Ananse passou em casa, pegou uma panela com água e foi até o vespeiro. Chegando lá, começou a jogar água em cima do vespeiro e gritar ao mesmo tempo:

- Um temporal, um temporal! Corram amigos vespões, protejam-se em minha panela de barro!

Todos os vespões foram enganados; quando o último entrou, Ananse fechou a panela e a levou a Nyankonpon.

- Não faço idéia de como você, pequena criatura, conseguiu todas estas façanhas, mas com certeza merece ser a dona de todas as histórias da África.

Nyankonpon juntou as mais belas, sábias, engraçadas e emocionantes histórias que possuíam e as passou para Ananse, a contadora de histórias.

Texto retirado e adaptado de BRENNAN, Ilan; VILELA, Fernando. África – contador de histórias de bolso. São Paulo: Moderna, 2008.

Anexo A 6:

Colégio de Aplicação/UFSC

Professora: Cristiane Grumm

Professor (Estagiário): Fernando Morschheiter

Turma: 8º “A”

Data: _____

Aluno

(a): _____

Atividade de análise de documentos (Atividade n. 7)

Releia o documento 3 que faz parte do texto didático n. 3. Em seguida, responda:

a) Identifique o tipo de documento e o seu autor.

b) O autor do documento se define como um *griot*. Retire uma ou mais frases do texto que melhor explique, em sua opinião, como é o trabalho do *griot*. Justifique as suas escolhas.

c) Explique, como suas palavras o seguinte trecho do texto: “através da palavra, damos vida aos fatos e às façanhas dos reis perante as novas gerações(...)”. Em seguida, relacione essa frase ao ofício do *griot*.

d) Por que o autor do texto afirma que a escrita matou a memória dos homens? Interprete as diferenças apresentadas pelo autor entre a linguagem escrita e a linguagem oral.

- Estudar a importância da influência cristã na historiografia da África.

Metodologia:

- k) Introdução ao conteúdo sobre a África central.
- l) Leitura e discussão do texto didático.

Estratégias didáticas:

1) Chamada pelo espelho. Passagem pela sala para o recolhimento das atividades solicitadas na aula anterior. **3 minutos.**

2) Entrega do texto didático nº 4¹⁵ para a turma e apresentação do assunto da aula. **5 minutos.**

3) Breve apresentação do tema da aula e introdução do conteúdo através da leitura do trecho referente às congadas, no texto didático, problematizando a presença de uma referência atual do Reino do Congo na cultura popular brasileira. Localizar no mapa político atual a região da África Central e os territórios que correspondem ao antigo reino do Congo.

4) Exposição do conteúdo referente a região central da África - elementos presentes na primeira página do texto didático: localização geográfica; expansão bantu.

- Para isso será feito o uso do mapa político da África e o mapa da expansão bantu, do texto didático.

- Leitura e discussão do texto didático, por 2 alunos escolhidos pelo professor: primeiro parágrafo do quadro sobre a expansão bantu. A leitura será interrompida entre uma oração e outra, para que seja feita uma breve discussão sobre o texto.
- Exposição oral do restante do quadro sobre a expansão bantu, seguido de leitura do último parágrafo, por algum aluno.
- Exposição sobre o processo de centralização do poder e a importância do comércio para esse fenômeno.

¹⁵ Em anexo.

- Leitura, por 2 alunos escolhidos pelo professor, e discussão do texto didático: primeiro parágrafo do trecho referente ao reino do Congo. Visualização do mapa do reino no próprio texto didático.
- Exposição sobre a organização social do reino (2º parágrafo sobre o reino do Congo).
- Leitura e discussão do terceiro parágrafo do trecho referente ao reino do Congo, sobre os modos de vida cotidianos do povo, distinção social.
- Exposição do conteúdo referente a estrutura política do reino: distribuição do poder entre províncias; administração na capital; conselho real; sucessão do trono – retomada da matrilinearidade, através de questionamentos aos alunos.
- Exposição sobre o comércio: retomada do assunto referente aos reinos da África sudanesa e inserção do reino do Congo, como um dos atores do fluxo transaariano de produtos.
- Leitura e discussão do quadro sobre a religião tradicional na África central, por 2 alunos escolhidos pelo professor.
- Exposição breve sobre a presença portuguesa na região central da África e o processo de cristianização do reino, abordando as estratégias e os interesses da monarquia congoleza, assim como as táticas de adaptação desses valores na cultura africana.

Recursos e materiais didáticos:

Texto didático Nº 4 – A África central e o reino do Congo, mapa político da África, quadro e giz.

Anexo T 4

Colégio de Aplicação/UFSC
Professora: Cristiane Grumm
Professor (Estagiário): Fernando Morschheiter
Turma: 8º “A”

Texto n. 4: A África Central e o Reino do Congo

Há milhares de anos antes de Cristo, alguns poucos grupos nômades, que viviam da caça e da coleta, e também pequenos grupos de pescadores que habitavam aldeias sedentárias nas margens dos rios, já estavam instalados na região central da África, onde encontram-se, atualmente, os países Congo, Angola, Guiné Equatorial, Gabão e República Democrática do Congo.

A partir do século X a. C. aqueles diferentes povos assistiram à chegada de pequenos grupos, cujos antepassados haviam começado a se movimentar dois milênios antes, provavelmente a partir de uma zona de transição entre a savana e a floresta, ao sul do rio Benué, na atual República dos Camarões. Lá eles já dominavam a agricultura, faziam cerâmicas, navegavam e criavam alguns animais, como cabras e cachorros.

Esse processo migratório, denominado expansão Bantu, parece ter durado de 3000 a. C. até o século VI d. C. abrangendo não só a região central, mas aproximadamente um terço de todo o continente africano.

Mas por que “expansão Bantu”?

Bantu é um tronco linguístico que originou a maioria dos idiomas falados na África. O termo Bantu designa “gente” ou “povo”, em muitos casos, pois se refere a um grupo de pessoas que habitava a zona de transição entre a savana e a floresta, ao sul do rio Benué, como foi dito acima, e compartilhava dos mesmos costumes e falavam o mesmo idioma (ou um conjunto de idiomas muito semelhantes). Foram migrando para várias regiões, misturando os seus costumes e idioma com os dos outros povos, formando assim, diversas culturas com idiomas semelhantes baseados em uma raiz comum.

No entanto, os povos falantes de línguas da mesma família raramente tem o mesmo modo de vida nem compartilham necessariamente as mesmas crenças e valores. É preciso insistir, portanto, que bantu não pode ser usado para se referir a um povo ou a uma tradição cultural específica, mas sim, como um elemento original, cuja forma pura não é conhecida.

No Brasil falam-se várias palavras de origem Bantu que foram incorporadas à língua portuguesa no processo de inserção dos africanos que vieram para o Brasil durante a diáspora africana e que trouxeram com eles sua cultura que foi assimilada pelos demais habitantes.

Bode, bunda, batuque, cachaça, caçula, bagunça, farofa, canjica, fubá; são alguns exemplos de palavras de origem Bantu utilizadas no Brasil.

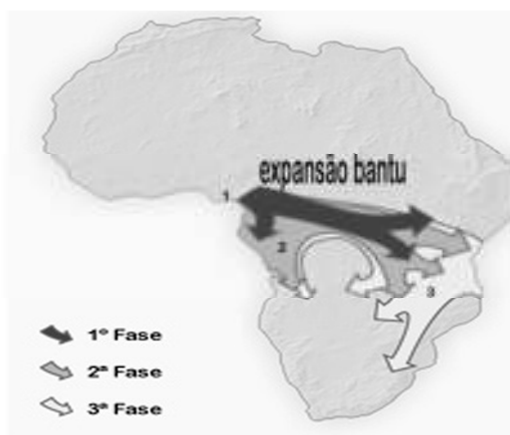


Ilustração 1: Mapa da expansão bantu. Fonte: mozambique-tradicional.com/RUMBA---a-verdadeira-origem.php. Acessado em 04/06/2011.

Assim, os grupos bantófonos foram sendo incorporados às culturas dos povos da África Central, fazendo prevalecer o seu idioma à medida que iam se misturando, através de casamentos ou outros modos de incorporação em grupos de parentesco diversos.

Além disso, com a incorporação das técnicas da fundição de metais que foram sendo trazidas pelos grupos bantu, a partir do século VII a. C., passou a ocorrer um processo de centralização de poder na África central. Aqueles que dominavam o fogo, para a forja do ferro, eram considerados muito poderosos, o que acabou originando, inclusive, **dinastias de reis ferreiros**. Ademais, o comércio era um elemento fundamental para obtenção dos metais em algumas regiões desprovidas de jazidas. Assim, formaram-se centros de comércio controlados por autoridades que cobravam impostos e foram desenvolvendo estruturas políticas complexas, culminando em grandes reinos, como, por exemplo, **o reino do Congo**, entre outros que existiram na região, antes do século XV.

O Reino do Congo

O Reino do Congo, localizado na região central da África corresponde territorialmente aos atuais países de Angola, República do Congo, República Democrática do Congo e Gabão.

Foi constituído por volta do **século XIV**, a partir da expansão de um núcleo localizado a noroeste de Mbanza Kongo, capital do reino. Esse grupo, de **origem Bantu**, foi se misturando com a população das aldeias já formadas, por meio de casamentos, mantendo sempre as tradições das linhagens ali presentes. Entretanto, no caso de Mbanza Congo, esses grupos assumiram posições de destaque, o que fez com que essa aldeia tomasse proporções maiores e assumisse o controle da confederação.



Mapa atual da África Central

Fonte: <http://cienciadaterre.blogspot.com/2009/11/divisoes-da-afrika.html>, acessado em 29/06/2011.

O reino ficava dividido entre as cidades – Mbanza – e as comunidades de aldeia – lubata. A tradição representava esta divisão como entre os **povos que vieram de fora – membros da nobreza**, habitantes da capital, governantes de províncias indicados pelo rei, isto é, os que ocupavam as posições superiores no reino – **e os nativos**, submetidos àqueles e que, **trabalhavam nas províncias**, baseados na estrutura familiar e na divisão sexual do trabalho, produzindo para a sua subsistência e pagando parte do excedente para o soberano, o **Mani Congo**.

Os viajantes europeus que estiveram na região nos séculos XV, XVI e XVII, representaram a nobreza, assim como o manicongo, vestindo-se ricamente, com panos de rafia (abundantes na região), e peles de animais. Eles também foram representados utilizando adornos, braceletes de cobre, barretes de cetim e sandálias de fibra de palmeira, ao contrário da população em geral, que vestia-se com tecidos menos nobres e sem adornos.

O **centro de poder** localizava-se na **capital mbanza Kongo**, de onde o rei administrava a confederação, juntamente com um conselho real, composto provavelmente por 12 membros, divididos em grupos com diferentes atribuições: secretários, coletores de impostos, oficiais militares, juizes e empregados pessoais. Além disso, o rei mantinha alianças com várias linhagens nobres, que controlavam as **lubatas (províncias)**. Essas alianças se davam por meio de casamentos entre as famílias além de relações comerciais e políticas entre as diversas regiões.

A sucessão do trono não era necessariamente hereditária. Todos os parentes do rei, filhos ou sobrinhos podiam disputar o poder. Entretanto, a preferência era pela sucessão matrilinear. Assim, antes de morrer, o rei escolhia quem deveria assumir o trono. Porém, havia um conselho eleitoral que podia apoiar ou não a decisão do soberano, decidindo quem seria o sucessor.

O que é uma sociedade matrilinear?

Matrilinear é um tipo organização social focada na **família da mãe** do descendente. No caso do Reino

Andongo, próximo ao reino do Congo, por exemplo, quando a mulher se casava, passava a viver junto da linhagem do homem. No entanto, os filhos homens do casal, quando chegavam na puberdade, voltavam para junto da família da mãe, passando a viver com os tios.

É importante ressaltar que, uma pessoa no grupo familiar representava uma parcela da força de trabalho numa determinada linhagem, sendo assim, a posse dessa força era da família da mulher e não da família do homem.

Fonte: FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. História da África. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

Na região do Reino do Congo, em que as terras eram férteis, **plantavam-se coco, banana, dendê, sorgo, milhete, inhame, cola.** Também se extraía **o sal, pescava-se, caçava-se, criavam-se porcos, cabras, galinhas e cães.** Os homens trabalhavam como escultores, artesãos de cestarias, ferreiros e tecelões. A atividade da tecelagem era muito desenvolvida no reino, pois tecia-se, além do algodão, vegetais como a ráfia, cujos tecidos eram muito apreciados e, inclusive, utilizados como moeda. Além dos tecidos, utilizava-se como moeda o zimbo, que são pequenas conchas cinzentas e peroladas retiradas da ilha de Luanda.



Ilustração 2: Os limites do reino do Congo no século XVII e a distribuição das suas províncias, a partir das narrativas portuguesas. Fonte: SOUZA, Marina de Mello e. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2006

Religião tradicional

Quase todos os aspectos da cultura tradicional africana se baseiam na *família extensa*. Assim, as práticas religiosas não ocorriam de maneira diferente. Já vimos que todos os integrantes de um determinado grupo social pertenciam a uma mesma família,



Ilustração 3: Representação do Comércio de tecidos no reino do Congo. Ilustração do livro Missione Evangelica, do Padre Antonio Cavazzi de Montecuccolo (século XVII).

uma mesma linhagem e o fator que une essas pessoas é o culto a um ancestral comum, um bisavô, um tetravô, e etc. Dessa forma, existia uma comunicação entre os vivos e os ancestrais mortos, que é realizada por intermédio do chefe da aldeia, dotado dos poderes necessários para essa prática.

Antes de serem tomadas as decisões dentro da aldeia, era preciso consultar os antepassados para saber se estava sendo feita a coisa certa.

Além dos ancestrais, acreditava-se em uma infinidade de espíritos da natureza, como espíritos das águas e das terras, das plantas e dos animais, das doenças e suas curas, das guerras e das alianças, das caçadas e das colheitas. Tudo isso era regido por espíritos, pois o motivo de qualquer acontecimento estava vinculado a essas instituições do além.

Na região do Congo, o Manicongo, por exemplo, era considerado um soberano supremo além de um guardião dos símbolos sagrados que representavam o passado por meio da representação de outras linhagens efetivando um elo entre os vivos e os antepassados.

O contato com os portugueses

No ano de 1485, em uma expedição marítima em que o rei português enviara Diogo Cão para a região do Zaire, encontraram um reino forte e estruturado: o Congo. Em uma das versões mais conhecidas sobre a descoberta do reino, Diogo Cão ficou retido na corte congoleza por ter despertado curiosidade com as histórias que contava sobre a Europa, porém, os outros portugueses da expedição imaginaram que ele havia sido preso pelo Mani Congo e voltaram para Portugal, levando consigo alguns reféns do local. Ao chegarem em Portugal, a situação foi esclarecida e os congolezes foram recebidos amigavelmente pela corte portuguesa e aprenderam um pouco dos hábitos, da língua e da religião local.

Numa outra ocasião, outra expedição trouxe os congolezes de volta ao Reino. Estes, já influenciados pela cultura portuguesa, despertaram grande interesse no Manicongo.

Disposto a abraçar a **cultura cristã**, o manicongo pediu para que Portugal enviasse clérigos ao Reino, tal como artesãos de diversas ordens, deixando claro, por fim, o seu interesse em deixar o Reino do Congo parecido com Portugal.

Por sua vez, Portugal ficara muito interessado nas relações com o reino do Congo, pois encontrara ali, um importante parceiro comercial que, a partir daquele momento iria fornecer e comprar diversos produtos.

O manicongo então, depois do seu filho, foi batizado na religião católica, passando a se chamar dom João. Este mandou destruir os símbolos da antiga tradição religiosa e os substituiu pelos da Igreja católica. Além disso, adotou muitos outros símbolos que pertenciam às cortes reais portuguesas, como os objetos que representavam o reino – o estandarte e a flâmula, entre outros.

Observe a imagem abaixo e veja como os congoleses incorporaram um dos símbolos da cultura cristã católica.



Crucifixo do reino do Congo, século XVII (Museum fur Volkerkunde, Berlim)

Fonte: http://www.bhzdesign.com.br/clientes/ibnbattuta/antigas_crencasecultos.html Acesso em 29/06/2011

Essa conversão se deu, em parte, porque os congoleses perceberam a relação entre a fé católica e o poder que poderiam alcançar, pois os portugueses ajudavam o rei do Congo com o apoio militar, o que fortalecia o poder nas mãos do mani Congo.

A partir daí, passou a ocorrer um progressivo “**aportuguesamento**” do reino do Congo. A religião católica, assim como ocorrera com o islamismo na região ocidental da África, foi se mesclando com a cultura tradicional e, incorporando a ela novas crenças. Inclusive a capital do reino, que era chamada de Mbanza Kongo, passou a se chamar São Salvador. Além disso, as relações comerciais do Reino, que antes já eram intensas, ampliaram-se significativamente incorporado o comércio de escravos.

Foi a partir do Reino do Congo que vieram muitos dos africanos que se tornaram escravos no Brasil.



Representação da Corte do reino do Congo

recebendo estrangeiros. Século XVI. Fonte: <http://hitchcock.itc.virginia.edu/Slavery>. Acesso em 29/06/2011

Uma festa chamada Congada

A congada é uma festa realizada em comemoração a coroação do rei do Congo, mas ela não acontece na África!

No Brasil as primeiras congadas foram realizadas no século XVIII pelos africanos do grupo banto trazidos do Congo, de Angola, Cabinda e Benguela, entre outros lugares da África central e ocidental.

Os africanos e seus descendentes, escravos ou alforriados, encenavam, como numa peça de teatro, os acontecimentos mais gloriosos que ocorreram com o rei do Congo e sua corte de nobres. O monarca e a corte que eles se inspiravam era o manicongo dom Afonso I, responsável por difundir a religião católica naquele reino.

Uma vez por ano acontecia uma festa em que se elegiam o rei e a rainha do Congo pelos membros da associação local. Nessa festa os participantes vestiam-se com roupas semelhantes às dos homens e mulheres que faziam parte da corte original do rei do Congo. Após a coroação do rei e da rainha, os membros da irmandade saíam pelas ruas, tocando, dançando e encenando os feitos daquele soberano.

A maioria das encenações mostrava as ocasiões em que o rei do Congo saía vitorioso do campo de batalha com ajuda de aparições de santos católicos.

As histórias encenadas nas congadas são provas da intensa troca entre as culturas africana e portuguesa e atualmente ocorrem em diversas cidades brasileiras de Minas Gerais, Goiás, São Paulo, entre outros Estados.

Fonte: ARAÚJO, Kelly Cristina. *Áfricas no Brasil*. São Paulo: Scipione, 2003.

Representação do Reinado em uma Congada de Minas Gerais

(Fonte: <http://fanzineepisodiocultural.blogspot.com/2009/11/as-congadas-alegria-e-luz.html> - Acessado em 30/06/2011).





Terno de Congo das Congadas de Arturos em Minas Gerais.

Fonte: <http://eversilva.multiply.com/photos/album/108/108>. Acesso em 01/07/2011

Bibliografia

ARAÚJO, Kelly Cristina. Áfricas no Brasil. São Paulo: Scipione, 2003.

MATTOS, Regiane Augusto de. História e cultura afro-brasileira. São Paulo: Contexto, 2009.

SOUZA, Marina de Mello e. África e Brasil africano. São Paulo: Ática, 2006.

FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. História da África. Brasília: Ministério da Educação, 2010

Eixo: Os reinos cristãos da África central.

Tema: A África central e o reino do Congo.

Objetivos:

- Estudar o reino do Congo; sua formação política, econômica, social, e religiosa
- Estudar a importância da influência cristã na historiografia da África.

Metodologia:

- m) Retomada da aula anterior
- n) Exposição do conteúdo referente à organização política do reino do Congo, iniciada na aula anterior.
- o) Leitura de texto didático e discussão dos trechos referente à organização social do reino e religião; economia do reino e contato com os portugueses:
- p) Análise de imagens através do datashow.

Estratégias didáticas:

- Chamada pelo espelho.
- Recolhimento das atividades extras pendentes.
- Acordo de que nos últimos 2 minutos da aula os alunos poderão guardar o material e conversar, mediante a colaboração durante a aula.
- Solicitar o material didático para a aula do dia: cadernos e texto didático. Verificar nesse momento quem esqueceu o material e aplicar a atividade extra
- Retomada da aula anterior através de questionamentos à turma como: o que lembram sobre as congadas; a que reino se referiam; por que realizavam essa festa. Sobre a formação do reino do Congo: em que região ficava o reino do congo; como se formou o esse reino; o que era a expansão bantu; que relação tem com o Brasil; como foi o processo de centralização do poder – domínio do ferro, comércio; quando se formou o reino, mediante consulta ao material didático;
- Exposição do conteúdo referente à organização política do reino do Congo, iniciada na aula anterior, através da explicação sobre a distribuição do

reino entre capitais e províncias - desenho, no quadro, representando um poder central e províncias ao redor; administração do reino na capital; conselho real; rei chamado de *manicongo* – assim como no Mali se chamava *mansa*; sucessão matrilinear – questionamentos à turma, se lembram do que se trata.

- Leitura de texto didático e discussão do trecho referente à organização social do reino, através da leitura do terceiro parágrafo do texto, sobre **O reino do Congo**, por algum aluno:

- 1º trecho: “*O reino ficava dividido entre as cidades – Mbanza – e as comunidades de aldeia – lubata*”: breve retomada do desenho, no quadro e explicação de que cada província tinha uma cidade, e uma extensão rural.

- 2º trecho: “*A tradição representava esta divisão como entre os povos que vieram de fora – membros da nobreza*”: retomada da abordagem sobre a formação do reino.

- 3º trecho: “*habitantes da capital, governantes de províncias indicados pelo rei, isto é, os que ocupavam as posições superiores no reino*”: quem eram os povos que vieram de fora; onde viviam.

- 4º trecho: “*e os nativos, submetidos àqueles e que, trabalhavam nas províncias, baseados na estrutura familiar e na divisão sexual do trabalho, produzindo para a sua subsistência e pagando parte do excedente para o soberano, o Mani Congo*.”: explicação de que também haviam nobres vivendo nas cidades das províncias; o que é trabalhar na estrutura familiar; o que é divisão sexual do trabalho.

- Discussão sobre a importância da família extensa; questionamentos a turma sobre o que eles sabem sobre a religião tradicional africana; culto aos ancestrais mortos – retomada do que foi dito na aula anterior sobre o valor simbólico do fogo.

- Leitura do trecho referente à religião, no texto didático: “*Além dos ancestrais, acreditava-se em uma infinidade de espíritos da natureza, como espíritos das águas e das terras, das plantas e dos animais, das doenças e suas curas, das guerras e das alianças, das caçadas e das colheitas. Tudo isso era regido por espíritos, pois o motivo de qualquer acontecimento estava vinculado a essas instituições do além*.”: caráter multifacetado da religião tradicional; poligamia; atenção para o fato de que essa religião não era só do reino do Congo, mas

também de várias outras regiões do continente africano, sofrendo algumas variações conforme o lugar.

- Leitura do texto didático e discussão do trecho referente à economia do reino.

1º trecho: “*Na região do Reino do Congo, em que as terras eram férteis, **plantavam-se coco, banana, dendê, sorgo, milhete, inhame, cola***”: retomada sobre a região central e suas características geográficas – terras férteis; o que é dendê, sorgo, milhete, inhame, cola.

2º trecho: “*Também se extraía o **sal, pescava-se, caçava-se, criavam-se porcos, cabras, galinhas e cães.***”: região de floresta e rios caudalosos – pesca e caça.

3º trecho: “*Os homens trabalhavam como escultores, artesãos de cestarias, ferreiros e tecelões.*”: onde eram realizadas estas atividades – cidades.

4º trecho: “*A atividade da tecelagem era muito desenvolvida no reino, pois tecia-se, além do algodão, vegetais como a rafia, cujos tecidos eram muito apreciados e, inclusive, utilizados como moeda*”: explicação sobre a relação comercial que havia entre os povos da região central e os reinos e impérios da savana, estudados anteriormente.

5º trecho: “*Além dos tecidos, utilizava-se como moeda o zimbo, que são pequenas conchas cinzentas e peroladas retiradas da ilha de Luanda.*”

q) Exposição do conteúdo referente ao contato com os portugueses: história do Diogo Cão que teria levado congueses para Portugal e ensinado a cultura europeia e eles...

r) Leitura do trecho referente ao contato com os portugueses, no texto didático:

- 1º trecho: “*Disposto a abraçar a **cultura cristã**, o manicongo pediu para que Portugal enviasse clérigos ao Reino, tal como artesãos de diversas ordens, deixando claro, por fim, o seu interesse em deixar o Reino do Congo parecido com Portugal.*”: relação com o Império do Mali – menção a peregrinação de mansa Musa a Meca, de onde trouxera muitos artesãos e sábios da cultura islâmica.

- 2º trecho: “*Por sua vez, Portugal ficara muito interessado nas relações com o reino do Congo, pois encontrara ali, um importante parceiro comercial que, a partir daquele momento iria fornecer e comprar diversos produtos.*” – relação

com as aulas sobre a região central – os árabes também tinham interesse comerciais lá.

- 3º trecho: *“O manicongo então, depois do seu filho, foi batizado na religião católica, passando a se chamar dom João. Este mandou destruir os símbolos da antiga tradição religiosa e os substituiu pelos da Igreja católica”*

4º trecho: *“Além disso, adotou muitos outros símbolos que pertenciam às cortes reais portuguesas, como os objetos que representavam o reino – o estandarte e a flâmula, entre outros.”*

5º trecho: *“Essa conversão se deu, em parte, porque os congoleses perceberam a relação entre a fé católica e o poder que poderiam alcançar, pois os portugueses ajudavam o rei do Congo com o apoio militar, o que fortalecia o poder nas mãos do mani Congo.”* – os congoleses também tinham interesses ao se relacionar com Portugal daquela maneira.

6º trecho: *“A partir daí, passou a ocorrer um progressivo **“aportuguesamento” do reino do Congo**. A religião católica, assim como ocorrera com o islamismo na região ocidental da África, foi se mesclando com a cultura tradicional e, incorporando a ela novas crenças”*

7º trecho: *“Inclusive a capital do reino, que era chamada de Mbanza Kongo, passou a se chamar São Salvador. Além disso, as relações comerciais do Reino, que antes já eram intensas, ampliaram-se significativamente incorporando o comércio de escravos.”*

8º trecho: *“Foi a partir do Reino do Congo que vieram muitos dos africanos que se tornaram escravos no Brasil.”* – eles trouxeram sua cultura, que compõe o povo brasileiro atualmente.

- Análise da imagem do crucifixo do reino do Congo, através do datashow:
- autoria; periodização; questionamento para a turma de se eles conhecem aquela imagem; conhecem alguma parecida; quais as diferenças que tem entre as duas representações; o que representa; mescla entre a cultura tradicional e a cristã.
- Análise da imagem da representação da corte do reino do Congo:
autoria; periodização; como está representada a corte através da imagem; quais elementos foram incorporados à tradição africana;

Material didático:

Texto didático nº 4, datashow, computador, mapa político da África, quadro e giz.

Plano de aula 16 – Duração de 60 minutos

Ano: 8º ano “A”

Data: 08/07/2011

Estagiário: Fernando Morschheiter

Eixo: Os reinos cristãos da África central.

Tema: A África central e o reino do Congo.

Objetivos:

- Estudar o reino do Congo; sua formação política, econômica, social, e religiosa
- Estudar a importância da influência cristã na historiografia da África.

Metodologia:

- Retomada do assunto referente ao comércio, abordado na aula anterior.
- Leitura do trecho referente ao contato com os portugueses, no texto didático.
- Análise de imagens através do datashow.

Estratégias didáticas:

1) Chamada pelo espelho. Recolhimento das atividades pendentes e encaminhamento dos alunos que não fizeram para a coordenadoria. **3 minutos.**

2) Leitura do trecho referente ao contato com os portugueses, no texto didático: **10 minutos.**

1º trecho: *“Disposto a abraçar a **cultura cristã**, o manicongo pediu para que Portugal enviasse clérigos ao Reino, tal como artesãos de diversas ordens, deixando claro, por fim, o seu interesse em deixar o Reino do Congo parecido com Portugal.”*: relação com o Império do Mali – menção a peregrinação de mansa Musa a Meca, de onde trouxera muitos artesãos e sábios da cultura islâmica.

2º trecho: *“Por sua vez, Portugal ficara muito interessado nas relações com o reino do Congo, pois encontrara ali, um importante parceiro comercial que, a partir daquele momento iria fornecer e comprar diversos produtos.”* – relação com as aulas sobre a região ocidental – os árabes também tinham interesse comerciais lá.

3º trecho: *“O manicongo então, depois do seu filho, foi batizado na religião católica, passando a se chamar dom João. Este mandou destruir os símbolos da antiga tradição religiosa e os substituiu pelos da Igreja católica”* – mescla entre a cultura cristã e a tradição africana.

4º trecho: *“Além disso, adotou muitos outros símbolos que pertenciam às cortes reais portuguesas, como os objetos que representavam o reino – o estandarte e a flâmula, entre outros.”*

5º trecho: *“Essa conversão se deu, em parte, porque os congueses perceberam a relação entre a fé católica e o poder que poderiam alcançar, pois os portugueses ajudavam o rei do Congo com o apoio militar, o que fortalecia o poder nas mãos do mani Congo.”* – os congueses também tinham interesses ao se relacionar com Portugal daquela maneira.

6º trecho: *“A partir daí, passou a ocorrer um progressivo **“aportuguesamento” do reino do Congo**. A religião católica, assim como ocorrera com o islamismo na região ocidental da África, foi se mesclando com a cultura tradicional e, incorporando a ela novas crenças”* – breve retomada da religião tradicional.

7º trecho: *“Inclusive a capital do reino, que era chamada de Mbanza Kongo, passou a se chamar São Salvador. Além disso, as relações comerciais do Reino, que antes já eram intensas, ampliaram-se significativamente incorporado o comércio de escravos.”*

8º trecho: *“Foi a partir do Reino do Congo que vieram muitos dos africanos que se tornaram escravos no Brasil.”* – eles trouxeram sua cultura, que compõe o povo brasileiro atualmente.

3) Análise da imagem do crucifixo do reino do Congo, através do datashow: - autoria; periodização; tipo de documento; questionamento para a turma de se eles conhecem aquela imagem; conhecem alguma parecida; quais as diferenças que tem entre as duas representações; o que representa; mescla entre a cultura tradicional e a cristã; material com que é feito o artefato. **10 minutos.**

4) Análise da imagem da representação da corte do reino do Congo: autoria; periodização; tipo de documento; como está representada a corte através da imagem; quais elementos foram incorporados à tradição africana; o olhar do estrangeiro. **7 minutos.**

5) Entrega da folha com atividades que devem ser feitas em aula, em duplas; pelo menos uma parte. A segunda parte será realizada em casa e entregue na próxima aula. **30 minutos.**

Material didático:

Texto nº 4, folha com atividades, computador, data-show, quadro e giz.

Anexo O 4:



Crucifixo do reino do Congo, século XVII (Museum fur Volkerkunde, Berlin).
Fonte:http://www.bhzdesign.com.br/clientes/ibnbattuta/antigas_crencasecultos.html#Acesso em 29/06/2011.



Representação da Corte do reino do Congo recebendo estrangeiros. Século XVI. Fonte: <http://hitchcock.itc.virginia.edu/Slavery>. Acesso em 29/06/2011

Anexo A 7:

Colégio de Aplicação/UFSC
Professora: Cristiane Grumm
Professor (Estagiário): Fernando Morschheiter
Turma: 8º "A"
Data: _____
Aluno
(a): _____

(Atividade n. 8)

Releia o texto nº 4 "A África central e o reino do Congo" e responda às seguintes questões:

- 1) Explique, de acordo com o texto, a relação entre a expansão Bantu e a formação de reinos na África Central.

- 2) A organização social e política do reino do Congo era bastante diversificada. Consulte o seu texto e, em seguida, represente os principais grupos dessa sociedade, através de um desenho, demonstrando como eles se relacionavam. Utilize a sua criatividade!

*crie o seu desenho no final da atividade ou no verso.

- 3) De acordo com o texto, o Manicongo possuía poderes políticos e espirituais. Explique, qual era a importância desse líder para a sociedade do reino do Congo e porque ele exercia diferentes papéis?

4) Análise de documento

Observe a imagem localizada na quarta página do texto. Em seguida, responda:

- a) Descreva o objeto explicando o que ele representa.

- b) A que sociedade ele pertence e quando possivelmente foi criado?

- c) Onde está localizado atualmente? Por quê?

- d) Você já conhecia esse símbolo? Estabeleça semelhanças e diferenças entre o símbolo e a imagem representada no texto, indicando a presença de elementos da cultura tradicional africana e da cultura cristã.

- e) Relacione a imagem analisada com as transformações que ocorreram no reino do Congo, após o contato com os portugueses.

5) Leia o boxe “Uma festa chamada Congada” localizado no final do texto, em seguida, responda:

- a) O que são as Congadas e onde elas ocorrem atualmente?

- b) Qual a sua relação com o reino do Congo, estudado ao longo do texto?

Plano de aula 17 – Duração de 60 minutos

Ano: 8º ano “A”

Data: 11/07/2011

Estagiários: Fernando Morschheiter

Luiz Felipe Zimmerman

Tema: As imagens da África veiculadas na grande mídia.

Objetivos:

- Analisar artigos jornalísticos que tratam da África nos dias atuais.

- Discutir as representações do continente africano presentes nesses textos.
- Encerrar as atividades do estágio.

Metodologia:

Leitura online de artigos jornalísticos diversos sobre a África, apresentação e debate com a sala.

Estratégias didáticas:

Essa aula deverá ser ministrada por ambos os estagiários, pretendendo fazer o encerramento das atividades do estágio com um tipo de atividade diferenciada. Os alunos deverão trazer os notebooks do UCA para a sala de aula. Eles deverão formar nove grupos. Com os UCAs deverão acessar a um perfil do orkut que conterá diversos links, de 1 a 9 sendo sorteado um desses links para cada grupo. Cada grupo deverá ler a sua reportagem e discutir uma metodologia para apresentá-la para a turma. Após isso, cada grupo deverá apresentar sua reportagem e o professor levantará uma série de questionamentos buscando analisar a imagem da África que está sendo representada e veiculada naquela reportagem. Acreditamos que durante todo o decorrer do estágio tenhamos trabalhado questões que deveriam desconstruir as imagens estereotipadas do continente africano, e com essa aula pretendemos retomá-las por meio de imagens da África veiculadas na mídia, a ser-analisadas por meio das referências construídas ao longo das aulas. Ao fim da aula os professores deverão agradecer aos alunos e aos professores pelo estágio, fazendo um fechamento, e então deverão entregar as atividades realizadas pelos alunos ao longo do estágio e recolher aquelas que ainda forem entregues nessa aula. O fechamento das notas e a entrega dessas últimas atividades corrigidas deverão ser entregues aos alunos ainda essa semana até a quinta-feira.

Material didático:

Computadores dos alunos, Mapa da África, links disponíveis no perfil do orkut criado para a atividade.

Questões que deverão guiar a leitura e a discussão

Qual o título da notícia?

A que localidade da África ela faz referência?

Sobre o quê fala essa notícia? Quais acontecimentos/assuntos são trabalhados por ela?

Quem são as pessoas/grupos a que a notícia faz referência?

Como essa matéria retrata a África?

Você acredita que essa reportagem possa contribuir para uma visão preconceituosa da África? Justifique.

Anexo O 5:

Links das reportagens:

Encontrados no perfil do Orkut:

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?rl=ls&uid=5146530862708810302>

1 <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/04/senegal-realiza-primeira-homenagem-as-vitimas-do-trafego-negreiro-da-africa.html>

2 <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/05/banheiros-a-ceu-aberto-provocam-polemica-politica-na-africa-do-sul.html>

3 <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/06/multidao-apedreja-e-queima-macaco-bruxo-na-africa-do-sul.html>

4 <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/06/narcotrafico-se-sofistica-na-africa-ocidental-e-preocupa-europa.html>

5 <http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/06/chefe-de-missao-lula-diz-que-relacao-com-africa-e-estrategica.html>

6 <http://g1.globo.com/natureza/noticia/2011/07/caca-ilegal-de-rinoceronte-na-africa-do-sul-ja-matou-200-animais-diz-wwf.html>

7 <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2011/06/oriente-medio-e-norte-da-africa-vivem-situacao-indefinida-apos-revoltas.html>

8 <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/07/onu-seca-na-africa-poe-em-risco-1-milhao-de-criancas-desnutridas.html>

9 <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/07/chifre-da-africa-tem-pior-seca-dos-ultimos-60-anos.html>

Data de Acesso 08/06/2011 às 16 horas.